

ADAPTAÇÃO DO FILME DA DISNEY E DO VISIONÁRIO DIRETOR TIM BURTON

Disney
DUMBO

O CIRCO DOS SONHOS

LIVRO
OFICIAL
DO FILME



UNIVERSO DOS LIVROS

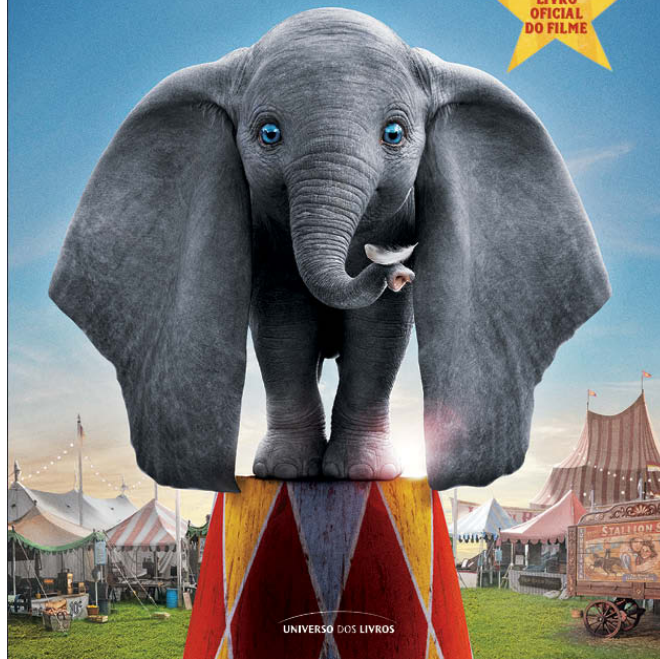


ADAPTAÇÃO DO FILME DA DISNEY E DO VISIONÁRIO DIRETOR TIM BURTON

Disney
DUMBO

O CIRCO DOS SONHOS

LIVRO
OFICIAL
DO FILME



Disney

DUMBO



Universo dos Livros Editora Ltda.

Rua do Bosque, 1589 – Bloco 2 – Conj. 603/606

CEP 01136-001 – Barra Funda – São Paulo/SP

Telefone/Fax: (11) 3392-3336

www.universodoslivros.com.br

e-mail: editor@universodoslivros.com.br

Siga-nos no Twitter: [@univdoslivros](https://twitter.com/univdoslivros)

Disney

DUMBO

O CIRCO DOS SONHOS

Kari Sutherland

Roteiro de
Ehren Kruger

SÃO PAULO
2019

Grupo Editorial
UNIVERSO DOS LIVROS

Dumbo - circus of dreams

Copyright © 2019 Disney Enterprises, Inc.

All rights reserved. Published by Disney Press, an imprint of Disney Book Group

Copyright © 2019 by Universo dos Livros

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Diretor editorial: **Luis Matos**

Gerente editorial: **Marcia Batista**

Assistentes editoriais: **Letícia Nakamura e Raquel F. Abranches**

Tradução: **Cynthia Costa**

Preparação: **Marina Constantino**

Revisão: **Juliana Gregolin e Tássia Carvalho**

Arte e capa: **Valdinei Gomes**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

S967d

Sutherland, Kari

Dumbo: o circo dos sonhos / Kari Sutherland; tradução de
Cynthia Costa. – São Paulo: Universo dos Livros, 2019.
304 p.

ISBN: 978-85-503-0406-9

Título original: *Dumbo – circus of dreams*

[Adaptação baseada no filme Dumbo de Tim Burton (2019)]

1. Literatura infantojuvenil 2. Elefantes - Literatura
infantojuvenil 3. Circo - Literatura infantojuvenil I. Título II.
Costa, Cynthia

19-0315

CDD 028.5

PRÓLOGO



MISSOURI, 1919

Milly Farrier, de doze anos, encostou-se na janela encardida do vagão de passageiros enquanto o trem cruzava as planícies de sabe-se lá qual estado. Se ela apertasse os olhos, o capim amarelado, as copas das árvores cor de esmeralda e as eventuais casas de fazenda se misturariam como se fossem uma coisa só – quase como nas pinturas abstratas de sua mãe.

É claro que Max Medici, o diretor do circo, obrigava Annie Farrier a adotar um estilo de arte mais acessível nas placas dos vagões e nas faixas do parque de diversões. Não tão abstrato, mas também não tão realista. Não, ele não queria que o cartaz destruísse a magia da experiência. Apenas Milly, Joe e o pai deles tinham aprendido a apreciar a varredura de cores pincelada nas telas que a sua mãe chamava de peças de “ação”. Elas captavam a forma como ela enxergava o público e as luzes do circo quando estava pendurada de ponta-cabeça no lombo de um cavalo, com os cabelos balançando.

Milly sabia que ele estava dando o melhor de si, mas os anúncios criados por Rongo não se comparavam aos de sua mãe, sempre ousados e cativantes. Milly sentiu um nó no estômago e uma lágrima escorrendo por sua bochecha quando agarrou a chave que pendia da corrente em seu pescoço.

Uma portinhola abriu-se ruidosamente no teto, e seu irmãozinho pulou de lá de cima para dentro do vagão. Ela já havia falado inúmeras vezes para ele não trocar de vagão a não ser que o trem estivesse parado, mas o garoto de oito anos nunca lhe dava ouvidos.

Rapidamente, Milly secou o rosto. Ela tinha de ser forte por ele agora.

— Joe, você sabe que não deve mudar de vagão com o trem em movimento — Milly deu uma bronca.

— A menos que seja uma emergência — Joe ajuntou assim que chegou à fileira dela. — E é uma emergência! Adivinhe, adivinhe! — Joe pulou no banco de madeira em frente à garota. Os pesados fios de cabelo castanho dele sacudiram um pouco, e o menino abriu um sorriso tão largo que poderia iluminar o céu. Era bom vê-lo tão feliz.

— O quê?

— Nós recebemos uma carta! Do papai! — O coração de Milly quase parou, mas Joe prosseguiu, falando tão depressa quanto as rodas do trem. — Estava junto com a correspondência do sr. Medici na última estação, ele acabou de encontrar. — Radiante, Joe tirou do casaco um envelope branco manchado com um floreio desenhado.

Milly resistiu ao impulso de arrancá-lo da mão do irmão. Joe o entregou a ela, e a menina puxou o papel amassado de dentro, seus olhos engolindo os garranchos do pai. Enquanto ela lia, Joe anunciou:

— Ele está voltando para casa, Milly! O exército o liberou com uma medalha e tudo mais. O sr. Medici já até enviou um telegrama dizendo para ele nos encontrar em Joplin.

Lágrimas de felicidade encheram os olhos de Milly, que sorriu para Joe.

— Ele está voltando para casa — ela afirmou, maravilhada.

— Mal posso esperar para ouvir as histórias dele — disse Joe. — Eu sei que ele não podia dizer nada nas cartas, pois elas poderiam cair nas mãos do inimigo, mas aposto que ele virou um herói trovejando pelos campos de batalha. Aposto que os alemães se rendiam com as mãos para cima.

Milly distraiu-se enquanto o irmão continuava a tagarelar ao fundo junto com o balanço do trem. Ela apertou a carta no peito como se pudesse abraçar o pai por meio das palavras dele. Mas logo esse abraço se tornaria realidade. Só precisava esperar mais um pouquinho. Ele tornaria tudo melhor. Milly sabia que ele não poderia trazer de volta a sua mãe — ninguém conseguiria fazer isso —, mas o seu pai era forte, o seu pai era corajoso, e ele era capaz de fazer qualquer coisa.

Eles não teriam mais que se preocupar. Ele tomaria conta de tudo. Ele tomaria conta deles.

CAPÍTULO

UM

Freando de forma barulhenta, o trem de repente sacolejou para trás ao chegar ao fim da linha, ao lado de uma vasta campina. Joe deu um gritinho quando foi atirado para cima, segurando com uma só mão uma barra no fundo do vagão. Em seguida, o solavanco da parada brusca o jogou direto na plataforma, e seus sapatos deslizaram pelo piso liso.

Milly não aprovaria nada disso. Ela daria uma bronca nele por ser tão imprudente. Uma ruga, que nunca aparecia antes de mamãe morrer, se formaria bem no meio da testa dela. Mas Milly não estava lá para ver.

— *Eiaaa!* — Joe exclamou ao saltar do trem.

Eles haviam finalmente chegado ao destino: Joplin, no Missouri, onde o pai deles os encontraria em questão de dias.

Vários meninos da idade dele vieram correndo pela campina, acenando animadamente em sua direção. Joe ergueu seu chapéu em resposta. Bem, não era o *seu* chapéu; era do seu pai e grande demais para ele, verdade seja dita, mas os outros meninos não notariam àquela distância.

Xibum. As portas dos vagões de carga se abriram lá no fim do trem, e a trupe saltou fazendo uma dancinha bem ensaiada. Um artista sempre ficava para trás em cada vagão para descarregar as coisas. A desbotada lona com listras vermelhas e brancas e os mastros para as tendas eram as primeiras coisas descarregadas, assim como a cerca que mantinha para fora aqueles que queriam dar uma espiadinha de graça.

— Opa, Joe! — saudou Rongo. O homem mais forte do mundo estava carregando uma pilha de tábuas que pesava muito mais do que os halteres infláveis de mentirinha que ele levantava no tablado.

— Oi, Rongo. — Joe acenou ao passar por debaixo de um cilindro que dois homens estavam transportando para a campina.

— Vá para o seu lugar — Rufus Sorghum ralhou com ele. Joe fez uma gracinha para o grandalhão mal-humorado, depois correu para a rampa por onde Milly já estava empurrando caixas. No vagão de carga atrás dela, Catherine, a Grande, mulher e assistente do mágico, arrumava outras caixas cuidadosamente. Havia muitas caixas.

A campina podia estar tranquila e vazia àquela hora, mas, antes do anoitecer, uma grade cercaria uma aldeia de tendas, com as jaulas dos animais mantidas o mais longe possível das bordas. Medici não queria que os habitantes de Joplin vissem as criaturas sem pagar.

— Ah, que bom, aí está você — disse Milly. — Vamos levar estas daqui...

— Vocês viram Barrymore? — perguntou uma voz aflita.

— Ah, não vi — disse Milly, fazendo uma careta engraçada para Joe enquanto Catherine veio à porta para ver o que estava acontecendo. Puck, outro artista, parecia estar em pânico.

— Ele deve ter escapado de novo — disse Joe. E andou devagarinho até o próximo vagão. — Eu posso me enfiar debaixo e em cima dos vagões para ver se ele está nos cantinhos apertados que ele adora.

Milly suspirou:

— Está bem, vá encontrar o macaco. — Joe escapuliu antes que ela terminasse a frase. — Mas volte aqui assim que o encontrar! — ela gritou para o irmão. Balançando a cabeça, a menina continuou a empilhar caixas de serpentinas e luzes.

— Não sou a vidente, mas prevejo que ele voltará exatamente quando tivermos descarregado a última caixa — disse Catherine com um sorriso.

— Não tenho dúvida — respondeu Milly sorrindo também.

A tenda principal era sempre a primeira a ser erguida, seguida pelas das outras atrações. Por último ficavam os bastidores, onde

os artistas moravam. Era estranho voltar à terra firme depois de uma semana sacolejando no trem, mas Milly estava ansiosa para ter um pouco de tranquilidade. Era dez vezes mais fácil medir substâncias químicas com precisão quando o chão não estava balançando.

— Obrigado, Milly. — O mágico Ivan, o Magnífico, deu um tapinha na cabeça dela ao passar para pegar uma caixa.

No fim da tarde, o acampamento já estava tomando forma, e eles já estavam levantando o alojamento lá no fundo. Joe retornou após uma longa caçada (Barrymore estava escondido dentro de um saco de amendoim e já tinha acabado com metade) e ajudou Milly a armar a tenda deles.

— Deixem que eu ajudo — disse Ivan indo até eles e levantando o mastro principal com facilidade, encaixando-o no buraquinho que Joe havia cavado enquanto Milly arrumava a lona sobre as hastes. Depois que o mastro se firmou, ficou mais fácil levantar o segundo e o terceiro. Joe fincou as pontas no chão enquanto Milly buscava os seus pertences no vagão.

— Vocês sabem que podem ficar na nossa tenda sempre que quiserem — disse Catherine, tocando no braço de Milly ao cruzar com ela a caminho do trem.

— Eu sei — respondeu Milly. Ivan e Catherine eram muito gentis e faziam tudo o que podiam por ela e Joe. Todos os dias eles perguntavam se os irmãos precisavam de algo, como ajuda para costurar mais tecido nas mangas já curtas das blusas de Milly. Às vezes, traziam presentinhos, como um saco de cerejas que compraram em uma estação de trem no caminho. E, toda noite, eles dormiam por perto. Na primeira parada após a morte de sua mãe, Milly e Joe tinham se refugiado na tenda de Ivan e Catherine, mas ela era apertada e claustrofóbica. Milly não conseguia preparar experimentos sem que Ivan tropeçasse neles, e Joe acabava acordando Catherine, que tem o sono leve, quando pulava da cama cedinho.

— Nós estamos bem — disse Milly. — E sabemos que vocês estão logo ali ao lado se precisarmos de algo. Mas obrigada.

— Tudo bem, então. Se precisarem, já sabem. — Catherine sorriu e prosseguiu seu caminho.

Quando Milly voltou à tenda, Ivan e Joe estavam colocando as camas para dentro. Ao entrar, ela sentiu uma emoção. Seriam três pessoas na tenda agora, não apenas duas — finalmente, sua família estaria reunida. Juntos, eles trouxeram os colchões e os arrumaram de forma que ninguém precisasse passar por cima de ninguém para sair da tenda.

O cheiro delicioso de ensopado espalhou-se pelo ar. A barriga de Joe roncou alto.

— *Rá!* — Ivan riu. — Ok, *niños*, acho que podemos parar por aqui.

Guiada pelo aroma de carne com cenoura, toda a trupe logo se juntou na tenda-refeitório. O verdadeiro coração do circo ficava ali. Em geral, Medici andava entre os artistas para saber como todo mundo estava, mas Milly não o viu em lugar nenhum. Talvez ele estivesse visitando os animais. Nos últimos tempos, ele andava particularmente obcecado pelo novo elefante. Milly e Joe pegaram as tigelinhas e entraram na fila com Ivan, atrás de Miss Atlantis, a sereia.

— Uma bela noite clara, não é mesmo? — Ivan indagou, olhando para o céu.

— Abafada demais para mim — Miss Atlantis respondeu se abanando.

— Conseguiu descarregar tudo? Precisa de uma mão? — ofereceu Ivan.

— Ah, já estou bem acomodada, obrigada.

Milly não ficou surpresa; Miss Atlantis quase nunca aceitava ajuda porque não queria incomodar ninguém.

A sereia torceu o tronco para alongar os músculos das costas:

— Mas não vejo a hora de dormir em terra firme. Preciso reconquistar o meu equilíbrio!

Após se servirem, Milly e Joe seguiram Ivan até os lugares que Catherine reservou para eles, guardando dois banquinhos cobizados para ela e o marido. Sentado de pernas cruzadas sobre um tapete próximo a ela estava Pramesh, o encantador de serpentes, e seu sobrinho, Arav. Milly ficou decepcionada ao constatar que eles tinham deixado as serpentes no alojamento. Ela gostava de examiná-las. Desde que ficassem longe dos

camundongos dela, tudo bem. Pramesh os saudou com a cabeça, enrugando o rosto com um sorriso. Arav, ainda tímido e reservado mesmo depois de anos com o circo, baixou a cabeça. As crianças sentaram-se no chão ao lado de Pramesh, deliciando-se com o ensopado.

— Puck é um gênio. De verdade — declarou Joe.

— Acho que qualquer cozinheiro lhe agradaria — zombou Milly —, desde que você não precise fazer nada.

— Não é verdade. Aquela semana em que o Rongo ficou responsável foi... hmm...

— O quê? — uma voz rosnou atrás deles.

Milly e Joe viraram-se para ver o homem mais forte do mundo agigantando-se sobre eles. Sua pele morena contrastava com a camiseta amarelo-vivo, e seus olhos estavam brilhando sob o luar.

— Continue, Joe. A minha semana foi...?

— Diferente? — disse Joe. — Mas talvez a comida só tenha sido apimentada demais para mim.

Rongo deu uma risadinha e piscou para as crianças: — Talvez tenha sido de propósito, talvez não. — Milly de repente se lembrou de que Medici tivera uma terrível indigestão naquela semana. — Eu não fui contratado para cozinhar. Estou tão feliz quanto você com a comida do Puck. Aliás, vou lá pegar mais.



Depois do jantar, todos se reuniram ao redor de uma fogueira. Milly estava brincando com a chave pendurada em seu pescoço e Joe estava deitado sobre as pernas de Catherine e Ivan. Sob a luz das estrelas, começaram a contar histórias. Esse era o momento do dia de que Milly mais gostava. Todo o trabalho estava feito, e todos podiam relaxar e se divertir — mesmo que as noites tivessem ficado mais discretas e as histórias, mais melancólicas do que festivas. Mas ainda era gostoso olhar para o céu ouvindo o rumor das vozes que contavam velhas lendas e piadas batidas. Puck tocou o seu pequeno acordeão, abrindo-o e fechando-o devagar, criando um doce pano de fundo musical. O pessoal implorou para que Miss Atlantis cantasse e, finalmente, depois de muita bajulação, ela

entoou a sua linda e expressiva voz. Embalada, Milly pôs-se a balançar o corpo.

— Bom, preciso ir ver como está Tanak — Pramesh disse assim que a canção terminou, levantando-se com um único movimento fluido.

Pramesh cuidava bem da sua serpente, capturando ratos para ela em todas as paradas. Ao menos ele se assegurava de que ela ficasse ou enrolada em seu pescoço, ou bem presa em seu viveiro. Milly ficaria arrasada se ela atacasse os seus camundongos.

— Ele está dormindo — Pramesh sussurrou, apontando para Joe.

Ivan virou a cabeça para conferir. — Bem, foi um longo dia, e vocês sabem como ele é madrugador.

Milly lamentou. — Sim, nós sabemos. Ivan, você poderia?

Sem nem mais uma palavra, Ivan pegou Joe no colo. Milly deu uma volta na roda, desejando boa-noite a todos, antes de segui-lo até a tenda.

— *Buenas noches*, pequeninos — Ivan disse ao puxar o cobertor sobre Joe. — Durma bem. — Ele deu um beijo na testa de Milly antes de sair na escuridão.



— Holt logo estará aqui — Catherine disse quando Ivan voltou a se juntar a ela ao redor da fogueira.

Ivan assentiu, encostando o seu ombro no dela. — Espero que a guerra não tenha sugado toda a sua força. As crianças precisam dele forte. — Ele já havia visto muitos soldados com olhos assombrados na plateia do circo. Nem mesmo o número dos palhaços era capaz de animá-los.

— Sim, também espero.

A lenha da fogueira estalava e as tigelas tilintavam conforme a trupe as colocava na pia. Miss Atlantis fazia um gesto de boa-noite a todos que iam saindo, os seus braços mergulhados na água com sabão. Como Puck havia feito toda a comida, ela se voluntariara para lavar a louça. Eles usariam tudo de novo na manhã seguinte, no café da manhã.

A vida no circo era cíclica, sem dúvida.

MISS ATLANTIS



BOSTON, MASSACHUSETTS, 1913

Penny Devenport suspirou quando sua mãe trouxe mais um pretendente para casa, exibindo um monte de bugigangas trazidas do Japão — os leques delicados, as xícaras de porcelana, os bibelôs de jade. Tudo miudinho, tudo facilmente quebrável e meigo. Por que sua mãe era tão obcecada com qualidades exatamente opostas às de Penny?

Não que Penny não tentasse ser meiga. Ela havia treinado dar passinhos minúsculos com os pés, mantinha os braços perto do corpo o tempo todo e mal ousava respirar quando estava na sala de estar. Naquele mesmo momento, o espartilho estava apertando os seus pulmões de forma desconfortável. E se ela desmaiasse? Será que o cavalheiro viria acudi-la? Provavelmente, ela acabaria esmagando o homem, que era bem magrinho.

Penny resfolegou, depois baixou a cabeça. A sra. Davenport dirigiu-lhe um olhar mordaz, mas continuou papeando sobre pires importados.

Considerando-se o fascínio do homem pelos padrões folhados a ouro, seu mais recente pretendente em potencial, Jonathan Billings III, nem notaria se Penny caísse dura. Ela baixou os ombros tristemente.

Não era nenhuma novidade. Ninguém parecia notá-la exceto a mãe dela, e só para listar tudo o que Penny fazia de errado.

Por que ela deveria ficar ali, para começar? Nem a sra. Davenport nem o sr. Billings se importavam com a presença dela. Para fazer a propaganda de Penny como uma boa futura esposa, sua mãe usava todos os objetos da casa, menos ela.

Penny remexeu-se na cadeira, e o cetim do vestido fez um barulho, chamando a atenção de Jonathan Billings III, que olhou para ela pela segunda vez naquela noite.

— E você, Penny? Eu imagino que faça bordados. Alguns destes são seus? — Ele apontou para as almofadinhas costuradas à mão,

que só serviriam para decorar o sofá de uma joaninha.

Penny levantou-se do canapé:

— Infelizmente não, senhor. Não tenho habilidade com a agulha. Tenho de pedir licença, por favor, pois estou me sentindo bastante cansada.

A sra. Augustine Davenport reagiu como se Penny tivesse dado um tapa em sua cara. Os olhos de Jonathan Billings III piscaram várias vezes.

Ao menos ele se deu ao trabalho de olhar para ela.

— Tenha uma ótima noite, senhor — disse Penny, fazendo a sua melhor medida. Ela podia não saber costurar — os seus dedos nunca conseguiram segurar bem a agulha —, porém, ao menos, ela sabia fazer medidas. Mas claro que ela estragou a sua saída triunfal ao bater a perna no braço da poltrona, fazendo o cômodo inteiro tremer. Em silêncio, Penny lamentou ser tão desajeitada. Mais tarde, a sua mãe com certeza iria repreendê-la por seu comportamento incompatível com o de uma dama, mas aí já seria tarde demais. Jonathan Billings III já estaria longe dali, como outro possível noivo assustado.

“Se eu conhecesse alguém do meu jeito, será que seria diferente?”, Penny perguntou-se. “Se eu cantasse, talvez eles olhassem para mim, e não para a sala toda decorada. Talvez, se tivéssemos algo — qualquer coisa — em comum...” Ela sabia que a maioria dos homens só tinha interesse em sua fortuna.

Lá em cima, no quarto dela, Penny livrou-se do vestido e puxou as fitas do espartilho até soltar o suficiente para ela poder respirar. Colocou um robe e sentou-se em frente ao espelho, onde se pôs a escovar as longas mechas escuras do cabelo.

Sem nem pensar a respeito, ela começou a cantar, as notas saindo em cascata de dentro dela, a música revitalizando-a.

Toc, toc. Ela só ouviu o som de batida na porta na pausa entre uma canção e outra. Ainda era cedo demais para a sua mãe ter se recuperado da vergonha passada na sala de estar. E ela não costumava bater na porta, de qualquer jeito.

— Pode entrar, Helen — disse Penny.

Um rosto cautelosamente otimista apareceu, e a empregada então entrou carregando uma bandeja com leite e biscoitos.

— Pensei que fosse querer um lanche, senhorita Penny, já que não estava com muito apetite durante a visita do sr. Billings.

Penny sorriu e mudou-se para a mesinha perto da janela. — É verdade, eu sempre fico nervosa durante essas visitas. Obrigada, Helen.

Enquanto mergulhava um biscoito no leite antes de mordê-lo, Penny observou Helen arrumando o quarto e a cama para ela. Penny com frequência se sentia culpada por Helen fazer tarefas tão servis que ela mesma era perfeitamente qualificada para fazer. Helen levantava-se antes do amanhecer e acendia as lareiras, picava alimentos e fazia qualquer tarefa que fosse necessária. Era provável que ela não tivesse se sentado uma única vez o dia todo.

— Por que você não descansa um pouco? — Penny apontou para a outra cadeira no canto.

Helen balançou a cabeça e continuou afofando os travesseiros. — Não, obrigada, senhorita. Essa é a última coisa antes de ir me deitar. Logo estarei descansando.

Penny conseguia ouvir as vozes no andar de baixo. Ela pensou na mãe implicando com ela o dia todo, lembrando-lhe de sentar-se ereta ou criticando o seu bordado — como se essas coisas fossem importantes. Ultimamente, toda conversa acabava com a mãe tentando coagi-la a se casar por conveniência.

— Gostaria de poder agradá-la — Penny suspirou.

— Ela é muito exigente, senhorita — Helen concordou.

— Ontem ela me disse que eu não servia para ser uma dama, que me daria melhor em um circo. Ela chegou a me chamar de aberração.

O coração de Penny ficou apertado quando ela se lembrou da repulsa nos olhos de sua mãe. Tudo porque Penny não conseguia fazer um bordado tão preciso quanto o dela.

— Ah, senhorita, eu não acho que ela pense isso de verdade. — Helen alisou a colcha, depois olhou para Penny. A empregada arqueou as sobrancelhas ao tentar consolar a garota. — Dá para imaginar você em um circo?

Penny sorriu:

— Você não acha que eu seria uma bela assistente de mágico? — brincou.

Helen riu e descartou a possibilidade, mas algo despertou na cabeça de Penny. Será que aquela ideia era tão absurda assim? Ela sempre adorava quando o circo vinha para a sua cidade. A última vez em que ela se sentira verdadeiramente feliz e tranquila na presença dos pais fora anos atrás, quando eles a levaram ao circo. Com dedos grudentos de tantas guloseimas doces e sob aquele feitiço da música e das luzes, ela corria de um lado para o outro, e seus pais a seguiam pacientemente.

Talvez uma trupe de circo perdoasse os seus defeitos. E ela também poderia viajar, mais do que se fosse casada com algum banqueiro. Ela poderia conhecer todo tipo de gente interessante e colecionar memórias em vez de bibelôs. Balançando a cabeça, ela terminou de beber o leite e se preparou para dormir. Se fosse rápida, talvez pudesse fingir estar dormindo quando sua mãe viesse dar um sermão sobre o seu fracasso como filha.

Quando Helen saiu, Penny deitou-se e permitiu-se imaginar mais um pouco. Se não fosse o circo, talvez houvesse outra coisa que ela pudesse fazer — outro lugar para o qual ela pudesse ir? Qualquer parente logo a devolveria para a sua mãe. Se ela se juntasse ao circo, mesmo que a mãe conseguisse encontrá-la, nunca pediria para ela voltar. Ela ficaria ultrajada. E preferiria inventar alguma história, como uma morte por pneumonia, a permitir que algo maculasse o nome da família Davenport.

Penny precisaria juntar economias, pois só os artistas principais tinham uma vida confortável. Ela também precisaria de um número. Hummm. Sua voz era boa — as aulas de canto foram as únicas de que ela tinha gostado —, mas a maioria dos circos não tinha cantoras. Penny virou para o lado e seus olhos voltaram-se para a prateleira de livros, onde havia, entre outros títulos, uma coletânea de contos de fada de Hans Christian Andersen. Se Penny realmente quisesse cortar relações com a sua família e a sua criação, começando uma nova vida em um novo mundo, não seria como a Pequena Sereia? Lutando por algo que fosse só dela? Por uma nova identidade? Não seria uma busca pelo amor, porém — bem ao contrário: ela estaria tentando escapar de homens engomadinhos e de casamentos arranjados em seu círculo social.

Mas, assim como a Pequena Sereia do livro, que nunca havia se sentido à vontade em suas escamas e desejava ter pernas humanas, não se importando com o preço que pagaria para isso, Penny também estava disposta a fazer sacrifícios. Ela sabia que a vida no circo não seria simples; mudar toda hora de lugar não devia ser fácil, e ela perderia todos os confortos da alta classe. Mas aquele era um preço baixo a se pagar pela chance de ser mais como ela mesma. Para movimentar-se como bem quisesse, sem se preocupar em quebrar nada em uma sala repleta de jogos de xícaras delicadas. Ninguém para mandá-la andar com cuidado para não derrubar os enfeites das prateleiras. Ninguém para tirar-lhe o ar obrigando-a a usar espartilhos feitos para a sra. Davenport quando jovem. “Se servia em mim quando tinha a sua idade, deveria servir em você também”, dizia a mãe.

Talvez ela pudesse se apresentar como a voz daqueles cuja lenda dizia estarem perdidos no mar — os cidadãos de Atlântida. Desde que lera Atlântida: Um Mundo Antediluviano, de Ignatius L. Donnelly, que relata a trágica queda desse império, ela desejava secretamente que eles tivessem se transformado em sereias. Por que não? Se pessoas podiam atravessar neve e gelo para chegar ao fim do mundo, quem poderia afirmar que os cidadãos de Atlântida não tinham encontrado uma forma de sobreviver debaixo d’água?

Penny caiu em um sono agitado, cheio de sonhos com sereias, paisagens interioranas e picadeiros bem iluminados. E, dois meses depois, quando o Circo dos Irmãos Medici chegou à cidade, ela aproveitou a oportunidade para mergulhar de cabeça.

Saltou da elite discreta e tacanha para os braços acolhedores de um bando de desajustados, e nunca mais olhou para trás, mesmo quando o circo empobreceu. Mesmo quando as suas próprias economias acabaram e ela teve que usar o restinho que tinha para comprar medicamentos e cobertores para a trupe. A sua nova família valia a pena. E, embora ela nem sempre conseguisse superar as suas inseguranças, eles nunca a julgavam, nem a faziam se sentir inferior. Ela era livre para ser quem ela quisesse ser. E ela queria ser... Miss Atlantis.

CAPÍTULO

DOIS

Milly virou-se para o seu último paciente, munida de seu estetoscópio. Ela auscultou cuidadosamente, depois tirou os tubos das orelhas com um semblante de aprovação.

— Respiração normal, batimentos cardíacos normais. Você está pronto para se apresentar! — Sorrindo, ela colocou o camundongo de volta na gaiola. Ele fez um barulhinho para Milly, depois cutucou a sua fantasia de mestre de cerimônias, quase como se a estivesse ajustando.

Milly deu uma risadinha. Timothy Q. era o mais extrovertido dos três ratinhos, e foi por isso que se tornou mestre de cerimônias no “PEQUENO MAIOR ESPETÁCULO DA TERRA!”. Ele era mandão também, o que contou a seu favor — vivia dando ordens aos irmãozinhos, mostrando-lhes o que fazer e para onde ir. As crianças adoravam o circo em miniatura. Talvez não fosse a atração do Circo Medici que mais arrecadava dinheiro, mas Milly tinha orgulho dela.

Pegando o seu caderninho, ela tomou o cuidado de registrar o estado de saúde de Timothy. Uma cientista (ou médica) precisava manter as informações bem precisas.

— Milly! — Joe chamou ao entrar com tudo na pequena tenda. Ele estava arfando.

Assim que viu o rosto dele, ela adivinhou.

— Outro trem! — ele anunciou triunfantemente.

Milly deu um pulo e os dois puseram-se a correr, passando pela porta da tenda. A distância, eles viram a fumaça do trem se aproximando e ouviram um longo apito invadindo o ar matinal.

— *Niños!* — Ivan gritou quando Milly e Joe passaram correndo pelo meio do ensaio do mágico e da sua mulher. — Esperem! Nós vamos também. — Ivan apressou-se para tirar Catherine da caixa de mágico, mas as crianças não desaceleraram.

A plataforma da estação de Joplin estava lotada de pessoas bem-vestidas. Muitos habitantes locais desviaram das mãos sujas de Joe, que passou empurrando as pessoas, mas outros estavam mais concentrados no trem que acabara de chegar.

Soldados desceram dos vagões e reencontraram os seus entes queridos — lágrimas de alegria escorriam pelos rostos de todos. Milly e Joe olharam por entre a multidão, e Ivan e Catherine juntaram-se a eles.

“Onde ele está?” Milly sentiu um nó de ansiedade em seu peito. E se tivesse havido um erro? E se ele ainda não estivesse voltando para casa?

Uma mulher com um enorme chapéu verde-esmeralda deu um gritinho quando um jovem soldado a abraçou e a girou no ar. Quando ele a colocou no chão e deu um passo para trás, Milly viu seu pai, Holt Farrier, atrás deles.

— Papai! — Milly e Joe gritaram juntos antes de correr até ele.

Fazia um ou dois dias que o pai não fazia a barba, mas seu rosto estava tão bonito quanto na memória de Milly, embora as costas já não estivessem tão retinhas. Mas ele carregava uma mochila no ombro esquerdo, que talvez estivesse pesada. De repente, ele caiu no chão, e a mochila escorregou do seu ombro.

Milly levou um susto.

No lugar do braço esquerdo dele havia apenas... ar. A manga do uniforme havia sido abotoada com cuidado sob o ombro, como se o exército não pudesse permitir nenhum relaxo, mesmo quando um membro estivesse faltando.

Ao lado dela, Joe paralisou a alguns passos do pai, que parecia ter desmaiado. Quando Ivan e Catherine se aproximaram, o pai das crianças se mexeu.

Ele abriu e fechou os lindos olhos até lentamente focalizar o olhar neles.

Então viu as expressões de choque e deu um sorriso tímido ao se levantar.

— Eu queria contar para vocês na carta — Holt falou enquanto fez um gesto com a cabeça na direção do braço ausente. A voz dele estava rouca pela falta de uso. — Mas eu não sabia como dizer. — Como as crianças não se mexeram, ele as puxou para perto com o braço direito. — Venham aqui. Sou eu mesmo!

— A guerra acabou? Nós ganhamos mesmo? — Joe arriscou perguntar.

— O país, sim. Muitos homens, não. — Os olhos de Holt ficaram distantes e depois se voltaram para o filho. Um brilho de orgulho surgiu no rosto dele. — Veja você, como está crescido. Você se lembra de mim, não lembra?

Dessa vez, Joe não hesitou. Ele abraçou o pai, que também o apertou com força antes de se voltar para Milly. O cabelo castanho dela estava mais comprido, separado em duas tranças, e a menina usava um macacão cinza com fivelas cor-de-rosa que ele não reconhecia.

— E você está tão bonita quanto a sua mãe. — A tristeza cobriu a sua face. — Eu sinto muito por não ter estado aqui.

Milly assentiu enquanto os seus dedos involuntariamente procuraram a chave pendurada em seu pescoço. — Ela também sentiu muito — disse delicadamente.

O pai virou a cabeça, com os olhos cheios de lágrimas. Ela se aconchegou no espaço vazio do lado esquerdo dele e abraçou o corpo forte do pai.

— Nós estávamos com saudades.

— Eu também — disse Holt. Ele olhou para os filhos desejando de todo o coração que pudesse ter estado com eles e com Annie. E desejando saber o que fazer agora. Erguendo a cabeça para os outros artistas, ele os saudou. — Ivan, Catherine. Obrigado por terem cuidado deles.

— Claro, Capitão Farrier — disse Ivan.

— É Holt. Só Holt — ele respondeu com firmeza. Seus dias de militar haviam chegado ao fim. Ele avistou as cores do circo a distância. — Não se preocupem — ele sussurrou para as crianças. — Tudo será como antes.

Talvez não pudesse ser exatamente como antes — não sem Annie. Mas, por seus filhos e pelo circo, ele tinha de tentar. Nas

longas noites que passara no hospital e nos longos dias viajando para casa, ele pensou em números que conseguiria realizar com um só braço.

Quando entraram no acampamento, de cara tudo parecia igual. As tendas paralelas e as barraquinhas de comida ainda ficavam ao redor da tenda principal, como as pétalas em volta do miolo da flor. No entanto, agora estavam mais distantes umas das outras, pois algumas já não existiam mais. Placas indicando as jaulas dos animais conduziam os visitantes para os fundos, de modo que passassem por todas as outras atrações. E, claro, a atração principal — a Tenda Alta — erguia-se acima de tudo, como um palácio. Mas, por algum motivo, ela parecia menor. É claro que não havia diminuído; era a mesma lona de listras vermelhas e brancas. Holt é quem tinha mudado.

Membros da trupe apressaram-se a vir cumprimentá-lo conforme a notícia do seu retorno se espalhava. A alegria deles, porém, desmanchava-se quando o viam. De maneira constrangedora, Holt tentou esconder seu ombro esquerdo, como se isso fosse fazer diferença.

Pramesh veio ao seu encontro e o abraçou com força.

— A melhor das viagens é aquela que nos leva de volta para casa. Bem-vindo ao lar! — ele exclamou. A grande serpente enrolada ao redor do pescoço do encantador deslizou para o pescoço de Holt.

— Uh, dispenso esse abraço! — disse Holt para a serpente ao se afastar dela e do dono. — Pramesh, senti sua falta. Mas o que está acontecendo? O acampamento está com metade do tamanho de antes.

— Tempos difíceis, meu amigo. Para todos. — Pramesh balançou a cabeça com tristeza. A serpente enrolou-se em seu pescoço e mostrou a língua, concordando.

— *Aaaahhh!* — Um grito furioso interrompeu a conversa.

A porta do trailer se abriu e de dentro surgiu um homenzinho com formato de barril vestindo um longo roupão cor de rubi. Seus olhos castanho-escuros debaixo de um par de sobrelhas grossas e uma cartola vistosa inspecionaram sua equipe.

— Atenção, seus infelizes tapados — o homem berrou. — Por que a regra número um é *chamada* de regra número um? Porque “*manter as jaulas trancadas*” é a regra mais importante de todas!

O diretor do circo abriu o roupão para mostrar o rasgo na camisa feito por uma pata. No mesmo momento, a cara de um macaquinho apareceu de dentro da cartola e sorriu para a plateia.

Um riso abafado percorreu todo o grupo, enquanto Max Medici prosseguiu com a bronca, sem se dar conta da presença de Barrymore. Miss Atlantis escondeu o sorriso com a mão, mas Catherine riu com vontade, e os olhos de Pramesh piscavam alegremente. Puck era o único que parecia nervoso, alternando o peso do corpo de um pé para o outro e coçando a nuca. Afinal, o responsável pelo realejo era também responsável pelo macaquinho.

— E, quando eu encontrar o patife que me acordou da minha soneca... — Medici parou de falar ao ver que a trupe claramente não o estava levando a sério. — Rongo!

— Sim, Max? — Rongo perguntou calmamente, dando um passo à frente.

— Quem está responsável pela administração do acampamento?

— Eu sou o homem mais forte do mundo. — A voz de Rongo saiu cômica.

— Sim, mas todos nós acumulamos múltiplas tarefas. — Medici tirou a cartola, mas o macaquinho, mais que ligeiro, passou para a parte de trás do roupão. Medici virou-se, mas não o viu.

Virando-se de volta, Medici apontou um dedo para Rongo, ignorando os palhaços, que rolavam de rir. — Você é o responsável pela contabilidade e pelo orçamento e pelo inventário, e isso inclui cuidar dos animais. Quero que você encontre aquele macaco.

Rongo olhou para o danadinho do Barrymore. O macaco tinha descido e entrado na caixa que Puck deixara aberta para ele atrás de Medici. — Vou dar uma olhada por aí.

— Ok. Voltem todos ao trabalho — proclamou Medici, ajustando a cartola sobre a cabeça. Só então o diretor do circo parou e arregalou os olhos. — Holt?

Holt acenou com a cabeça, com um sorriso genuíno estampado no rosto, e tomou parte no vozerio e nas brincadeiras antes de

Medici conduzi-lo até o trailer. Milly e Joe seguiram o pai até o pequeno escritório.

Medici acomodou-se na cadeira atrás da mesa lotada, e os Farriers sentaram-se em banquinhos.

— Nesse inverno, a gripe nos abateu como um furacão. Natalya, Vincenzo, os Vanderjees... e depois a pobre Annie. Ela lutou bravamente. — Medici puxou um lenço empoeirado e enxugou os olhos. — Ela era a melhor entre nós, Holt.

Determinado a não se deixar dominar pela emoção, Holt endireitou os ombros. — Eu sei. Então, para homenageá-la, esta será a nossa melhor temporada. Onde estão os meus cavalos?

— Ah, essa é uma história engraçada. — Medici inclinou-se para trás, cruzou os dedos sobre a barriga e olhou para o teto.

— Engraçada como? — perguntou Holt.

— Ele os vendeu — Milly e Joe falaram juntos. Holt olhou para eles. Só podiam estar brincando. Mas Medici não negou. Holt encarou Medici, desacreditando.

Medici remexeu-se na cadeira e relutantemente olhou de volta para Holt. — Você estava longe, lutando contra o Kaiser Wilhelm. Deus sabe que tenho estado ocupado também, tendo de concorrer com o rádio e o cinema. Costumava haver cem circos viajantes; agora estamos entre os últimos a sobreviver.

— O nosso número era a alma do espetáculo! — exclamou Holt.

— E não tínhamos mais você nem Annie para montar os animais. Se Milly tivesse aprendido...

— Eu não quero ser uma atração no seu circo — afirmou Milly com firmeza. — Cavalgando de lado, fazendo malabarismo com pratos... — O pai a observou, tentando esconder a sua mágoa.

— Veja como ela ainda é impossível. — Medici encolheu os ombros.

Milly ergueu o queixo:

— Eu quero fazer descobertas científicas. Quero ser reconhecida pela minha mente.

— Então aprenda telepatia ou torne-se vidente! Algo que me seja útil! — Medici jogou os braços para cima.

Joe interrompeu a briga, que já tinha presenciado antes. — Eu consigo plantar bananeira por quase dez segundos — interveio.

— “Criança Planta Bananeira.” Estaremos falidos no meio do ano — disse Medici.

— Todas aquelas horas ensinando você a montar — começou Holt, olhando para Milly.

— É verdade, papai. Veja! — Joe pegou impulso e ficou de ponta-cabeça sobre as mãos, mas caiu quase no mesmo instante. Indo mais para perto da parede, ele tentou de novo.

— Eu amo esse garoto, Holt — Medici murmurou ao verem Joe caindo de novo de forma desajeitada. — Mas ele não herdou os seus genes de atleta.

Franzindo as sobrancelhas, Holt voltou-se de novo a Medici. — Espere um pouco, sem os cavalos, qual será o meu número? Eu ainda posso *montar* — insistiu. Instintivamente, ele tentou levantar os braços, mas só um se ergueu. Isso acontecia com muita frequência. Tentando ignorar a frustração, ele continuou: — Talvez tenhamos de tirar os truques com cordas, mas podemos continuar com os saltos e as corridas... Tenho algumas novas ideias de rodopios. — Sua voz perdeu a força ao ver a expressão dúbia de Medici. — O público vem *me* ver.

Medici desviou o olhar. — Holt, meu amigo, eu sinto em dizer que números equestres já não fazem mais tanto sucesso. As pessoas conhecem cavalos, elas os veem todos os dias. Elas querem algo novo do circo.

— Max, por favor — disse Holt gentilmente. — Eu preciso de trabalho. — Medici sempre tratara a trupe como sua família, então Holt sabia que não seria atirado na sarjeta só porque não havia mais cavalos... mas Holt *precisava* se sentir útil. Ele precisava se distrair.

— *Ahá*, boas notícias! — respondeu Medici. — Tenho uma vaga disponível.

Holt animou-se. — Tudo bem, então. Ofereça-me uma grande atração.

Medici coçou o nariz. A cadeira rangeu quando ele se inclinou para a frente. — Aquele velho traste do Itchy McPhee finalmente fugiu com a mulher barbada. Desde então, tenho tido dificuldade de substituí-lo. Preciso de alguém para cuidar dos elefantes.

— Você só pode estar brincando. — Holt não conseguiu disfarçar a sua decepção. Milly e Joe trocaram um olhar de preocupação.

— Não estou brincando, não. É um grande trabalho. Você sabe que é — Medici exaltou.

— Não, é só uma pá grande para uma pilha grande de...

— Papai! — Milly e Joe o repreenderam. Annie nunca permitiu que falassem palavrões.

Holt se levantou. — Você vendeu os meus cavalos, mas ficou com os seus elefantes. Os seus elefantes esqueléticos, sarnentos e desclassificados!

Medici ergueu a mão como forma de colocar panos quentes. — Eles são importantes. Especialmente nesta temporada. É contra a minha natureza, mas, uma vez na vida, eu fiz um investimento. — Ele sorriu calmamente para Holt.

Os ombros de Holt se encolheram. Não havia outra opção — o circo era família, casa e emprego, tudo no mesmo lugar. Ele não sabia fazer nenhuma outra coisa. Não podia ir embora; tinha de sustentar os filhos. Ele olhou para as carinhas esperançosas deles.

— Tudo bem. Vamos ver esse seu *investimento* — ele resmungou.

CAPÍTULO

TRÊS

Joe correu para conseguir acompanhar Holt, Medici e Milly, que caminhavam rapidamente para os vagões dos animais. Lá da frente, eles ouviram um berro alto de protesto. Medici acelerou o passo.

Rufus Sorghum estava ao pé de uma rampa de metal com uma vara na mão. Dentro do vagão, um dos seus assistentes tentava empurrar um elefante pela rampa, enquanto outro puxava uma corda amarrada ao pescoço do animal. A tromba do elefante se ergueu e dela saiu um novo bramido. Joe reconheceu que o animal era o Golias.

— Vamos! Mova essas suas rugas feias! — Rufus gritou e, lá de baixo, cutucou com a vara a anca do elefante.

Uma explosão de fúria encheu o peito de Joe.

Medici apressou-se até ele, mas sua voz foi mansa. — Tome cuidado, Rufus. *Respecto, respecto*.

O homem mais alto o desdenhou. — Ele é que precisa ganhar o meu respeito. E não me venha com essas expressões metidas em italiano, Gustavo. Quando jovem, você não passava de um engraxate.

— Por que ele está chamando Max de Gustavo? — Joe cochichou para Milly ao ver os homens puxando o elefante rampa abaixo até formar uma fila com o irmão dele, Zepelim.

— Eu não sei — ela respondeu sem dar importância. — Talvez ele tenha batido a cabeça.

Os olhos de Rufus voltaram-se para Holt. Ele sorriu de forma afetada e desagradável.

— Ora, vejam quem está de volta. Ou, pelo menos, a maior parte dele — zombou.

Joe deu um passo à frente, mas Milly o segurou. O pai deles nem piscou. Joe admirava a segurança dele.

— Ainda feliz por ter servido o seu país em vez de nos ajudar a vender ingressos? — Rufus perguntou.

Com um abano da cauda, o elefante espirrou um monte de lama sobre Rufus — bom, ao menos *parecia* lama — ao passar por ele. Rufus xingou. *Não, não era lama*, Joe ficou feliz ao perceber.

Ainda sorrindo, Joe seguiu Medici, o pai e a irmã, olhando rapidamente para trás a fim de ver Rufus, cujas bochechas estavam ficando vermelhas de raiva. Ao limpar a cara, Joe notou Rufus olhando para ele, mas o menino nem se importou. Rufus podia encará-lo o quanto quisesse; agora seu pai estava de volta, e logo os elefantes estariam a salvo daquele brutamontes. Mesmo assim, Joe deu uma corridinha para acompanhar os outros.



— Como podem ver — Medici disse calmamente ao conduzir Holt ao próximo vagão —, eu venho tentando me virar. Mas você, Holt, conhece bem os animais. E eles amam você!

Holt coçou a cabeça. Ele nunca lidara com elefantes antes. Ele sabia que eram inteligentes e que certamente conseguiam aprender truques com rapidez... mas será que responderiam bem a ele?

Medici abriu a porta do vagão e entrou. O chão estava coberto de palha sobre a qual estava deitada uma grande elefanta cinza. Os olhos dela os seguiram, mas ela não levantou a cabeça a mais de trinta centímetros do chão.

— *Voilà!* — Medici exclamou. — Conheçam a sra. Jumbo. A nossa recém-chegada fêmea asiática, que comprei do Brugelbecker em Biloxi. Negocieei um bom preço com ele.

Holt não conhecia muito aquelas criaturas, mas essa parecia estar doente. Sua barriga estava inchada, talvez com um tumor.

Ela chiou de cansaço.

— Eu vi algo especial nos olhos dela — continuou Medici.

“Talvez os seus olhos estivessem cegados pelos cifrões”, pensou Holt. Medici era um bom líder na maior parte das vezes, mas de vez em quando a ambição o dominava. Em voz alta, Holt disse:

— Este é o seu investimento? Uma elefanta velha e doente?

Medici balançou a cabeça. — Ah, não. Ela não está doente. Mais dia, menos dia, ela terá um *bebê*. — A voz dele era de reverência. Milly e Joe pareciam compartilhar do seu entusiasmo. Os rostinhos deles brilharam ao espiar a futura mamãe.

— Um bebê? — perguntou Holt. — Como, exatamente, isso trará dinheiro para o circo?

— Vou lhe mostrar. — Medici deu um sorriso, gesticulando para que saíssem do vagão. A sra. Jumbo acomodou-se novamente sobre a palha, com um suspiro de alívio.

Medici andou até uma tenda próxima. — O que é capaz de unir todas as pessoas do mundo? O que faz todos sorrirem, encherem os olhos de lágrimas, sentirem o coração bater mais forte?

Holt ergueu uma sobrancelha. Quando entrava em seu espírito espetaculoso, o que acontecia na maior parte do tempo, Medici exagerava um pouco.

— Sorvete? — Joe arriscou. Fazia anos que ele insistia com Medici para que vendessem a gostosura.

Medici balançou a cabeça. — Bebês!

Ele ergueu a cortina que cobria a porta da tenda, revelando um berço gigante, forrado de palha e equipado com um chocalho do tamanho de um haltere, uma chupeta enorme e um ursinho de pelúcia. Em uma faixa pendurada acima, lia-se: BEM-VINDO, NOSSO QUERIDO BEBÊ JUMBO!

— As pessoas amam bebês — Medici continuou, caminhando até o berço. Ele alisou a coberta rendada. — Eu, pessoalmente, não gosto, mas sou uma exceção. As pessoas adoram coisas fofinhas, é por isso que têm filhos. E crianças adoram coisinhas pequenas, por isso gostam de bebês. Então... bebês equivalem a crianças, que equivalem a pais, que equivalem a ingressos! — Medici desfilou pelo imenso quartinho de bebê, passando por várias caixas, depois se virou para Holt, animadíssimo. — Isso significa grandes oportunidades para você e para mim! Dependendo do sexo, vamos escolher uma cor para pintar.

Joe passeou por entre as muitas latas de tinta empilhadas em um canto.

— Você quer que eu seja babá de um elefante. — Holt estava decepcionado. Não conseguia acreditar no que estava acontecendo com ele.

— Vinte e cinco centavos por uma espiada na tenda. — Medici remexeu-se no lugar, já se imaginando vendendo ingressos.

Holt fechou a cara. — Você *me* quer como babá. De um elefante — ele repetiu.

Medici deu atenção ao amigo pela primeira vez. Ele se abaixou até Milly e Joe. — Por que ele está dizendo as mesmas coisas duas vezes? Alguma sequela da guerra? — ele sussurrou.

Foi a gota d'água. De punho fechado, Holt foi com tudo para cima de Medici. — Eu tinha dezoito cavalos lindos! — Ele afastou o braço como se estivesse guiando corcéis pelo picadeiro.

— Sim, você tinha — Medici respondeu calmamente. Ele sacudiu um pouco a cabeça e dirigiu a Holt um olhar firme e solidário. — E tinha também uma esposa. Um braço. Se for viver do passado, vai acabar falido.

Holt o encarou. Talvez não houvesse mesmo como retornar ao passado. Mas isso não significava que ele tinha de aceitar o presente.

Tri-li-lim! Medici jogou o chocalho gigante na mão de Holt fazendo um barulho estridente. Uma vez dadas as notícias, ele saiu da tenda:

— Vocês me agradecerão mais tarde. Os elefantes são o futuro!

— Vamos, papai. — Joe o puxou pela camisa. — Vamos guardar as suas coisas antes do jantar.

Holt colocou o chocalho no lugar e seguiu as crianças até o alojamento. As pessoas o saudavam, mas ele apenas acenava de volta vagamente, quase sem notar que Arav estava meditando em frente à tenda dele e que Ivan e Catherine estavam treinando com a caixa espelhada. Nem mesmo o rumoroso grupo de palhaços, composto de uma família grega, fazendo uma algazarra no espaço onde acendiam a fogueira à noite chamou a sua atenção.

Joe e Milly entraram em sua pequena tenda bege, que tinha um quarto do tamanho da antiga tenda. “Aonde eles estão indo?” Uma

ponta de preocupação apareceu na mente enevoada de Holt quando ele entrou na tenda.

Três caminhas de armar estavam apertadas ao lado de dois baús grandes, um dos quais com a frase “ESTRELAS DA MONTARIA” gravada em letras douradas. Um pequeno engradado foi transformado em prateleira de livros, e um segundo guardava alguns potes e panelas.

— Veja, papai, estou melhorando — disse Joe pegando um punhado de maçãs e tentando fazer um malabarismo. Ele se abaixou para pegá-las quando caíram no chão.

— Esperem, *esta* é a tenda de vocês? — Holt olhou em volta, pasmo. — Mas nós tínhamos móveis, camas, cômodos... — Como estrelas do espetáculo, Annie e ele ocupavam a maior e mais equipada tenda, com cortinas separando um quarto do outro e até uma área de visitas. Nervoso, Holt olhou para as caminhas. Ele nem sabia se uma daquelas camas aguentaria o seu peso.

“O que Max não vendeu?”, ele se perguntou. Em pânico, abaixou-se e abriu o baú com a inscrição. Tubos de ensaio e copinhos coloridos estavam por cima das outras coisas.

— Brinquedos? O que é tudo isso? — Ele pegou o que parecia ser um funil.

— Não são brinquedos — disse Milly. — São para os meus experimentos científicos. — Ela franziu a testa. O pai estava olhando para eles como se fossem de outro planeta. “Ele vai me dizer que estudar ciência é bobagem, assim como Medici”, ela pensou. Sua mãe havia ao menos tentado entender, comprando para ela conjuntos de experimentos químicos nas paradas que faziam — antes de ficar doente.

Com um sorriso fraco, Holt tentou apaziguar a situação. Colocando o funil de volta, ele tomou a mão de Milly e a puxou para perto:

— Estamos em um circo, amor. Um circo. Precisamos ser práticos se quisermos sobreviver. — Ele fez uma pausa. — Será que você não conseguiria fazer um número? Acrobacias? Corda-bamba?

Milly endureceu:

— Talvez eu não queira um monte de gente me olhando. Talvez eu não seja como você e a mamãe.

Holt apertou os lábios e se levantou, sentindo-se insultado. — Quem dá as ordens nesta família?

— A mamãe — respondeu Joe automaticamente.

Um silêncio repleto de tensão pairou no ar. Annie passou pela cabeça de todos, completamente feliz, doce, segura e viva.

— Bom, eu as darei a partir de agora — Holt finalmente afirmou. — Vão para o quarto.

— Este é o meu quarto. Este é o quarto de todos nós — Milly disse, erguendo o queixo.

Holt pegou seu chapéu de caubói do cabideiro e o meteu na cabeça antes de voltar a vasculhar o baú. Do fundo, ele puxou uma sela prateada. Ao menos Medici não tinha vendido *aquilo*.

— Estão vendo isto? Sabem o que é? A sua herança. — E marchou com irritação para fora da tenda, segurando a sela sob o braço.

— Papai, espere! O que você vai fazer? — Joe correu para fora e olhou ao redor.

— Não se preocupe — disse Milly ao se juntar a ele. Eles assistiram ao pai andando para um lado, depois para o outro. Ele finalmente parou ao lado de um tronco caído, colocou a sela sobre ele e montou sobre ela com as costas viradas para eles. — Ele não vai a lugar nenhum. Ele está preso aqui. Assim como você e eu.

AS ESTRELAS DA MONTARIA



MEIO-OESTE, 1900-1914

Nascido e criado em uma fazenda, Holt Farrier sabia distinguir os cavalos mansos e confiáveis daqueles que dariam um coice na sua cara assim que você os selasse. Era com esses últimos que ele adorava trabalhar — ganhar a confiança deles, mostrar-lhes que valia a pena obedecer a sua liderança. Holt conseguia entender cavalos. Já pessoas... pessoas eram mais difíceis. Ele era sincero e direto, e algumas vezes as pessoas diziam coisas falsas ou tentavam enganá-lo. Então, embora fosse simpático com estranhos, ele só confiava em seu pequeno círculo de amigos.

Annie, por outro lado, podia conquistar com o seu charme o mais carrancudo dos fazendeiros, e foi exatamente o que ela fez quando conheceu Holt em um rodeio. Ela havia participado de uma corrida com saltos com a sua égua; galoparam e saltaram como se fossem uma só. Annie sabia lidar com cavalos tão bem quanto Holt. E também com a plateia. Ela adorava o rumor dos aplausos, as palpitações quando a égua obedecia aos seus comandos, empinando as patas no ar.

Ao final da sua volta, ela trotou até a lateral, onde Holt a encarava com os olhos fixos.

— Oi, caubói — ela saudou. — Gostando da apresentação?

— Foi ok — respondeu Holt.

Annie arqueou uma sobrancelha. — Vamos ver você fazer melhor.

Rindo, Holt mostrou a ela a programação. — Só vou daqui a meia hora. Quer beber alguma coisa enquanto esperamos?

E o resto, como dizem, é história. Depois de se casarem, Annie e Holt continuaram no circuito de rodeios por alguns anos. Mas agarraram a oportunidade quando Medici os convidou para se juntarem ao circo. Eles podiam criar o próprio número — cada um o seu — do começo ao fim, incluindo mais truques do que aqueles permitidos pelos juízes de rodeios. Além disso, após o nascimento

de Milly e Joe, os quatro podiam viajar juntos, e sempre havia alguém para cuidar das crianças enquanto eles se apresentavam.

— Senhoras e senhores, meninos e meninas — Medici vociferou uma noite na cidade de Lexington, em Kentucky —, preparem-se para se encantar com as proezas inacreditáveis e com as galopadas dançantes do rei e da rainha dos cavalos, Holt e Annie Farrier — as nossas Estrelas da Montaria!

Aos oito anos, Milly espiava pela cortina lateral do picadeiro, enquanto Joe esperneava ao lado dela. Espiando pela fresta por debaixo da irmã, ele só se acalmou quando os pais apareceram galopando.

Annie e Holt viraram os seus cavalos em direções opostas ao longo de um trajeto com obstáculos como fardos de feno, barris e pirâmides de baldes. Quando os cavalos se aproximaram, Annie ficou em pé com os braços abertos.

Joe prendeu a respiração quando Annie pegou impulso de cima do seu corcel e deu uma cambalhota no ar antes de aterrissar na garupa de Holt. Depois, Annie e Holt penderam-se cada um para um lado, dando a impressão de que não havia cavaleiro sobre o cavalo.

Bradando gritos de guerra, eles se impulsionaram de novo para cima enquanto um assistente de palco soltava mais dois cavalos no picadeiro. Annie passou para um deles enquanto pegava as rédeas de outro. Daí se levantou, com um pé sobre cada cavalo, guiando-os pelo picadeiro a meio galope.

Enquanto isso, Holt exibia o seu número com a corda dando laçadas no ar conforme o restante da cavalaria se juntava ao cavalo solto no picadeiro. Logo Holt conseguiu formar uma fileira de cavalos. Annie saltou para o seu cavalo original e, juntos, eles regeram os outros cavalos, que saltavam e corriam de forma coreografada ao sinal de apitos e comandos. Finalmente, no grand finale, Annie e Holt cavalgaram cada qual o seu corcel, galopando a toda força com facilidade. Galopando, os cavalos formaram todos uma espiral perfeita, com Annie e Holt no centro, de pé sobre as suas selas, abraçando-se e acenando para a plateia com os rostos iluminados, cheios de adrenalina.

Assim que a dupla saiu do picadeiro e os cavalos foram passados para os tratadores, Annie correu para as crianças e as abraçou. A

corrente com a chave que ela usava no pescoço bateu no peito de Milly.

— Como estão os meus amuletos da sorte? — ela disse, beijando-os na bochecha. — Eu amo muito vocês! Gostaram do espetáculo?

— Irra! — Joe respondeu.

— Você tem passado tempo demais com o Ivan e a Catherine, não é? — Holt riu ao se juntar a eles. Ele fez um carinho em cada, bagunçando os seus cabelos no alto da cabeça.

— Vocês foram ótimos! Como sempre — Milly disse.

— Acho que precisamos acrescentar alguns truques com corda — Holt disse para Annie. — Que tal se você pulasse por uma corda atirada por mim?

— Pare de mexer no espetáculo — Annie respondeu. Ela então sorriu para o marido com olhos meigos. — Podemos pensar nisso mais tarde. Agora vamos colocar esses moleques na cama. Já passou da hora de dormirem.

Holt pegou Milly no colo, enquanto Annie levou Joe.

— Dormir não — Joe protestou ao se aninhar no pescoço da mãe, caindo de sono.

Depois de colocarem as crianças na cama, Annie e Holt sentaram-se do lado de fora, olhando as estrelas. A música do circo continuava no fundo, mas os sons da plateia iam enfraquecendo agora que o número principal terminara. Havia, claro, os que ficavam até depois da meia-noite para ver Pramesh encantando as suas serpentes ou tentar agarrar a barba da mulher barbada. Mal sabiam que ela não gostava nadinha disso!

— Eles estão crescendo tão rápido — disse Annie.

Holt sobressaltou-se. Ele estava novamente pensando sobre o espetáculo. — Nossos filhos? Não é isso mesmo que esperamos deles?

— Sim, mas eu só... Às vezes eu queria que fosse mais devagar, para capturar cada momento — como em uma fotografia, sabe?

— Fotografias são caras — disse Holt.

— Ah, meu querido, mas a única coisa que vale alguma coisa nesse mundo é o amor.

Holt puxou a esposa para perto, e ela recostou a cabeça sobre o seu ombro. — Bom, então nós somos milionários.

— Tão ricos quanto o número de estrelas no céu — Annie sussurrou.

— E, mesmo assim, o tempo não parará para nós.

— Você está certo. O tempo pode não parar, mas cada momento nos faz crescer e mudar e amar ainda mais.

— Falando em mudança... — Holt começou.

Annie deu um tapinha no peito dele. — Holt Farrier, você vai falar de novo sobre mudanças na nossa coreografia? Já não mexemos nela quatro vezes desde que partimos de Atlanta?

— Bem... — Holt não sabia o que dizer.

— Você e a Milly estão sempre experimentando, explorando novas possibilidades. O que vou fazer com vocês dois? — Sorrindo, ela o examinou. — Está bem, caubói. Fale-me da sua ideia.

E assim Holt apresentou os seus planos enquanto Annie descansava a cabeça sobre o seu ombro, olhando as estrelas. Em algum momento de sua fala, ele percebeu que ela havia adormecido, então a pegou no colo e a carregou para a tenda. Havia sempre o dia seguinte para terminarem a conversa.

Alguns anos depois, eclodiu a guerra. Orgulhoso de poder servir o seu país, Holt alistou-se no exército e, embora Annie demonstrasse preocupação, ele tentou acalmar os seus medos. Holt nunca pensou que ela seria a primeira dos dois a não ter mais dias seguintes.

CAPÍTULO

QUATRO

O sol apareceu no horizonte, iluminando o céu em tons de laranja e rosa. Joe agachou-se para pegar as maçãs com que treinava malabarismos enquanto esperava amanhecer. Finalmente! Agora ele já podia acordar o pai. Milly o havia orientado firmemente a deixar o pai dormir até mais tarde, ao menos até o amanhecer.

— Vamos, papai! — Joe entrou alegremente na tenda, parando para tirar o chapéu de caubói da cara do pai. Ele subiu na cama e o chacoalhou. — Os elefantes precisam de nós.

Holt resmungou e virou-se para o outro lado, acidentalmente derrubando Joe da cama.

Sorrindo, Joe ficou em pé e começou a treinar malabarismos com maçãs de novo.

— Eu acho que ouvi um chamando durante a noite, mas esperei um pouco e ficou tudo quieto, então talvez não tenha sido nada, mas agora já amanheceu e eles estão todos bramindo para o sol como galos. Talvez algo esteja acontecendo! Ou talvez eles estejam apenas pedindo o café da manhã.

Joe perdeu o controle das maçãs, que quase caíram sobre o pai.

Da cama dela, onde estava trançando o cabelo, Milly sorriu enquanto Holt resmungava.

— Pelo amor de Deus, filho — ele murmurou. — Assim vai me fazer sentir saudade da guerra.

Mas, agora que já estava acordado, Holt se levantou e foi se vestir cambaleando. Milly e Joe esperaram do lado de fora. Milly se perguntou se o pai precisava de ajuda e quase voltou, mas, quando

Holt apareceu, sua manga esquerda estava dobrada e abotoada no ombro.

Ele tirou o chapéu da cabeça de Joe e começou a caminhar até os elefantes.

Rufus e os seus homens haviam chegado primeiro aos vagões dos elefantes e já estavam puxando dois paquidermes, Golias e Zepelim. Com a vara, Rufus bateu na rampa do vagão da sra. Jumbo.

— Vamos, sra. Jumbo. Não espere a minha vara incentivar você para sair — ele ameaçou.

Joe só conseguia ver as costas da sra. Jumbo. Ela ignorou Rufus, continuando a juntar um montinho de palha. Ela estava tentando fazer uma cama?

Com as orelhas vermelhas de irritação, Rufus entrou no carro e bateu a vara na parede. A elefanta virou-se e soltou um bramido preocupado.

— Calma, Rufus — Holt chamou. — Essa aí é uma senhora.

Rufus caminhou até a porta e olhou com desdém para a família Farrier:

— Ah, veja quem está vindo salvar a elefanta. Na marquise não tem mais lugar para ele. Veio ver o que está perdendo aqui na lama. Já teve essa sensação, Holt? De que está *faltando* algo?

— Imagine como fiquei surpreso quando você não se alistou — Holt rebateu.

— Coração fraco — Rufus disse, batendo no peito. — Ordens médicas.

Joe sinceramente duvidava. Rufus não era tão corajoso e heroico quanto o seu pai. Nem entedia o que significava servir seu país, lutando por uma causa maior. Pelo que lhe constava, Rufus só se importava consigo mesmo.

Rufus gesticulou para que os seus homens entrassem no vagão, e todos foram para cima da sra. Jumbo, que se afastou de forma nervosa, bramindo e balançando a cabeça.

— Papai, há algo de errado. Ela não quer sair — disse Milly.

Rufus acabou assustando a sra. Jumbo quando soltou parte da parede do vagão pela dobradiça superior. Ela cambaleou até a rampa e deslizou até o chão. Os homens correram atrás dela,

tentando controlá-la com os braços e as varas. Rufus puxou a cabeça da elefanta para trás.

— Pare! Ela está assustada! — Milly gritou ao ver a sra. Jumbo arregalando os olhos e batendo as patas.

Holt perdeu a paciência e deu um passo à frente:

— Chega, Rufus, deixe-a em paz!

Ele tomou impulso e deu um soco no homem ruivo, que caiu rolando.

Rufus cuspiu no chão:

— Você é um verdadeiro cavaleiro, caubói. Aposto que a sua falecida querida ficaria orgulhosa.

— Papai, olhe! — Joe chamou do alto da rampa.

Todos se viraram para vê-lo apontando para o monte de palha que a sra. Jumbo juntava. Ele estava... se mexendo. Holt, Milly e Joe caminharam até lá enquanto a sra. Jumbo bramia. Algo no montinho estava se mexendo, e a palha foi se desfazendo, revelando dois olhos piscando.

— Uau — fez Holt com uma voz trêmula de espanto. — Temos um bebê aqui.



Em seu vagão, Medici estava na banheira dando ordens para Rongo, que apoiava os registros da contabilidade sobre os joelhos.

— Temos de cortar custos — disse Medici. — Vamos anunciar uma promoção, mas aumentar os preços em dez por cento. Está acompanhando?

Rongo o encarou:

— Sou o homem mais forte do mundo. — Não era para ele fazer a contabilidade e cuidar dos papéis e controlar o inventário. Ele deveria estar se preparando para o seu número.

— Bebê! O bebê nasceu! — alguém gritou lá de fora.

— Bebê? Eu sou um gênio visionário! — exclamou Medici, pegando uma toalha e um roupão. — Avise todos os jornais: O CIRCO DOS IRMÃOS MEDICI ORGULHOSAMENTE APRESENTA... O BEBÊ MAIS FOFO DA AMÉRICA!



No vagão dos elefantes, Holt estava lentamente tirando a palha de cima do elefantinho recém-nascido, tentando atraí-lo para fora do montinho.

— Está tudo bem agora. Não se assuste. A sua mamãe está ali fora. — Ele esperava que o tom manso de voz que funcionava com cavalos tivesse o mesmo efeito com elefantes.

Um círculo rosado com duas narinas apareceu no meio da palha. A ponta da tromba cheirou, depois fungou e espirrou meleca bem na cara de Holt.

— *Aah!* — Holt saltou para trás, batendo em Milly, que esbarrou em Joe, e todos eles caíram no chão do vagão, fazendo um barulhão.

— *liúúúú!* — o bebê elefante gritou e, ao se afugentar no fundo do vagão, acabou batendo na parede dos fundos. Isso o assustou ainda mais e o fez cambalear para a frente, chacoalhando-se e atirando palha para todos os lados.

Holt pegou as crianças e se encostou na lateral do vagão enquanto o elefante tropeçava e tombava pela rampa até chegar a um grupo de artistas da trupe que estavam reunidos lá embaixo.

— Oh, não! — exclamou Miss Atlantis. A maioria das pessoas se afastou, mas alguns corajosos, como Ivan, aproximaram-se em sinal de preocupação.

— Onde está o meu bebê? — Medici perguntou ao passar entre as pessoas.

A bola cinzenta conseguiu finalmente parar no lugar, com as pernas traseiras abertas. Avistou-se um adorável rostinho, com dois lindos olhos brilhantes, uma pequena tromba na frente e... *vupt*.

Duas orelhas gigantes desenrolaram-se sobre o rosto do animal, cobrindo-o completamente.

Medici empalideceu:

— O que... é... isso?

— É o bebê Jumbo! — Joe respondeu animadamente. Mas nenhum dos adultos demonstrou entusiasmo. Todos estavam horrorizados com a criatura.

— Mas o que são essas coisas? — Holt apontou para as duas abas cinzentas que cobriam o rosto do elefante.

Uma tromba apareceu de lá de dentro, separando um pouquinho as orelhas. Elas ondulavam como cortinas.

— Isso não é um bebê, é um cobertor — disse Catherine do meio do grupo. Ela cruzou os braços, claramente desapontada por não poder fazer um carinho em um animalzinho fofo.

— É um jogo de lençóis de uma tonelada — Ivan acrescentou.

— Parecem um pouco grandes mesmo — Milly arriscou.

Medici agarrou os cabelos, um gesto que Holt sabia ser de pânico:

— Eu apresento aberrações de mentirinha no número dedicado a aberrações. Eu não preciso de uma aberração de verdade no centro do picadeiro — o diretor berrou. — Fomos enganados!

Rufus bateu palmas lentamente, zombando de Medici:

— Parabéns, seu idiota. Comprou um bebê monstro. Quase tão desajeitado quanto o seu menino, caubói. — Ele acenou para Holt e Joe antes de voltar a olhar para o elefante. — Acham que ele consegue me entender? — Ele se aproximou do animal e gritou *Buuu!*

O bebê deu um gritinho e refugiou-se de volta na rampa. A sra. Jumbo perdeu de vez a paciência. Ela investiu sobre os homens e enrolou a tromba na perna de Rufus.

— *Aaaaiiii!* — De repente, Rufus estava de ponta cabeça no ar. Depois, saiu voando.

Splash. Rufus se estatelou em uma poça d'água. A trupe caiu na risada ao vê-lo trambecar até conseguir se levantar.

— O trabalho é todo seu, seu aleijado azarado — Rufus chiou para Holt ao sair andando. Os dois capangas de Rufus o seguiram, permitindo que a sra. Jumbo se movimentasse mais livremente.

A mamãe elefanta apressou-se para ficar ao lado do seu bebê e delicadamente o ergueu para que ficasse sobre as quatro patas. Ela o inspecionou inteirinho com a tromba — primeiro, para ver se ele não estava ferido, depois para lhe fazer cócegas carinhosas. O bebê se aconchegou nela.

Alguns dos membros da trupe foram embora, mas outros ficaram para assistir, espantados, ao espetáculo. Medici viu Rongo

chegando do escritório.

— Rongo, envie um telegrama para Brugelbecker: “Nós fomos engabelados com uma mercadoria danificada. Trata-se de uma aberração, e eu exijo um reembolso!”. Conseguiu anotar tudo?

O homem mais forte do mundo olhou o seu caderninho:

— Eu cheguei até “telegrama”.

— E, faça o que fizer, não avise os jornais. Não podemos fazer propaganda desse bebê. — Medici fez uma pausa e encarou Rongo. — Por favor, diga-me que você ainda não fez isso. Fez?! — Os olhos dele se arregalaram.

Rongo olhou para ele com perplexidade.

Medici puxou os cabelos:

— *Aargh!* Nunca faça nada que eu mandar antes de me consultar!

Revirando os olhos, Rongo atirou o caderninho no chão e saiu andando.

Largando-se sobre um tronco, Medici cobriu o rosto com as mãos:

— Por quê? Por que eu? — ele gemeu. — Um rosto que só a mãe poderia amar.

— Muitos de nós acham o senhor bonito — Miss Atlantis o consolou.

Medici olhou para ela:

— Eu estava falando do elefante!

— Vejam, ela está dando banho nele! — Milly apontou para a sra. Jumbo, que usava a tromba para sugar água da tina e gentilmente a espirrar nas costas do bebê.

— Esperem, aí está a resposta! — Medici de repente se animou. — Vamos dar um banho nele. Holt!

Holt veio ao seu encontro:

— Precisa de um veterinário para examiná-lo, Max?

— O quê, uma testemunha? — Medici balançou a cabeça. — Não vamos fazer nada disso. Ficaremos em Joplin por duas semanas e prometemos à população um lindo bebê. Você tem até amanhã para deixá-lo pronto.

O diretor do circo ficou em pé e começou a bater as calças para tirar a poeira enquanto o caubói o olhava assustado.

— Eu? Isso é problema meu?

— Eu sou o chefe. Estou delegando o problema a você — proclamou Medici. — Você trata dos elefantes. Faça aqueles orelhões desaparecerem!

Holt ficou olhando, perplexo, Medici ir embora todo serelepe. Como ele iria fazer desaparecer as orelhas do animal? Ele se virou para os outros artistas, reconhecendo Ivan no meio do grupo.

— Nem olhe para mim! — o mágico balançou a cabeça e saiu.

Gotículas escorreram pelo rosto de Holt quando o elefante se chacoalhou mais uma vez para se secar. As orelhas dele eram tão grandes que arrastavam no chão, varrendo a poeira.

A sra. Jumbo bramiu delicadamente e abraçou o bebê.

— *Owwwn* — Milly e Joe disseram juntos. Eles se apoiaram um no outro, com os corações aquecidos.

Mas Holt só conseguia olhar para aquelas orelhas. Eram enormes orelhas caídas. Orelhas cinco vezes maiores do que a cabeça do animal. Orelhas que só mesmo uma mãe poderia amar.

RONGO



JOPLIN, MISSOURI, 1919

À luz da lamparina, Rongo estava sentado em sua cama, segurando um pedaço de papel emoldurado. Ele olhou para a fotografia de quando tinha dezenove anos, de pé em um canteiro de obras. A legenda dizia RONGO JONES E A IMENSA VIGA DE AÇO QUE ELE ERGUEU PARA SALVAR A VIDA DE DEZ COLEGAS DE TRABALHO.

Os repórteres tinham-no abordado por dias, todos querendo saber mais sobre como ele erguera a pesada barra no alto enquanto o mestre de obras liberava os homens presos abaixo dela.

— Como você fez isso? — eles perguntaram.

— Foi apenas algo que tive de fazer para salvar os meus companheiros. Eu não pensei, apenas agi — Rongo respondeu. A verdade é que ele sempre fora um garoto forte; transportando água para os pais na fazenda, carregando fardos de feno para os vizinhos no verão e outono. Ele ganhara todas as competições de levantamento de peso entre os amigos, que desafiavam uns os outros a carregar objetos cada vez maiores. Eles sempre ficavam admirados com ele, torciam por ele e davam tapinhas nas suas costas em sinal de incentivo antes de irem para casa após mais uma competição. Quando abriram vagas na construção civil lá para as suas bandas, em Ohio, pareceu um caminho natural para ele.

Depois do resgate dos colegas, a cidade organizou um desfile em sua homenagem, as famílias dos homens salvos o receberam em casa para jantar, e até mesmo o prefeito se encontrou com ele e o condecorou com uma medalha de honra ao mérito.

A vida então seguiu em frente, e todos esqueceram a sua proeza. Claro, seus colegas ainda lhe acenavam erguendo a aba do chapéu e queriam trabalhar perto dele em caso de outro acidente, mas nas ruas ele se tornou novamente invisível, apenas outro homem a caminho do trabalho.

Medici procurou-o e ofereceu-lhe uma vida de fama e glória; prometeu-lhe milhares de fãs admiradores por todos os lugares

pelos quais passassem, e matérias descrevendo os seus tremendos feitos. Rongo concordou na mesma hora, alimentando em si aquele anseio por ser notado.

Rá! Olhando à sua volta na tenda, Rongo se perguntou se ele aconselharia o seu eu mais jovem a juntar-se a Medici ou não. No início, tudo era ótimo, assim como Medici havia prometido: um monte de gente admirada a cada parada, sem se importar com o fato de que ele não passava de um pobre garoto de Ohio, nem com o fato de a sua pele ser escura e os seus dentes, tortos. Só se importavam com o seu talento, como sua força. Ele levantava os halteres, girava-os e jogava-os no ar para depois pegá-los de novo e abaixá-los suavemente, tudo isso com um sorriso coreografado.

Então ele machucou as costas, e Medici o fez usar halteres de mentira enquanto ele se recuperava.

Rongo nunca voltara para os pesos reais. Por que não?

Havia mais a fazer, essa era a razão. Primeiro, Medici pedira-lhe que ajudasse na montagem do acampamento quando alguns dos seus funcionários abandonaram o circo; aí veio o “Você pode ressoar os tambores para anunciar cada número?”, o que depois se transformou em uma banda de um homem só. Para tornar a tarefa suportável, Rongo envolvia a cabeça em uma toalha para abafar o som quando tocava; os tambores são muito mais barulhentos quando se está a apenas trinta centímetros de distância, como ele logo descobriu.

Para completar, quando Medici descobriu sua capacidade para lidar com números (ele sempre o derrotava nos torneios de baralho), Rongo se tornou o contador e administrador do orçamento do circo.

“Imaginava que a função me daria um lugar melhor para dormir”, Rongo pensou amargamente enquanto olhava para a tenda dilapidada. Havia um rasgo no teto, e por isso ele tinha de posicionar a cama de forma a evitar a goteira nas noites chuvosas. Mas ninguém ali vivia muito melhor que isso, então ele não deveria reclamar.

Por outro lado, ninguém acumulava tantas tarefas quanto ele. Era como se Medici pensasse que Rongo podia carregar todo o peso do mundo, ou, pelo menos, o do circo. Ele desejava aperfeiçoar o seu número de força. Talvez, se tivesse tempo para se concentrar nisso,

poderia retornar à sua antiga forma e voltar a levantar pesos de verdade.

Mas não parecia que haveria tempo para isso.

Ainda pior, Medici continuava aumentando as suas tarefas e as expectativas sobre ele. Agora ele seria encarregado também do inventário? Rongo podia até contar caixas, mas animais vivos? Aquilo não era fazer inventário. Era ser guarda de um zoológico.

E Medici queria que ele lesse a sua mente, ainda por cima? Ele lhe havia dito que enviasse o telegrama cinco minutos antes de ficar bravo ao saber que ele tinha enviado!

Rongo pediria um aumento de salário, mas ele havia visto o balancete — não havia mais como cortar custos. No entanto, ele não iria embora. Não agora. Aquele era o seu lar, a sua família. Então, sim, ele diria ao seu eu mais jovem que não havia melhores companheiros de trabalho do que aqueles — incluindo Medici, na maior parte do tempo.

— Oi, Rongo — Puck chamou, batendo na tenda. — Posso entrar?

— Só se você conseguir manter aquele seu macaco preso daqui em diante. Eu não gosto de levar bronca quando ele foge — Rongo respondeu.

— Eu sei, eu sei. Farei o meu melhor.

— Está bem. Entre, Puck — disse Rongo. Ele colocou a foto de volta na prateleira. Não adiantava ficar pensando no passado.

Puck parecia mal-humorado.

— O que foi? — Rongo perguntou. — Miss Atlantis ainda não está lhe dando bola?

Corado, Puck assentiu e se jogou sobre um engradado virado que servia como banco:

— Ela só enxerga um tocador de realejo que anda por aí com um macaco. Ela não consegue me ouvir lá de dentro do tanque dela, então como vai saber que eu me declaro nas letras das minhas músicas? O meu talento está sendo desperdiçado!

Rongo balançou a cabeça:

— Você só precisa conversar com ela. Se ela soubesse que você está interessado, talvez ficasse também. Nunca se sabe.

— Se ao menos isso fosse verdade... — Puck suspirou.

— Às vezes a oportunidade aparece, e às vezes você tem de criar as suas oportunidades, certo?

Rongo sentou-se mais à frente e pegou um baralho.

Zip! Ele o embaralhou: — Agora, você vai ficar aí choramingando o dia todo ou vamos jogar uma partida?

Puck animou-se um pouco:

— Vamos jogar. Mas, se eu ganhar, você tem de me ouvir ensaiando o meu novo número shakespeariano.

Rongo sorriu:

— Então é melhor que eu não perca, né?

CAPÍTULO

CINCO

Cedo na manhã seguinte, Joe cruzou o terreno do circo com Milly ao seu lado. Ivan os parou, perguntando se eles já tinham tomado café da manhã. Era muito gentil da parte de Ivan se preocupar com os dois, mas o pai deles estava de volta agora. Joe assegurou-lhe que estavam bem, então ambos correram para o curral de elefantes.

A sra. Jumbo estava no picadeiro praticando o seu número, então o elefantinho ficou sozinho em um cercadinho. Ao vê-los, ele se levantou e foi tropeçando até a cerca, com as orelhas arrastando no chão.

— *Own*, veja — disse Joe. — As orelhas gigantes são pesadas para ele.

— Olá, Bebê Jumbo — saudou Milly, colocando no chão uma gaiola coberta para acenar para ele. — Bem-vindo ao circo. Todos somos uma família aqui, não importa o tamanho. — Ela tirou o lençol de cima da gaiola e mostrou o circo em miniatura. Os três ratinhos já estavam acordados e inquietos da caminhada.

— *Humm*, elefantes não têm medo de ratos? — perguntou Joe.

— Segundo quem? — O irmão Ihe dirigiu uma expressão duvidosa, e Milly continuou: — É por isso que fazemos experimentos. Além disso, alguém precisa fazer companhia a ele quando não estiver com a mãe.

Atrás da cerca, os olhos do elefante — ou aquilo que eles conseguiam enxergar por trás das orelhas — arregalaram-se ao ver os ratinhos ensaiando o número. O mestre de cerimônias, Timothy Q., escalou uma pequena escada até uma plataforma e atravessou

de uma corda bamba para outra. Abaixo dele, os outros ratinhos corriam sobre uma roda — um no interior e outro no topo. Corajosamente, Timothy Q. pulou em uma rede e então rolou para o chão da gaiola, onde fez uma mesura.

Milly jogou um amendoim para ele enquanto Joe batia palmas. O elefante bufou ar pela tromba e a ponta de suas orelhas ergueram-se por um segundo.

— Olhe, ele viu o amendoim. — Joe apontou para o bebê e teve uma ideia. — Vamos dar um para ele caso consiga afastar as orelhas do rosto!

O animal parou de bufar enquanto Joe balançava o saco de amendoins para a frente e para trás diante do elefante que, em vez de levantar as orelhas novamente, esticou o tronco o máximo que pôde, tentando pegar a guloseima.

— Não, você tem de soprar. Assim! — Joe tentou demonstrar.

Milly riu:

— Boa sorte com isso. Talvez você consiga lhe ensinar malabarismos também.

Joe fez uma careta e deu uma cotovelada na irmã. Ele não desistiria tão facilmente. O pai dele era um excelente treinador de animais, e Joe o havia observado durante anos. Tinha de haver algo que ele pudesse tentar. Então tirou o chapéu de caubói do pai para coçar a cabeça e nesse momento viu uma pequena pena preta presa à fita do chapéu.

— Ahá! — Joe arrancou a pena e a colocou sobre os seus olhos. — Veja, Bebê Jumbo! — Ele soprou a pena, que saiu voando para o lado. — Agora você tenta. Você consegue! É pelos amendoins! É só fazer o que eu fiz. Sopre!

Com um sopro, Joe enviou a pena pelo ar. Ela passou pela cerca e pousou delicadamente sobre a testa do Bebê Jumbo.

— *liiiiúúúú!* — O elefante cambaleou para trás, assustado, depois observou a pena caindo sobre a palha.

Lentamente, a sua tromba cutucou e farejou aquele estranho objeto dentro do cercadinho. Ele soprou um pouquinho, e a pena começou a dançar pelo ar antes de pousar novamente no chão.

— Não, não a pena. As suas orelhas. Sopre para tirá-las da frente — Joe orientou.

Mas em vez disso o elefante soprou de novo a pena, fazendo-a voar alto. Ela sobrevoou a cerca novamente e pousou sobre os pés de Joe. O elefante quase parecia sorrir para eles.

Milly sorriu de volta:

— Ele acha que é um jogo.

Sempre disposto a brincar, Joe deitou de bruços e soprou a pena por cima da cerca mais uma vez. Bebê Jumbo contorceu-se alegremente e imitou Joe: abriu as pernas para que a sua barriga tocasse o chão. Ele soprou a pena de volta para Joe.

— Ei, deixem-me brincar também — pediu Milly. Ela abaixou ao lado do irmão e enviou a pena para o elefante com um sopro delicado. Quando o filhote a soprou de volta mais uma vez, Milly e Joe sorriram um para o outro. Eles se revezaram para soprar a pena.

— Agora mais forte — disse Joe. — Com toda a sua força. — O menino aspirou um tantão de ar e soprou forte para que o bebê entendesse o que ele queria dizer.

Bebê Jumbo inalou profundamente, mas, para a surpresa de todos, ele sem querer aspirou a pena e entupiu uma de suas narinas. O elefantinho embaralhou as pernas até ficar em pé, soluçando. Os seus olhos e nariz estavam coçando como os de Milly quando ela tirava pó dos móveis.

— *A-a-a-a-atciiiim!* — o elefante espirrou. Com um barulho de *flupt*, a pena foi arremessada para fora de seu nariz e, ao mesmo tempo, as suas orelhas se abriram como asas de borboleta.

E o Bebê Jumbo subiu aos ares.

E ficou lá.

A um metro e meio do chão.

As orelhas se abanaram, e o elefante caiu no chão.

Milly e Joe ficaram em pé, boquiabertos. Até os ratinhos espiaram da gaiola, abismados. As crianças se olharam para ter certeza de que tinham visto a mesma coisa.

— Dê a ele os amendoins — Joe instruiu.

— Aqui vão — Milly respondeu.

Ela virou o conteúdo inteiro do saco do outro lado da cerca, e eles saíram sem dizer mais nada. O pai deles precisava saber disso!



Fora da tenda de sua família, Holt estava praticando com o laço. “Tenho sorte de ser destro”, ele pensou pela milésima vez desde que a guerra lhe arrancara o outro braço. Sacudindo o pulso, ele atirou a corda, que foi girando pelo ar até atingir o brinquedo que lhe servia de alvo.

— Sim! — Holt exclamou, alheio ao olhar fixado nele.

Rufus espreitava à sombra de uma tenda próxima. Ele esfregou a mandíbula enfaixada e murmurou:

— Pensa que você ainda é uma grande estrela, hein? Pois tenho uma notícia para você, caubói. Você vai se arrepender de ter voltado.

Rufus viu a pequena figura do diretor de circo se aproximando e saiu.

— Max, venha cá, veja isso — chamou Holt, acenando para Medici. Assim que o dono do circo se aproximou, Holt lançou o laço. — Tudo bem, esqueça a dúzia de cavalos. Eu acho que só precisamos de um. Posso montar e dar saltos. — Holt imitou um cavalo galopando e saltando sobre barris. — E, então, de repente, um estouro!

Holt chutou uma caixa que estava bloqueando a entrada de sua tenda, e um bando de poodles saltaram, gritando como loucos. O caubói girou o laço e o arremessou em direção a um dos cachorros, mas o cão escorregou pelo buraco e disparou para se juntar aos outros.

— Ainda tenho de trabalhar na cronometragem — disse Holt, virando-se para Medici com um sorriso esperançoso.

As sobranceiras de Medici arquearam-se:

— Sim — ele disse de forma indulgente. — Até que está ficando bom. — A expressão dele mudou quando bateu sobre a caixa que trazia. — Enquanto isso, para quando estiver lidando com os elefantes, pedi para o Departamento de Fantasia fazer uma coisa para você. — E lhe entregou a caixa.

Jogando a corda sobre o ombro, Holt tirou a tampa. Dentro havia um braço empalhado de mentira, junto com uma mão cor de pele e dedos largos. Havia uma faixa para prendê-lo no corpo.

— Agora você se superou — Holt brincou. Dava para enganar as pessoas a uma certa distância, mas parecia um espantalho de perto, todo irregular e caroçudo. Era um pouco mais longo do que o braço dele de verdade, o que significava que ficaria alguns centímetros mais comprido do que o outro.

— Há muitas crianças na plateia... — Medici disse com delicadeza.

— Para não assustar ninguém. Eu entendo — assentiu Holt. Seria ruim para os negócios se as famílias não aparecessem por causa dele.

E foi aí que a voz de Joe os interrompeu:

— Papai, é o Bebê Jumbo! Você precisa ver!

Ao ouvir as crianças se aproximando, Holt fechou a caixa. Joe tropeçou na ponta da corda e caiu sobre o pai. A caixa acabou caindo também, e o braço falso foi parar no chão de terra.

Milly e Joe estavam empolgados demais para notar, mas Holt abaixou-se e juntou tudo enquanto as crianças tagarelavam.

— Ele pairou no ar... com as *orelhas*! — Milly exclamou.

— Foi fantástico! — Joe ajuntou.

— Pessoal, eu disse para deixá-lo em paz. — A voz de Holt estava mal-humorada.

— Mas ele ficou bem acima do chão — Joe contou, apontando para cima.

— Sim, aposto que ficou — Holt resmungou levantando-se e segurando a caixa contra o peito. — Ele vai mesmo tropeçar nas orelhas desse jeito.

— Papai, de verdade. Nós fizemos um experimento — Milly começou, mas as bochechas do pai foram ficando vermelhas enquanto ele se movia.

— Isso não é um jogo! É o nosso ganha-pão. Fiquem longe da tenda dele e deixem o coitadinho em paz. — Holt atirou a caixa para dentro da tenda.

Milly deu um passo para trás e cruzou os braços, avaliando o pai. Se ele iria reagir assim, não tinha por que compartilhar o milagre que haviam descoberto com ele. Ela endireitou bem a coluna quando se virou para Joe:

— Primeira regra da ciência: é preciso estar interessado. Senão você não merece saber. — O pai dela tinha provado que não queria nem *tentar* entendê-la, nem queria ouvir o que tinham a dizer. Nem quando o que tinham a dizer era a coisa mais incrível do mundo. — Vamos, Joe.

Holt fez uma careta quando Milly saiu correndo, com o irmão logo atrás.

— Ela passou por meses difíceis, Holt — Medici disse com gentileza. — Ela teve de amadurecer rápido demais.

— A Annie sabia conversar com eles. — O caubói murchou, olhando para baixo.

— Bem, não dá para fracassar antes de começar — Medici aconselhou, em um raro momento de sabedoria. Ele deu um tapinha no ombro de Holt e partiu.

Holt viu os filhos desaparecerem atrás de uma tenda, desejando saber como ser um pai melhor, desejando que a esposa ainda estivesse lá, desejando que as coisas fossem diferentes. Mas não havia como fazer os problemas desaparecerem. Era hora de ser prático — ele tinha que descobrir como esconder as orelhas daquele elefante antes da apresentação daquela noite.

PRAMESH



IMPÉRIO INDIANO, 1912

O dia do concurso finalmente havia chegado. Todos os melhores encantadores de cobras da região de Punjab haviam sido convidados, mas Pramesh não estava nervoso. Ele conhecia as suas cobras, praticara seus truques e seu sobrinho, Arav, era o melhor assistente que qualquer um poderia desejar.

As pedras do pátio estavam frescas agora, mas ele sabia que o sol iria bater impiedosamente sobre eles até a hora em que os honoráveis juízes chegassem.

“Onde sentar para evitar o sol? Parece que eu deveria ter despertado mais cedo”, pensou Pramesh. Cobras são mais preguiçosas quando não estão com calor.

Seu rival, Garjan, sorriu presunçosamente de sua escolha de lugar, perto de um caminho coberto por arcos.

“Humf. Não importa. Também será difícil vê-lo no meio da multidão.”

Acenando para Arav, Pramesh marcou um círculo de pouco mais de um metro no quadrante sudeste. Ele desenrolou o tapete, cruzou as pernas e se sentou sobre elas na diagonal que apontava diretamente a Garjan, a fim de ficar de olho em seu concorrente mais forte.

Uma multidão de pessoas já havia se reunido, cercando o pátio, esticando-se para ver os preparativos. Arav e outros assistentes estavam organizando as cestas de seus mentores ao redor deles.

— Você as alimentou ontem? — Pramesh perguntou desnecessariamente, já que tinha visto o sobrinho fazer isso.

— Sim, tio — respondeu Arav, sempre educado, ansioso para aprender o ofício. Como de costume, ele parecia com medo de que Pramesh o demitisse, apesar de Pramesh sempre pensar nele como o filho que nunca teve.

Assentindo, Pramesh examinou as cestas e afastou uma ligeiramente para a direita a fim de abrir mais espaço entre ele e seu

vizinho.

Eles haviam deixado a cobra mais feroz em casa, pois ela necessitava de um treinamento adicional. Não poderia haver erros hoje.

Se tudo corresse bem, ele sairia dali com o prêmio — uma viagem paga até os Estados Unidos, onde havia patrocinadores ansiosos para exhibir números estrangeiros para o lazer de famílias abastadas.

— O senhor deveria ensaiar? Testar os humores delas? — Arav perguntou.

— Não, vamos poupá-las para a apresentação. — As serpentes de Pramesh colaboravam mais assim que acordavam. Aquecê-las só as tornaria mais propensas à fuga.

Os juízes chegaram por volta do meio-dia — com o magistrado local e o comissário adjunto britânico logo atrás. Esse último parecia estar passando mal, mas talvez fosse apenas a sua pele branco-leitosa. Seus criados o cobriam com uma sombrinha, para que ele não tivesse de ficar diretamente ao sol. O magistrado e o comissário pararam para examinar o pátio cheio de encantadores de serpentes.

“Finalmente!” Pramesh endireitou as costas e ajustou o turbante. Iniciando uma respiração meditativa, ele fechou os olhos e imaginou sua apresentação — como ele pegaria o pungí, tocaria algumas notas, depois abriria a primeira cesta para soltar a cobra.

Mas, aparentemente, Pramesh teria de esperar um pouco mais. O comissário e sua comitiva passavam de um encantador a outro, deixando cada encantador de serpentes se apresentar sozinho.

Arav se agachou ao lado do tio e observou Pramesh comentar sobre cada um deles.

— Kuldip é muito agressivo e impaciente com suas serpentes, veja como ele as cutuca com o pé! É melhor bater perto da cesta para que a serpente perceba a vibração. Se você cutucar a serpente, ela se levantará e poderá atacar.

— Ora, o que Jasveer está pensando? Aquela é uma naja que cospe veneno! — Pramesh sussurrou ao assistirem ao encantador ao lado deles.

Pois a cobra zangada de fato inclinou a cabeça e lançou um jato de veneno em direção ao jovem. Jasveer foi capaz de proteger os

olhos, mas, em meio ao caos, a naja começou a fugir, chicoteando seu corpo em direção ao comissário.

— Aaaiii! — o comissário guinchou, recuando para perto dos seus criados.

Aproveitando a chance, Pramesh saltou sobre as suas cestas, pousando levemente perto dos pés do comissário, e agarrou a naja pela parte de trás da cabeça.

A serpente se contorcia, mas não podia borrifar o veneno devido ao aperto firme de Pramesh. Em vez disso, ela se enrolou ao longo do braço dele. Calmamente, Pramesh acenou para o comissário, cujos olhos estavam arregalados de medo e alívio, com a pele ainda mais pálida do que antes. Então Pramesh habilmente devolveu a cobra à cesta de Jasveer, ao lado da qual Arav já estava esperando com a tampa para prender a cobra novamente. Jasveer baixou a cabeça de vergonha e começou a arrumar suas cestas. Ele sabia que estava eliminado.

Uma vez presa a serpente, Pramesh fez uma reverência com as mãos juntas ao comissário, cujos ombros já tinham relaxado.

— Obrigado — o comissário disse. — Qual é o seu nome?

— Pramesh, honorável senhor.

— Bem, Pramesh, você lida com serpentes como um especialista. Sou-lhe muito grato. Vamos ver o que mais consegue fazer. — O comissário gesticulou para que Pramesh se sentasse.

Pramesh então se sentou sobre os joelhos. Com delicadeza, ele pegou as suas três cestas, uma a uma, e soprou levemente em cada uma delas. Assim as suas serpentes saberiam que era a hora e que ele estava lá. Em seguida, pegou o punji, soprou algumas notas e gentilmente descobriu a primeira cesta.

Sadhana, sua serpente favorita, desenrolou-se do seu descanso e ergueu o terço superior, olhando-o com cautela. Ela mostrou a língua, e, enquanto Pramesh movia o punji de um lado para o outro, abriu a parte de trás da cabeça, exibindo a linda marca característica de sua espécie para o comissário. É claro que o objetivo de Sadhana não era ser linda. Ela tentava intimidar o instrumento (e Pramesh) para deixarem-na em paz. Sua cabeça seguiu os movimentos do instrumento, considerando-o uma ameaça.

Uma vez que ela estava firme em posição, Pramesh libertou a segunda serpente. Nadin foi preguiçosa no início, mas, quando Pramesh bateu no chão com o pé, a cobra se levantou e também abriu o seu “capuz”. Pramesh tocava e balançava suavemente, guiando as serpentes para a frente e para trás. Então ele cuidadosamente usou as tampas para prender primeiro Sadhana e depois Nadin. Quando ambas estavam de volta ao descanso, ele as colocou de lado e aproximou a terceira cesta.

— E, agora, honorável senhor, permita-me apresentá-lo a uma coisa que talvez nunca tenha visto antes! — disse Pramesh.

Arav removeu a tampa e Pramesh enfiou a mão na cesta, puxando outra serpente.

O comissário prendeu a respiração quando Pramesh sacou de dentro a serpente amarela e branca. Ela continuava saindo, enroscando-se no braço de Pramesh, parando para passar a língua no ouvido dele, depois continuando atrás do pescoço e descendo pelo outro braço, apoiando a cabeça na outra mão. Tinha mais de um metro e meio de comprimento.

— O que é isso? — o britânico perguntou.

— Uma ajgar, Sua Graça. Uma jiboia — Pramesh respondeu. Era bem provável que o homem não soubesse que aquela espécie não era venenosa, mas capaz de estrangular sua vítima. Mesmo que soubesse, Pramesh estava seguro de que Tanak o impressionaria. — Uma jiboia com cores raras.

— Extraordinário. Extraordinário, mesmo.

Quando o comissário se afastou com o magistrado, Pramesh pegou Garjan olhando para ele e sorriu maliciosamente. Pelo olhar furioso de Garjan, ele não tinha nada melhor guardado nas cestas. De fato, o comissário passou rapidamente pelo resto dos artistas, e, embora tenha feito uma boa apresentação, não havia nada fora do comum no repertório de Garjan.

Pramesh vibrou de felicidade quando o comissário adjunto o anunciou como vencedor.

Ele conseguira!

“Eu vou para os Estados Unidos!”, pensou.

Curvando-se e agradecendo ao comissário, Pramesh mal podia esperar para partir em viagem. Ele ouvira que não havia selvas na

América do Norte, então teria de levar tudo de que as suas serpentes precisavam para mantê-las saudáveis — não haveria como ir ao deserto para encontrar substitutas. Mas certamente eles tinham ratos lá para as suas serpentes se alimentarem.

O irmão e a cunhada de Pramesh saltaram para cima e para baixo quando todos se encontraram no meio da multidão, zonzos de alegria. De repente, o rosto do irmão ficou sério.

— Você levará Arav com você, não é? Ele adoraria ir.

— Mas vocês não precisarão dele aqui, para ajudar na fazenda?

— O irmão e a cunhada de Pramesh trocaram olhares.

— Nós conversamos sobre isso e queremos que Arav viaje, para ver o mundo com você e continuar a aprender o ofício. O futuro dele será melhor com você.

Pramesh virou-se para Arav. O menino era forte e promissor, e Pramesh certamente adoraria ter alguém da família ao seu lado. — Você quer mesmo ir? — Pramesh perguntou para o sobrinho. Ele não queria forçar ninguém a fazer nada. Seria a receita para o arrependimento e a ruína.

Solenemente, Arav assentiu:

— Seria uma grande honra para mim acompanhar o senhor, tio.

— Então está combinado. Arav virá comigo.

Pramesh sorriu ao ver a sua família comemorando. Dali a uma semana, ele e Arav atravessariam os mares até as colinas ondulantes de grama e plantações e as cidades agitadas dos Estados Unidos, uma terra onde os recém-chegados poderiam encontrar oportunidades e onde, aparentemente, havia tanta curiosidade sobre os encantadores de serpentes que estavam dispostos a conceder ao melhor dos melhores uma viagem paga para demonstrar a sua arte.

“Eu sou o melhor dos melhores!”, Pramesh pensou alegremente enquanto levava as serpentes para sua cabana. Nas ruas, as pessoas acenavam e faziam reverências, e as crianças corriam para tocar o braço dele na esperança de que sua sabedoria e experiência se transferissem para elas.

Se era assim que os próprios moradores do vilarejo se comportavam depois de sua vitória, imagine o que fariam os americanos que nunca haviam visto um encantador de serpentes!

Pramesh jurou representar seu povo com força e graça. Ele mostraria aos Estados Unidos as poderosas tradições do encantamento de serpentes sem nenhum dos terríveis truques usados pelos charlatões — como costurar a boca da serpente ou remover as suas presas e suas glândulas de veneno.

Imagine ferir assim uma criatura viva! Não, Pramesh era o melhor dos melhores e não precisava de truques. Ele conhecia as serpentes e a sua beleza. E agora compartilharia isso com os americanos!

CAPÍTULO

SEIS

Os cidadãos de Joplin se aglomeraram pelo portão assim que o circo abriu naquela noite, ansiosos para finalmente ver as atrações. Quase ninguém notou um balde com dizeres pintados de forma grosseira: FUNDO DA CAVALARIA MEDICI. APENAS UM CAVALO. DOAÇÕES BEM-VINDAS!

E quem *viu* não doou dinheiro — estavam guardando para a comida e as maravilhas que havia no circo.

Ao longo de cada lado do caminho, as barraquinhas exibiam magníficos cartazes de cada artista do espetáculo — de um cavalheiro malabarista a equilibristas.

O pessoal da cidade se amontoou em frente ao tanque de uma sereia de verdade! As pessoas ficavam abismadas com a sua cauda cor de esmeralda e erguiam a cabeça para procurar as suas guelras. Miss Atlantis contorcia-se em movimentos fluidos, fazendo parecer que estava mesmo na água, e não atrás de um aquário de vidro duplo.

— Vejam isso! — alguém gritou ao ver a próxima barraca.

Sobre um palquinho em miniatura, um macaco de verdade estava segurando uma minúscula caveira. Da lateral, com as costas viradas para a plateia, Puck tocava o seu pequeno acordeão e recitava versos para Barrymore.

— Ser ou não ser, eis a questão! — Puck exclamou. Antes que pudesse continuar, Barrymore atirou a caveira e colocou uma peruca loira na cabeça. Puck mudou para *Romeu e Julieta*,

duvidando que alguém da plateia fosse reconhecer. Mas ao menos um macaco de peruca arrancava algumas gargalhadas.

Na barraca logo em frente, o Homem Elástico estava todo contorcido, com a cabeça entre as pernas. A próxima barraca era a do homem mais forte do mundo.

Rongo levantava os halteres de mentirinha até o alto, fazendo uma careta para fingir um grande esforço. Apenas algumas pessoas aplaudiam. A plateia de Joplin não era das mais animadas.

— Rongo, vamos — Medici chamou detrás do pôster.

Suspirando, o homem mais forte do mundo largou os pesos e seguiu Medici até a tenda maior, onde o espetáculo principal estava prestes a começar. Ainda havia, porém, alguns espectadores assistindo aos artistas individuais, incluindo uma multidão em torno do encantador de serpentes.

Pramesh estava sentado de pernas cruzadas sobre uma almofada, tocando seu pungi e gentilmente guiando uma de suas serpentes. Arav não saía de perto, caso fosse necessário.

Em seu público, um grupo de garotos adolescentes se empurrava para chegar mais à frente.

— Isso não é uma cobra! — um deles gritou, convencido de que não passava de um truque. — É só uma coisa idiota pendurada por um fio. Até eu conseguiria fazer isso.

Pramesh calmamente parou de tocar e encarou o jovem impertinente:

— Pois venha — ele disse, inclinando a cabeça.

Com o pé, ele bateu em uma cesta, soltando a menor naja. A cobra sibilou e deslizou sobre o pequeno palco, para longe de Pramesh e para perto da multidão.

— Tio! — Arav correu para pegar a cobra, enquanto a plateia gritava e corria em todas as direções.

Pramesh fungou. — Quando eu era jovem, nós acreditávamos.

Por sorte, o rufar de tambores na tenda principal sinalizava o início do grande espetáculo, e a maioria das pessoas se dirigiu para lá. Arav capturou a cobra pela parte de trás da cabeça e a colocou na cesta, fechando-a firmemente com a tampa.

— Tio, por favor. — Os seus olhos imploraram para o homem mais velho.

— Tudo bem, eu vou me comportar — Pramesh murmurou. — Mas, na Índia, nós criamos as crianças para respeitarem os mais velhos. E todos nós sabemos que há mais coisas no mundo do que aquelas que os olhos podem ver. Americanos duvidam rápido demais.

— Sim, tio — disse Arav. — Muito dos Estados Unidos não é o que esperávamos.

Pramesh pigarreou ao ver os espectadores entrarem em fila na tenda maior.



Na Grande Tenda, os cidadãos de Joplin sentaram-se em suas devidas fileiras e estavam olhando para o picadeiro vazio. Duas cortinas escondiam os cantos da tenda, e uma fenda nos fundos servia de entrada para os artistas.

Do outro lado da arquibancada, Rongo batia desajeitadamente em um xilofone, depois trocou a baqueta pelo trompete surrado e lhe arrancou algumas notas. Os pratos eram os próximos instrumentos; ele pisava em um pedal para bater no tambor ao mesmo tempo.

De seu lugar nos bastidores, Medici lançou um olhar para Rongo, desejando que o homem tocasse com um pouco mais de entusiasmo. A música era muito melhor quando Rongo estava de bom humor. Sem ter o que fazer, Medici endireitou a postura, alisou o seu fraque vermelho e apareceu sob os holofotes.

— Bem-vinda, Joplin! Senhoras e senhores, meninos e meninas — ele vociferou do centro do picadeiro. A plateia não era tão grande quanto ele gostaria. Onde estavam as pessoas? Ninguém vai mais ao circo? — Sou o seu mestre de cerimônias, o grande e único... Maximillian Medici! — Ele fez uma pausa, mas ninguém aplaudiu, então ele retomou rapidamente a falar: — E agora ofereço a vocês toda a arte do Circo dos Irmãos Medici! — Ele fez um movimento com o braço para sinalizar o início para o resto da trupe.

Palhaços em trajes de animais, Ivan e Catherine e os acrobatas entraram pelos fundos do picadeiro dando estrelas e jogando confete. Houve um punhadinho de aplausos na multidão. Medici

escondeu uma careta quando saiu para trocar de roupa. Que pessoal difícil de agradar.



Nos bastidores, Holt coçou as alças que seguravam o braço falso em seu ombro. Ele se abaixou para ter certeza de que as orelhas do pequeno elefante estavam bem amarradas com o grande arco azul que o Departamento de Fantasias lhe dera. O elefantinho se contorceu um pouco. Holt sentiu uma pontada de dor. “Eu sei como você se sente”, ele pensou.

Em voz alta, disse:

— Ok, carinha, agora vamos dar um show. — Holt se virou para se certificar de que os outros elefantes estavam prontos. A sra. Jumbo, que não iria aparecer até depois do trapézio, estendeu a pata e acariciou seu bebê, que estava assimilando todos os sons vindos do picadeiro.

No palco, os palhaços fingiram cambalear enquanto levavam uma grande caixa com o rótulo DINAMITE! MANUSEIE COM CUIDADO!, que foi colocada no centro do picadeiro. Com um estrondo, os lados da caixa se abriram e uma nuvem de fumaça encheu o ar.

Medici atravessou a nuvem com um floreio, só que agora vestia uma jaqueta azul, usava uma peruca preta e tinha colado no rosto sobrancelhas espessas e um bigode. Quando falou, fingiu um forte sotaque italiano:

— Amigos, eu sou Giuseppe Medici. Hoje à noite, meu irmão e eu temos a honra de apresentar a vocês, em sua estreia mundial, o primeiro bebê elefante nascido aqui nos Estados Unidos! Por favor, deem as boas-vindas ao orgulho deste circo, nosso querido Bebê Jumbo!

Rongo apertava o acordeão debaixo de um braço enquanto soprava a trombeta (que estava apoiada em um suporte), batendo o tambor com o pé e batendo os pratos.

Bem na sua deixa, Holt apareceu com Golias e Zepelim no picadeiro. Faixas com cegonhas cobriam as laterais, e dois acrobatas estavam empoleirados em cima delas, segurando cobertores empacotados para parecerem bebês. Holt fez os

elefantes passearem ao redor do picadeiro, mantendo o braço falso do lado mais longe da plateia. Mal tinha dado cinco passos quando ouviu um homem chamar.

— Não é o Holt Farrier? O campeão de montaria? Você não é o Holt Farrier?

Holt baixou a cabeça, rangendo os dentes:

— Ele morreu na guerra — falou de forma indiferente.

Enquanto Zepelim avançava, a corda amarrada à sua cauda puxava um berço azul. A multidão soltou um “aaahhhh” coletivo quando avistaram o bebê elefante, com uma chupeta gigante presa em sua boca. Bebê Jumbo bambeou sobre os seus pés. Seus olhos estavam arregalados pelas luzes, cores e pessoas ao redor. Seguindo em frente, o desfile passou por um lindo chapéu de penas cor-de-rosa. Bebê Jumbo se animou.

Soltando a chupeta, ele virou a cabeça para rastrear o chapéu enquanto os artistas davam a volta no picadeiro pela segunda vez. Quando o berço se aproximou, inclinou-se para o lado, tentando alcançar o chapéu com a tromba. Mas não conseguiu.

— O que ele está fazendo? — Milly perguntou atrás da cortina.

Joe espiou também:

— Está dando olá para aquela senhora.

— Não, é o chapéu dela! Ele está tentando pegar as penas! — Milly dirigiu um olhar de medo para Joe. — Ele acha que lhe daremos amendoins.

Milly abaixou-se e foi engatinhando falar com o pai, tentando ser discreta:

— Papai — ela sussurrou. — Mantenha-o longe.

Mas Holt não a ouviu. Os elefantes deram mais uma volta, e dessa vez o bebê se inclinou o mais perto que pôde da plateia para conseguir aspirar as penas. Infelizmente, o chapéu veio junto... assim como a peruca loira que a mulher estava usando.

— *Aaaah!!!* — a mulher gritou sob as risadas do restante da plateia. O marido da senhora levantou-se com um urro, apontando e ofendendo o elefante.

Medici, no meio da troca de roupas nos bastidores, ficou paralisado ao ver o bebê. O nariz dele, entupido por penas, estava contraindo-se descontroladamente.

— *A-a-a...*

— Por favor, eu imploro, não! — gritou Medici.

— *Atchiiiim!!!*

Atirado para trás pela força do espirro, Bebê Jumbo saiu voando para fora do berço, perdendo com isso a fralda e o laço. Ele pousou sobre o traseiro no centro do picadeiro, com as orelhas baixando aos poucos, como duas colchas gigantes. Todos ficaram paralisados e silenciosos de espanto por um instante.

— *Atchim!* — Bebê Jumbo espirrou as duas últimas penas.

Zepelim e Golias foram os primeiros a reagir. Recuando, eles bramiram em sinal de alarme.

— *Xiu*, calma — Holt pediu, aproximando-se para tranquilizá-los.

— Ele é um elefante, como vocês.

— Aquilo não é um elefante — alguém na plateia gritou. — Aquelas orelhas são falsas!

— O que vocês fizeram com essa coisa? — outra pessoa questionou.

Medici veio dos fundos:

— Ora, Missouri, isso é simplesmente fantástico. Uma rara curiosidade. Giuseppe, cadê você? Venha ver! — Ele andou em círculo, fingindo procurar pelo irmão e gesticulando para a trupe fazer algo, qualquer coisa!

A plateia começou a chiar e a vaiar. Bebê Jumbo avistou Milly e Joe. Ele ergueu as orelhas para trás. A tromba dele capturou uma das penas que estava voando, e ele a soprou para Golias, tentando iniciar um jogo.

Os outros elefantes empinaram, derrubando os artistas de cima deles. Holt correu para segurar a tromba de Zepelim.

— Vejam, os outros estão com medo, por isso dá para saber que é falso — outro intruso acusou.

— Não, não, ele é real! Só é uma aberração — Medici gritou. Ele se inclinou para Holt e chiou: — Tire aquele orelhudo do palco!

Bebê Jumbo vacilou para a frente, querendo se aproximar dos outros amigos elefantes, mas acabou tropeçando nas orelhas. As pessoas caíram na risada. Daí alguém notou que a placa acima do berço tinha se embaralhado toda. A letra “D” de Querido Bebê

Jumbo tinha ido para o lugar do J; agora se lia na placa QUERI O BEBÊ DUMBO.

— Dum-bo! Dum-bo! — a multidão começou a entoar e gritar, jogando comida no picadeiro. Cachorros-quentes e pipoca choviam sobre o bebê, que usou as orelhas para se proteger.

Nos bastidores, a sra. Jumbo andava de um lado para o outro ansiosamente. Rufus avançou sobre ela com um chicote na mão. Ele zombava dela, sorrindo maliciosamente e estalando o chicote próximo às suas patas. — Está os ouvindo tirar sarro daquele seu filhote feio? Quem vai ajudá-lo agora?

— *liiúúúúúúú!!!!* — a sra. Jumbo bramiu alto, fugindo para a tenda principal.

Rufus a seguiu com uma expressão falsa de medo:

— Parem-na! A fera está louca! — ele gritou. Daí ele dissimuladamente chicoteou de novo antes de se abaixar sob os assentos para assistir ao espetáculo.

Os artistas se espalharam quando a sra. Jumbo invadiu a tenda. A cabeça dela balançava para a frente e para trás em sinal de pânico, e as suas orelhas batiam desordenadamente. Ao ver o seu bebê bem na hora em que um balde de pipoca bateu nele, ela avançou para protegê-lo, colocando-se entre ele e a arquibancada. O chão tremeu quando a elefanta empinou as patas da frente e as largou em seguida com um estrondo.

Gritos encheram a tenda; a plateia correu para as saídas.

— Todos para fora — Medici gritou. — Vão para onde for seguro. — Milly e Joe passaram por debaixo dos assentos para não serem pisoteados pela multidão guiada para fora por Ivan, Catherine, Rongo e os palhaços. No palco, o bebê elefante escondeu-se atrás da mãe, cujas orelhas chamejavam de raiva.

Pramesh correu para a tenda para ajudar Holt a tirar Golias e Zepelim daquela loucura. Após Pramesh levar os elefantes machos para fora, Holt voltou para acalmar a sra. Jumbo.

Ele se aproximou devagar, com a mão baixa e estendida, dizendo:

— Ninguém vai machucar o seu bebê. Estamos aqui para protegê-lo tanto quanto você.

A sra. Jumbo bufou, sacudindo a tromba. Mas ela parou de bramar e olhou para a mão estendida de Holt.

Clac! Rufus saiu de debaixo dos bancos e usou novamente o chicote.

Assustada, a sra. Jumbo recuou de costas até esbarrar em um dos mastros da tenda. O peso dela o partiu ao meio. Ela se arremessou para o lado, conduzindo o bebê consigo, quando a metade de cima do mastro caiu sobre os bancos.

— Milly, Joe, cuidado! — Holt gritou correndo até eles. Cambaleando, ele os puxou assim que o mastro arrebentou contra os bancos. Rufus não foi tão sortudo; os bancos o soterraram.

Ondas de tecido listrado vermelho e branco cercaram os Farriers enquanto tentavam sair da tenda.

Depois de alguns longos momentos, a poeira baixou e o circo se aquietou.

Lá fora, a plateia de Joplin havia fugido, mas a trupe estava reunida em um círculo, com os rostos sombrios. Agora que o caos terminara, a sra. Jumbo estava gentilmente aconchegando seu bebê, inspecionando-o para ver se estava tudo bem. Holt e Pramesh juntaram os outros elefantes em seus cercados e os trancaram. Depois, sob a ordem de Medici, eles deixaram a sra. Jumbo em quarentena, trancando-a na antiga jaula de um leão. Seu bebê chorou do lado de fora, cutucando com a tromba por entre as barras para alcançar a mãe.

— O que acontecerá agora? — Joe perguntou quando Holt voltou.

— Não se preocupe, ficaremos bem — disse Holt, abraçando os filhos.

Milly se desvencilhou porque tinha outra família em mente:

— Ele quis dizer com a sra. Jumbo.

A mamãe elefanta estava pressionada contra as barras, sua tromba ajeitando as orelhas de seu bebê sobre o corpo dele para que não sentisse frio. Ela o puxou para perto da jaula, a fim de que ficasse o mais próxima dele possível. O bebê elefante olhou para ela feliz, mas o semblante da mãe parecia preocupado. O pai de Milly não tinha uma resposta. A distância, ouviam-se sirenes de polícia a caminho do circo. Vários homens tiveram de carregar o corpo sem vida de Rufus até uma maca lá fora.

Triste, Medici se movimentava em meio à sua trupe para ver se todos estavam bem. Depois, foi falar com os policiais. Seria uma

noite longa e difícil.

CAPÍTULO

SETE

Na manhã seguinte, um caminhão grande puxando uma enorme gaiola sobre uma carreta chegou ao circo. H. M. BRUGELBECKER — FORNECEDORES DE ANIMAIS. BILOXI, EST. 1874 estava escrito na lateral do caminhão.

Um homem alto, de cabelos espessos, saiu da cabine e olhou ao redor. Ele usava um terno de algodão leve completamente incompatível com o campo. Depois de examinar a tenda desmoronada, subiu os degraus do trailer e entrou.

Medici saltou da cadeira da escrivaninha.

— Você me prometeu uma mãe e um lindo bebê. Não uma aberração que arruinaria o meu espetáculo! — Medici gritou, batendo as mãos.

Brugelbecker deu de ombros:

— Fui eu que a treinei? Por um acaso eu estava aqui? Não fui eu que a provoquei.

— Um homem meu morreu, você tem noção disso? — Medici puxou o pouco que restava de seu cabelo. Ele procurou um jornal sobre a mesa e o jogou na cara de Brugelbecker, para que ele pudesse ler a manchete: FERA ASSASSINA À SOLTA! O CIRCO MORTAL DE MEDICI ATACA MISSOURI.

Brugelbecker afastou o jornal casualmente:

— Negócio é negócio. Você não tem reivindicação legal.

— Brugelbecker, eu sou um homem ético.

O homem mais alto ergueu uma sobrancelha como se duvidasse.

Medici levantou-se, exibindo a sua altura nada impressionante. — Você tem a responsabilidade moral de comprar de volta o seu elefante assassino.

— Mas e o bebê? — Brugelbecker perguntou.

— Ao menos ele provocou algumas risadas — Medici disse. — Vou colocá-lo no número dos palhaços e tentar salvar pelo menos algo.

Os olhos de Brugelbecker cerraram-se, e ele mordeu os lábios enquanto pesava os prós e os contras.

— Posso comprá-la de volta pela metade do preço — ele anunciou, finalmente.

— Preço inteiro — Medici respondeu.

— Um quarto do preço.

— Então combinado metade do preço! — Medici estendeu a mão, e eles selaram o acordo. Ao menos Medici se livraria daquela criatura perigosa. Ele esperava que a imprensa os deixasse em paz em breve.



Brugelbecker e sua equipe aproximaram o caminhão o mais próximo possível da jaula da sra. Jumbo, que soltou um bramido desconfortável em meio à comoção. Um dos homens abriu a jaula e os outros começaram a empurrá-la, cutucando-a com paus para fazê-la mover-se mais rápido, quando ela empacou.

Urrando, a sra. Jumbo balançou a cabeça para encontrar seu bebê, que estava feliz tentando atacar a cauda da mãe.

Milly e Joe correram para ver o que estava fazendo barulho. Encontraram o pai, Pramesh e Medici em meio à pequena multidão de artistas observando os estranhos tentando convencer a sra. Jumbo a subir uma rampa anexada ao caminhão.

— O que está acontecendo? — Milly perguntou em pânico. — Aonde eles a estão levando?

— Saiam daqui — Holt os mandou embora. — Voltem para a tenda.

Os homens de Brugelbecker empurravam a traseira da sra. Jumbo, mas ela estava imóvel. O bebê trotou ao redor da base da

rampa, tentando passar pelas pessoas para ficar ao lado de sua mãe.

Milly ficou furiosa. A queda da tenda sobre Rufus não tinha sido culpa da sra. Jumbo — fora um acidente! E agora ela estava sendo mandada embora como se fosse perigosa, quando na verdade ela só quis proteger o seu bebê, como qualquer outra mãe faria.

— Mas ela é a *mãe* dele! — Joe gritou. Eles não podiam fazer isso. Era errado separar uma mãe de seu bebê. Errado!

— Papai, por favor. Faça-os parar. Por favor! — Milly implorou.

Com uma batida de especialista na rampa, Brugelbecker fez a sra. Jumbo andar novamente. A rampa tremeu conforme o animal foi subindo e entrou na gaiola. Brugelbecker a fechou com tudo e a trancou. A elefanta virou-se no pequeno espaço para olhar o filho. Ele estava subindo a rampa na direção dela, tropeçando nas orelhas.

Vários membros da trupe do circo interferiram e agarraram o bebê pouco antes de ele chegar à mãe. Seus pés patinaram na rampa e ele estendeu a tromba ao máximo, esforçando-se para alcançá-la. A sra. Jumbo também estendeu a dela na direção dele — havia apenas alguns centímetros entre eles.

Lágrimas escorriam dos olhos de Joe quando ele se virou para o pai: — Faça algo. *Faça algo*.

— A mamãe teria feito algo — Milly disse.

Os ombros de Holt despencaram:

— A mamãe não está aqui. — Resignado, ele se juntou aos artistas na rampa e laçou a perna do bebê elefante com uma corda. — Eu sei, amiguinho. Eu sei — ele sussurrou de forma tranquilizadora.

Com a corda sobre o ombro e os outros homens ajudando, Holt conseguiu puxar o elefante pela rampa. O pequeno animal gritou, alarmado, e a mãe respondeu igualmente angustiada.

Milly pôs o braço ao redor de Joe. Nada daquilo era justo. O mundo já era duro o suficiente; por que eles separariam a mãe de seu bebê daquela forma? A pequena multidão de artistas sabia que aquilo estava errado. Rongo segurava as lágrimas, Catherine se agarrou firmemente a Ivan, e Miss Atlantis estava soluçando

compulsivamente. Pramesh se aproximou da gaiola e pressionou a testa contra as barras.

— Bela criatura — ele disse. — Vamos cuidar de seu filho.

Clanc. A equipe de Brugelbecker deslizou a rampa sob a carreta e embarcou no caminhão.

— *Viel Glück*, Max Medici — Brugelbecker se despediu. — Diga ao seu irmão que eu falei *auf Wiedersehen*.

Joe se soltou e correu para as tendas. Milly foi atrás dele. Ainda ao lado do elefantinho, Holt os observou partir com uma pontada de arrependimento. Mas ele tinha de fazer o seu trabalho. O caminhão acelerou, levantando poeira. Mesmo muito tempo depois de o caminhão ter desaparecido do campo de visão, podia-se ouvir os gritos da sra. Jumbo — e seu filho respondia tristemente.

CAPÍTULO

OITO

Um som estridente acordou Milly no meio da noite. Sentando-se, ela encontrou o pai empoleirado sobre um engradado. Ele estava rasgando papéis, prendendo uma extremidade sob a bota e, em seguida, puxando a outra para trás com a mão boa. Tudo foi para a lixeira.

Olhos turvos encontraram os dela:

— Querida, está tarde. — Arremessando os últimos restos no lixo, ele caminhou, pesaroso, para fora da tenda, adentrando a noite. Curiosa, Milly foi investigar o lixo. Nele, ela encontrou o novo braço falso do pai e uma pilha de fotos publicitárias das Estrelas da Montaria. Seu pai as havia rasgado bem no meio, separando-se de sua mãe. Milly estendeu a mão para resgatar algumas de suas favoritas e enfiou os pedaços separados no baú. Seu pai poderia querer recuperá-las um dia.

Ela colocou uma jaqueta sobre os ombros e deu uma olhada em Joe, que parecia estar dormindo. Então saiu da tenda. Ela conhecia alguém que provavelmente também não estava conseguindo dormir e que gostaria de alguma companhia.

O filhote de elefante estava deitado sobre a palha, parecendo um balão estourado. Ele não levantou a cabeça nem se mexeu quando Milly deslizou para dentro do vagão com ele, mas seus olhos estavam abertos, mirando a parede. No canto, os ratos deram as boas-vindas a Milly, que afundou no chão e acariciou a cabeça do elefante. Os olhos dele se voltaram para ela, e depois voltaram a se perder.

— Eu sei. Também não estou conseguindo dormir — Milly disse. Ela pegou na chave pendurada em seu pescoço. — Minha mãe me disse que haveria momentos em que a minha vida pareceria trancada atrás de uma porta. Então ela me deu esta chave, que a minha avó tinha dado para ela. E disse que, quando eu sentisse isso, devia imaginar a porta e abri-la com a chave.

O elefante olhou para ela como se perguntasse: “Será que funciona?”.

Milly olhou para baixo:

— Eu continuo tentando.

Ela fez um carinho na parte externa da orelha dele, alisando-a sobre o seu colo. Quando parou, ele olhou para a menina, então ela sorriu e continuou o carinho.

— Você não devia estar aqui sozinha — alguém disse.

Joe estava na porta do vagão segurando seu travesseiro, que estava muito mais estufado do que de costume.

— Eu não estou mais sozinha. Agora você chegou — ela disse. — O que é isso?

— Eu achei que ele pudesse estar com fome — Joe falou ao se juntar a ela. — Ele abriu a fronha, mostrando um monte de amendoins dentro.

Milly balançou a cabeça:

— Ele está triste. Não comemos quando estamos tristes.

— A sereia come — Joe lembrou. Ele se ajoelhou ao lado de Milly e espalhou alguns amendoins na frente do elefante, mas o bebê nem os cheirou.

— Vamos, Dumbo. Coma um. — Joe os empurrou para mais perto, de modo que quase tocassem a tromba do elefante.

— Vamos chamá-lo de Dumbo agora? — Milly não tinha certeza se gostava da ideia.

— Se o chamarmos de Bebê Jumbo, ele pode sentir falta da mãe — o irmão dela explicou.

Milly pegou um amendoim e o ofereceu:

— Aqui vai, Junior. — Ela acenou em frente à tromba. — Carinha. Orelhudo.

— Vamos, diga.

— Aqui vai, Dumbo — Milly cedeu. — Abane as orelhas de novo e mostre-nos que não foi só imaginação nossa.

Dumbo recusou-se a se mover.

Milly largou o amendoim e Joe pegou os que estavam no chão e guardou-os de novo na fronha.

— Ela não queria machucar ninguém — Joe disse, fazendo um carinho nas costas de Dumbo. — Ela só estava protegendo você. E *nós* achamos suas orelhas o máximo.

Como Dumbo ainda não estava respondendo, os ombros de Joe caíram:

— Talvez ele queira ficar sozinho. Como o papai.

— Ninguém quer ficar sozinho — Milly suspirou, ficando em pé.

Joe também se levantou, depois virou um monte de amendoins no chão.

— Caso você mude de ideia... Boa noite, Dumbo — ele disse.

Joe enfiou o travesseiro debaixo do braço, e ele e Milly se viraram para sair do vagão. Algumas penas começaram a sair voando do travesseiro conforme eles se afastavam. Os olhos de Dumbo as avistaram e sua tromba virou-se para elas. Ele cambaleou atrás das crianças, como se estivesse correndo atrás da tromba, aspirando a trilha de penas deixada para trás.

— *A-a-a-atchiiim!* — Dumbo espirrou.

Milly e Joe se viraram e encontraram Dumbo pairando atrás deles, com as orelhas batendo e um pequeno sorriso no rosto. Os olhos de Milly quase saltaram de sua cabeça, e Joe ficou boquiaberto.

Outra pena escorregou para fora do travesseiro, e Dumbo se concentrou nela, disparando em sua direção com um pequeno giro de sua cauda. Ele capturou a pena, mas estava tão animado que não prestou atenção para onde estava indo e esbarrou na parede, pousando em uma pilha de palha.

— Você viu isso? — Milly gritou.

— Você viu isso? — Joe perguntou ao mesmo tempo.

— Eu perguntei primeiro! — eles falaram juntos. Milly levantou o braço para apontar para Dumbo, e assim soltou outra pena no ar.

O elefante saltou para a frente, e com as orelhas batendo e a tromba arrebitada — *vlupt!* — ele sugou a pena. Suas orelhas se aplanaram em uma tentativa de diminuir a velocidade, mas ele caiu

em um telhado de qualquer maneira, depois escorregando pela parede oposta. Enrolando-se com as orelhas, ele foi batendo na parede como uma bola e rolou pelo chão... direto até as crianças.

Milly e Joe moveram-se para o lado bem na hora certa. Com um baque, Dumbo chegou à parede onde tudo começou, dessa vez todo enrolado como uma bola de cabeça para baixo. Ele se contorceu para a direita e olhou para eles como que se desculpando.

— Não foram os amendoins que o fizeram voar; foram as penas!

— Milly pegou um punhado de dentro do travesseiro e o atirou no ar.

A cauda de Dumbo enrolou-se quando ele voou para pegá-las, mas dessa vez ele usou as orelhas para firmar o voo e assim conseguiu desviar das paredes, dando a volta ao redor deles para agarrar três penas com a tromba. Seus olhos estavam faiscando e sua boca, aberta em um grande sorriso.

— Ele está se divertindo! — Joe bateu palmas.

Na gaiola, os ratinhos artistas saltavam para comemorar a aterrissagem perfeita de Dumbo, com as quatro patas no chão.

Joe correu para um dos lados do vagão para pegar mais penas enquanto Milly correu para o outro lado. Eles começaram a chamar Dumbo cada um de um lado, jogando penas o mais alto que podiam. Dumbo saiu voando, abanando as orelhas freneticamente para conseguir pegar todas elas.

— São as orelhas dele. Ele consegue voar! — Milly gritou de admiração.

— *Atchiiiiimmm!* — Dumbo deu um grande espirro, o que o empurrou para trás. Sem controle, ele caiu próximo à gaiola dos ratinhos, fazendo a portinha abrir. Os ratinhos saíram correndo, com medo de serem esmagados. Dumbo ergueu Timothy Q. com a tromba e olhou para ele.

— *liiicc!* — Timothy Q. guinchou, pois não queria sair voando pelos ares. Ele pulou do nariz de Dumbo e se enfiou no monte de palha mais próximo.

Enquanto Joe coletava mais penas, Milly olhou para o bebê elefante:

— Dumbo, você precisa fazer isso no espetáculo.

— O que você quer dizer? — perguntou Joe.

Milly virou-se para ele com as bochechas brilhando de empolgação:

— Porque, se o circo vender mais ingressos e Medici ganhar mais dinheiro... aí ele pode usá-lo para comprar a sra. Jumbo de volta!

— Sim! — Joe comemorou erguendo os punhos no ar. — Milly, você é tão esperta. Você *será* cientista um dia.

Milly fez um carinho na testa de Dumbo e encostou a sua testa na dele:

— Nós vamos recuperá-la, Dumbo. *Você* consegue. Só mostre a eles do que você é capaz!

Dumbo inclinou-se sobre ela, em sinal de confiança.

— Vamos, precisamos contar ao papai! — Joe correu para a porta do vagão.

Milly deu um giro e o bloqueou, lembrando-se da última conversa que haviam tido com Holt sobre Dumbo:

— Não. Ele só vai falar para sermos práticos. — Ela começou a andar de um lado para o outro. — Os espetáculos foram cancelados por uma semana, certo? — Joe assentiu. — Podemos pesquisar, estudar e fazer testes.

Exausto, Dumbo tombou no chão e começou a puxar os amendoins para dentro da boca. As crianças sorriram para ele.

— Você é um milagre de elefante, Dumbo — Milly disse. — E nós vamos trazer a sua mamãe de volta para casa.

CAPÍTULO

NOVE

Uma semana depois, o circo foi reaberto. Medici havia enviado os artistas a todas as partes de Joplin para convencer as pessoas de que o novo número seria totalmente seguro. Uma pequena multidão apareceu, e Medici estava maluco — correndo de um lado a outro para ter certeza de que tudo correria bem. Se a plateia gostasse do espetáculo daquela noite, a venda de ingressos triplicaria no dia seguinte.

Milly e Joe estavam com Dumbo nos bastidores, tranquilizando-o com carinhos enquanto lhe vestiam uma capa de chuva amarela e colocavam um chapéu preto de bombeiro em sua cabeça. No palco, os palhaços estavam no meio de seu número em que fingiam apagar um incêndio. Tinham até uma enorme escada de bombeiro. O palhaço mais velho, Spiros, girava ao redor da escada, tropeçando nos companheiros, para a alegria da plateia. Lá em cima, uma plataforma em formato de casa estava pegando fogo de verdade. Barrymore dava gritinhos dramáticos de uma das janelas. Abaixo dele, uma piscina serviria como local de aterrissagem e como tanque abastecedor para as mangueiras dos palhaços.

Tudo era muito bem-preparado: não havia riscos para os dois palhaços nem para Barrymore. Ainda assim, Milly e Joe estavam com um frio na barriga. Logo, Dumbo estaria lá no picadeiro também. Eles não tinham tido tempo para ensaiar o número do incêndio. E se ele entrasse em pânico e atacasse a plateia? Medici o mandaria embora também?

Joe colocou um braço protetor sobre o bebê elefante e Milly fez um pequeno discurso motivador.



Sem saber do plano de seus filhos, Holt espiava por uma fresta a pequena plateia e se remexia dentro de sua fantasia.

— É o fundo do poço — ele murmurou, ajustando a jaqueta de bombeiro que estava grande demais para ele e o capacete hipercintilante pela centésima vez.

Vindo ao seu encontro, Medici riu:

— Quem disse que ele não queria ser reconhecido? Você!

Holt passou pelas crianças e agachou-se em frente a Dumbo:

— Ok, Dumbão, faça como no ensaio... só que agora com luzes, música, fogo e plateia.

Milly coçou a orelha de Dumbo:

— Pela sua mamãe — ela sussurrou.

— Por favor, Deus, permita que eles riam do elefante palhaço — Medici rezou enquanto Holt conduzia Dumbo até o picadeiro.

As luzes cegaram o elefantinho. O barulho encheu as suas orelhas — a cacofonia de barulhos desconhecidos fazia seus ouvidos sensíveis doerem. Andando, ele tropeçou na orelha e caiu no chão, batendo em um homem à sua frente.

Risadas encheram a tenda. Medici quase chorou de alívio. Mas ele continuou agarrado em sua cartola.

Spiros, o palhaço que ele derrubou, levantou-se e deu voltas ao redor de Dumbo, o punho levantado em fúria fingida. Dumbo se encolheu como resposta. Sua cabeça balançou de um lado para o outro como se procurasse alguém para guiá-lo.

— Mostre a eles, Dumbo — Holt ouviu Milly dizer. — Você consegue! Mostre tudo como você nos mostrou!

Holt franziu a testa. Do que ela estava falando? Balançando a cabeça, ele soltou um assobio agudo e baixo.

Dumbo entendeu o sinal. Os animais gostavam de saber o que se esperava deles. Dumbo não era diferente. Ele foi até a piscina e sugou a água com a tromba. Vários palhaços apontaram para a

plataforma acima. Dumbo mirou. Holt assobiou duas vezes. Ao seu comando, Dumbo balançou e...

Splaaaash!

O jato de água atingiu os palhaços bem na cara, derrubando-os. Mais uma vez, o público celebrou, divertindo-se. Dumbo encheu a tromba na piscina no momento em que os palhaços se levantaram, cambaleantes. Frenéticos, eles balançaram seus dedos em sinal de “não” e apontaram novamente para a plataforma em chamas. Ao apito de Holt — *splaaash!* —, os bombeiros foram jogados de novo no chão.

— Eles estão adorando! — Medici aplaudia quando o público aplaudia.

No palco, eles mudaram para a próxima sequência. Uma “escada” (na verdade, uma rampa) foi erguida e presa à plataforma. Seguindo as deixas, Dumbo sugou mais uma vez a água, mas, dessa vez, os palhaços e Holt o empurraram pela rampa em direção à plataforma. Um barulho alto da multidão fez Dumbo pular de susto. Seus olhos percorreram a tenda, pousando em um grupo de meninos batendo as mãos como se fossem orelhas, zombando dele, que se encolheu, com a cauda abaixada.

— Ele não vai voar — Joe sussurrou para sua irmã. — Ele está com medo.

— Eu sei. E agora ele está muito no alto. — Eles não haviam praticado a decolagem de um lugar tão elevado ainda.

Alheio à conversa das crianças, Medici bateu distraidamente seus dedos em suas pernas no ritmo dos tambores que Rongo estava batendo:

— Vamos para o grande encerramento, sempre tem de haver um grande encerramento! — Os seus olhos estavam grudados no picadeiro.

Com um empurrãozinho a mais, dois palhaços conseguiram levar Dumbo à plataforma com eles. Holt assobiou lá embaixo e Dumbo atirou a água da tromba na janela em chamas.

Nos bastidores, um dos membros da trupe desligou as chamas com um controle enquanto Medici elevava o punho de alegria. Barrymore, o macaco, saltou pela janela direto para a cabeça de Dumbo e — *smack!* — deu-lhe um grande beijo. Depois, o macaco

resgatado saiu correndo pela rampa. Os dois palhaços lá em cima batiam nas costas um do outro e fingiram não perceber os homens embaixo desatrelarem a rampa e a levarem para longe.

Indo para onde a rampa estava, os palhaços se agitaram loucamente, depois escorregaram da plataforma, mergulhando na piscina abaixo. A multidão aplaudiu.

Sozinho, Dumbo mudou seu peso de um pé para o outro. Alguém deveria trazer a rampa de volta agora. Em vez disso, os palhaços entraram em uma briga.

— Oh, céus — murmurou Medici. — Eles estão improvisando. Mantenham-se no roteiro!

Dumbo espiou lá de cima, pela borda da plataforma.

— Ok, pessoal, vamos trazê-lo para baixo — Holt disse, tentando interromper a luta. Mas os palhaços estavam envolvidos em sua atuação, dando e esquivando-se de socos, virando a borda da piscina e batendo um no outro com a escada.

Um dos palhaços arrancou o capacete e o jogou no outro, mas o segundo palhaço se encolheu e o capacete saiu voando para fora do palco... direto para os controles do fogo. O ajudante de palco pulou para o lado e o capacete bateu no controle, derrubando-o do painel.

Uoosh! Chamas explodiram pela janela ao lado de Dumbo. Mas ele não tinha mais água para apagá-las! Dando um salto, sua pata chutou a barra na qual se fixava a rampa, que tombou para trás.

— Gente! — Holt chamou a atenção dos palhaços.

De repente, dando-se conta do que estava acontecendo, os palhaços entraram em ação, elevando a rampa para a plataforma. Mas, sem a barra, eles não conseguiram fixá-la. A escada escorregou e esmagou a piscina.

— *Uuuuuu!* — o público gritou alegremente, pensando que tudo fazia parte do número.

Holt correu para os bastidores:

— Max, ele está preso lá em cima! — Como o fariam descer? Eles precisavam evacuar a tenda e talvez conseguir uma rede ou algum tipo de guindaste? A cabeça de Holt estava rodando.

— Apaguem aquele FOGO! — Medici berrou.

O assistente de palco estava fazendo o possível para recolocar o botão do controle no lugar, enquanto outro foi atrás de uma chave-inglesa. As chamas saltavam pela janela e lambiam as tábuas da plataforma e os postes de apoio. Dumbo recuou o máximo que pôde, quase caindo da borda.

— Dumbo, por favor! Por que ele não voa? — perguntou Joe. O pobrezinho estava morrendo de medo! Seus olhos estavam revirando. E se ele desmaiasse e caísse?

Milly agarrou a chave pendurada em seu pescoço, depois viu a caixa de pombas de Ivan e Catherine:

— Joe, ele precisa de uma pena! Ele não voará sem uma pena.

Rápido como um relâmpago, Joe correu e pegou uma pena caída do fundo da gaiola e a entregou para Milly.

Milly a agarrou e atravessou as cortinas, cruzando o picadeiro até onde os palhaços tentavam desesperadamente inclinar a rampa da escada contra o outro lado da plataforma:

— Dumbo, estamos indo! — ela gritou.

— Milly! O que você está fazendo? — Holt correu atrás dela, mas a menina já estava pulando na escada e subindo.

— Eu achei que ela não quisesse se apresentar — Medici murmurou e foi para o palco ajudar.

Dumbo bramiu quando viu a cabeça de Milly lá em cima na plataforma. Os pelos dele começavam a encaracolar com o calor.

— Aqui! Mostre a eles, Dumbo! Mostre ao mundo todo o que você é capaz de fazer. Pela sua mãe. — Milly segurou a pena em frente a ele.

Os olhos dele brilharam e a sua tromba agarrou a pena.

Créc!

As tábuas da plataforma começaram a se romper, e a escada começou a balançar.

— *Aaah!* — Milly gritou lá do topo, vendo o chão rodando lá em baixo. Seu pai tentou estender os braços como se pudesse pegá-la no ar, depois xingou pelo braço que estava faltando.

— Oh, não! — A plateia perdeu o fôlego, finalmente se dando conta de que aquilo não fazia parte do número.

Lá estava, a piscina abaixo dela. Ela conseguiria. Ela tinha de conseguir. Soltando os dedos, Milly se jogou.

Splash! A água cobriu a sua cabeça, e ela tentou subir até a superfície quando uma mão agarrou sua camisa e puxou-a para a beira da piscina, trazendo-a para o lado de seu pai.

— Você está bem? — perguntou Holt.

Milly cuspiu um sim, mas seus olhos estavam fixos na plataforma acima. O barulho de tábuas se separando reverberavam pela tenda. Sem lugar para ir, Dumbo caiu.

— Dumbo, voe! Voe! — Milly gritou.

No ar, Dumbo inalou a pena. Com um estalo, as suas orelhas se estenderam e bateram uma vez, duas vezes.

Zupt! Dumbo levantou voo. Em direção ao teto, passando pela plataforma quebrada, por cima das cabeças da multidão. Saiu voando pela tenda, com as orelhas abanando alegremente.

Os adolescentes que o estavam provocando antes gritaram de novo, chamando-o de aberração. Dumbo dirigiu-se para a piscina e sugou um pouco de água com a tromba. Depois... espirrou a água nos garotos!

— *Aaaiii!* — os jovens gritaram, enquanto o resto da plateia ria. Tanto no picadeiro quanto nos bastidores, os artistas estavam paralisados, em estado de choque. As mãos de Rongo pendiam, imóveis, sobre os instrumentos musicais, o que tornavam os gritos do público quando se abaixava para se esconder e o abano das orelhas de Dumbo os únicos sons a serem ouvidos.

— *Uhuuu!* Eba! — Milly comemorou.

Holt olhou para a filha ensopada. — Você *sabia* que ele podia fazer isso?

Milly só sorriu e fez um “toca aqui” para Joe, que tinha vindo para o picadeiro também.

Medici e Holt se entreolharam.

— Por favor, comece a conversar mais com os seus filhos — Medici disse.

Lentamente, a plateia percebeu que Dumbo não iria pousar sobre eles. Eles o celebravam, dando “vivas!” e batendo palmas enquanto ele voava pelos ares. O sorriso de Dumbo ficou ainda maior, e os seus olhos brilhavam intensamente. Virando-se para a esquerda, ele deu voltas e fez piruetas para cima e para baixo.

Todos os olhares estavam fixados enquanto Dumbo pintava o sete pelos ares. Aquilo sim era magia, magia de verdade, acontecendo bem ali em Joplin, no estado de Missouri.

No dia seguinte, a notícia já tinha corrido e aparecido nos jornais: O CIRCO DOS IRMÃOS MEDICI TEM UM PAQUIDERME ALADO!

Vender ingressos já não seria mais um problema.

O mais novo artista do circo Medici — o elefantinho chamado Dumbo — os salvou.



Bem longe dali, na cidade de Nova York, o empresário V. A. Vandevere baixou o jornal.

— Sotheby — ele chamou o seu assistente pessoal —, faça as malas. Temos negócios a fazer em Missouri.

Se a história fosse verdade, os Irmãos Medici tinham um elefante capaz, literalmente, de voar. Parecia impossível, mas V. A. vivia de transformar o impossível em possível.

Ele tinha que trazer o elefante para o seu circo...

Só precisava ir buscá-lo.

CAPÍTULO

DEZ

Uma multidão estava reunida na porta da bilheteria fechada do circo dos Irmãos Medici. Em seu minúsculo escritório dentro do vagão de frenagem do trem, Medici estava esfregando as mãos alegremente. Depois, ensaiou uma expressão simpática, mas relutante, e saiu para falar com as pessoas.

— Meus amigos, *grazie mille*, mas há um limite de lugares! Ele subiu os ombros como se pedisse desculpas e apontou para as placas na bilheteria que diziam: LUGARES ESGOTADOS HOJE / AMANHÃ / DEPOIS DE AMANHÃ TAMBÉM!

Expressões de decepção foram ouvidas em meio ao grupo de pessoas, mas Medici levantou os braços para acalmá-las:

— Os próximos espetáculos disponíveis serão em Arkansas! Mas eu estou oferecendo a chance de guardarem uma lembrança única: uma foto com Dumbo, o fantástico elefante voador! Uma verdadeira barganha a três? Dois? Não, eu sou um verdadeiro santo! A um dólar por foto!

Ele abriu um grande sorriso para todos, calculando silenciosamente quantas pessoas havia ali e quanto dinheiro arrecadaria.

— Façam fila aqui. Vamos abrir em uma hora, pessoal!

Com um aceno alegre, ele se dirigiu ao circo. Seus artistas estavam todos nas nuvens, como o próprio Dumbo, transformados em sonhadores vertiginosos graças ao animal milagroso entre eles.

— *U-hú!* Oba! — os palhaços gritavam enquanto dançavam na frente de sua tenda, com os pés rodopiando na areia. De braços

dados, eles giravam como um tornado, mais rápido e mais rápido.

— *lupi!*

Medici gritou para eles:

— Esse é o espírito! Vamos surpreender e causar admiração como costumávamos fazer.

Do outro lado, Rongo ergueu Miss Atlantis acima da cabeça, evidenciando seus músculos.

Medici olhou duas vezes:

— Rongo, o que deu em você? Usando pesos reais de novo! Adorei! — Ele inclinou o chapéu para os dois e saiu. À frente, Catherine se aconchegava no colo de Ivan, seus dedos entrelaçados enquanto riam de uma piada secreta. — Era essa mágica que estava faltando. *Bellisimo, vero amore!* — Com os olhos cintilando, Medici deu privacidade a eles. Dumbo fora a melhor coisa que acontecera ao seu circo. Agora ele seria mundialmente famoso! Sem mencionar que a sua vida financeira estaria resolvida.

Ele chegou ao seu destino: uma pequena tenda listrada de verde e branco.

DUMBO, O FANTÁSTICO ELEFANTE VOADOR!, dizia a placa da frente.

No interior, um fotógrafo estava esperando ao lado, verificando novamente o seu equipamento enquanto os funcionários do circo pintavam um céu azul cravejado de nuvens em um grande pano de fundo. Mais dois homens estavam enfiando algodão em um pufe que ficaria ao redor do pedestal de Dumbo. Medici conseguia imaginar: as orelhas de Dumbo se abrindo enquanto os fãs adoradores se agrupavam para o *flash* da câmera! Flutuando acima deles estaria Barrymore, vestido de anjo.

Barrymore não tinha gostado nadinha da ideia.

Puck convenceu o macaco a entrar no arreio da corda, mas ele continuava tentando tirar o halo preso à sua cabeça:

— *Xiu, xiu*, está tudo bem, é apenas um círculo de arame — Puck disse suavemente.

— *Blée* — Barrymore mostrou a língua para o seu treinador.

— Diga a ele que é o céu! Preciso que ele encarne bem o papel. Imita a Capela Sistina, mas com classe.

— *Uh-uh-oh-oh! Uh-uh-oh-oh!* — o macaquinho guinchou e atirou a harpa na cabeça de Puck.

— Oh, céus. — Medici deu meia-volta. Puck conseguiria se entender com o macaco. — Agora, onde está a minha estrela?



Na porta ao lado, Holt supervisionava o banho de Dumbo. O elefante se alvoraçava enquanto alguns dos acrobatas esfregavam atrás de suas orelhas. A água morna fazia cócegas em sua barriga e as bolhas de sabão o mantinham interminavelmente entretido. Ele as jogava para cima com batidinhas da tromba.

Milly e Joe riram quando Dumbo piscou para outro respingo de bolha em sua tromba. Holt trocou um sorriso com Pramesh. O encantador de serpentes e o sobrinho seguiam Dumbo em quase todos os lugares desde o seu espetáculo, trazendo-lhe tufo de grama, frutas doces e flores para o seu curral.

— Em nosso país, dizem as lendas que os deuses tinham formas de animais — Pramesh disse suavemente.

— Ah, Dumbo — Medici disse entrando com tudo na tenda. — Como está seu banho? Muito quente? Muito frio? — Medici mediu a temperatura da água com a mão, depois correu os dedos pelas costas de Dumbo. — Meninas, certifiquem-se de que as suas rugas não fiquem enrugadas.

Rindo, as acrobatas jogavam água sobre Dumbo, que espirrava de volta nelas. Então ele se levantou, suas orelhas se abrindo ao máximo.

Holt se perguntou por que Dumbo se sentia tão animado. Ele só estava ouvindo o ronronar do motor de um carro lá fora. *Bum!* Os lados da piscina dos palhaços estouraram quando Dumbo pulou para fora. A água voou sobre Medici e as acrobatas, que escorregaram no chão.

— Lembre-me de contratar um seguro — disse Medici, tirando a camisa molhada.

Sem parar para olhar para trás, Dumbo saiu da tenda, e Milly e Joe foram atrás dele.



Do lado de fora, Dumbo olhou ao redor ansiosamente. Milly e Joe vieram ao lado dele — as crianças imaginavam o que ele estava procurando, mas o barulho do motor não era o do caminhão de Brugelbecker. Era apenas um grande carro prateado e lustroso desacelerando até estacionar na entrada do circo.

As orelhas de Dumbo caíram de decepção, e ele se sentou no chão.

— Sinto muito, Dumbo. Não é a sua mamãe. — Milly fez um carinho atrás da cabeça dele.

— Quem é? — perguntou Joe. — Deve ser alguém rico para ter um carro desses. Quantas pessoas caberiam dentro dele?

— Aquele é V. A. Vandevere — o pai deles disse com uma voz de admiração.

Medici saiu e se juntou a eles.

— Vandevere! — O rosto do diretor do circo empalideceu. — Rápido, volte para a tenda, Dumbo — disse Medici empurrando o elefante para dentro.

Joe olhou para ele, mas a curiosidade sobre os recém-chegados era maior. Ele seguiu o pai e a irmã até a entrada principal, como se tivessem sido atraídos pelo carro como ímãs.



Medici deu um suspiro de alívio uma vez que Dumbo estava de volta dentro da tenda. O elefante parecia um pouco desanimado, mas alegrou-se de novo quando Pramesh lhe presenteou com uma laranja. De acordo com Joe, Dumbo tinha aprendido a espremer a laranja com os pés e a chupar o líquido com a tromba, logo o transferindo para a boca. Mas Medici não tinha tempo para assistir. Só podia haver uma razão para o magnata V. A. Vandevere visitar o circo de Medici... e não era boa.

Medici saiu correndo da tenda para saudar os visitantes.

Um homem de ombros largos, com olhos estreitos e uma expressão azeda saiu do carro primeiro. Ele olhou para a multidão do lado de fora do portão e para as barracas de circo desleixadas.

— Ah, Sotheby. Estamos depois do fim do mundo — ele murmurou para o outro homem que havia acabado de sair do carro.

— Certamente, Skellig — respondeu o segundo homem com um sotaque britânico formal.

Pelo que Medici podia imaginar, Sotheby era o cavalheiro aprumado, enquanto o parceiro, Skellig, devia ser um tipo de capataz. Sotheby observou a cena, depois pigarreou.

— Senhoras e senhores — ele anunciou para o grupo, dando um passo à frente. — Por favor, abram caminho para o imperador da magia, o arquiteto dos sonhos, o sr. V. A. Vandevere!

Um braço apareceu de dentro do carro. Saiu, então, um terceiro homem — um cavalheiro bonito vestindo um terno cinza de três peças, sorrindo benevolmente como se fosse o rei do Missouri. O nariz dele era retinho, e os dentes eram ainda mais retos e branquinhos. Olhos azuis afiados, da cor do céu, observavam o campo de grama amarela e o circo decadente sobre ela.

— E, viajando com ele, sua mais brilhante estrela: Colette Marchant, a Rainha dos Céus! — o homem britânico proclamou.

Vandevere estendeu a mão e os dedos enluvados para a porta do carro, e quem a pegou foi uma linda mulher com um vestido cintilante de paetês e, sobre os ombros, uma capa de pele com penas na barra. Seu sorriso deslumbrante foi acompanhado por uma jogada para trás do cabelo cacheado cor de ébano. Tinha maçãs do rosto bem marcadas e ar de mistério, e Medici pensou que ela poderia ter sido uma grande cartomante, mas, é claro, sua pequena estrutura atlética era perfeita para acrobacias graciosas.

Vandevere e Colette cruzaram a multidão suavemente, parando para posar para fotos e dando autógrafos enquanto as pessoas ansiavam por se aproximar das celebridades.

— Isso é que é uma entrada triunfal — Holt falou para as crianças.

Vandevere e seus acompanhantes seguiram até o portão do circo, onde Medici e os outros esperavam.

— Ah, *signor* Medici — disse Vandevere.

Medici inclinou-se para Holt e chiou:

— Ele sabe quem eu sou! — Estufando o peito conforme o lendário Vandevere se aproximava, ele assentiu em saudação.

— Apenas passando aqui pelo Missouri — o homem mais alto disse. — Ouvi dizer que você estava fazendo um espetáculo.

— Sr. Vandevere, é uma honra. — Medici apertou a mão dele, sentindo-se desconfortável, mas tentando não deixar transparecer.

— Não, a honra é toda minha — respondeu Vandevere.

— Venha, vamos conversar no meu escritório — disse Medici, conduzindo os visitantes ao vagão. Ele sinalizou com a cabeça para que Holt fosse cuidar de Dumbo. Não havia lugar para todos no vagão de frenagem.

É claro que ficou apertado para Skellig e Sotheby, seguidos por Vandevere e Colette, além de Medici. Skellig ficou a postos perto da parede, enquanto Sotheby vigiava a porta. Vandevere sentou-se em um banquinho de madeira como se fosse confortável como uma almofada. Colette olhou para o espaço lotado de papel, procurando outro lugar para se sentar.

— Sente-se, sente-se — Medici disse, pegando uma pilha de panfletos e duas cartolas de outra cadeira e jogando tudo sobre um tamborete atrás da mesa dele. Então vestiu um paletó sobre a camisa, que ainda estava encharcada, e uniu as mãos. — Agora, o que gostariam de beber? Apesar de que não tenho mais uísque escocês. Nem uísque americano. Nem conhaque — Medici atrapalhou-se. Será que ele tinha alguma coisa?

Ele abriu uma gaveta onde guardava uma reserva.

— *Shhhhhhh!* — Barrymore de repente apareceu, chiando para Medici, com suas patinhas agarradas ao cantil prateado de Medici.

Colette deu um pulo e Skellig se aproximou para ver de perto, mas Sotheby e Vandevere nem se mexeram.

— Xispa! Agora não — Medici deu uma bronca, tentando fechar a gaveta.

— Há um macaco na sua gaveta? — Vandevere perguntou calmamente.

— Apenas para emergências. — Medici lutou tanto para fechar a gaveta que acabou caindo da cadeira. — Ah, e talvez seja bom eu falar logo, o elefante não está à venda. Nossos ingressos já estão esgotados nas cinco próximas paradas.

— *Hummm.* De nada, Max. Quem você acha que comprou metade dos ingressos?

Os olhos de Medici quase saltaram da cabeça. Ele sabia que Vandevere era rico, mas comprar metade dos ingressos dos

próximos dois meses? Era dinheiro demais. Ainda assim, ele não conseguia imaginar uma quantia que o faria se separar de Dumbo.

Barrymore sacudiu dentro da gaveta, balançando a mesa para cima e para baixo. Farto, Medici bateu no topo da mesa com o punho, e o macaco finalmente se acalmou. Agora talvez Medici pudesse pensar.

— Não queria que seu novo número tivesse muita exposição em um momento tão crítico — continuou Vandevere.

— Ahã. Bem, eu não gostaria de desperdiçar o seu tempo. O elefante só voará com o Circo Medici. Somente para mim e para o meu talentoso treinador. — Medici encolheu os ombros, como que se arrependendo de não poder ajudar mais. Quanto mais rápido ele tirasse Vandevere dali, melhor.

— Isto é, supondo que ele seja real — Colette interferiu suavemente. Medici detectou um sotaque. “Seria ela francesa? Talvez francesa canadense?” Ela tirou um dólar da bolsa e jogou sobre a mesa de Medici. — Um dólar pela fotografia, certo?

Medici deu de ombros e guardou a moeda. Se eles queriam ver Dumbo, que vissem. O único Dumbo que eles levariam com eles seria o da fotografia.

CAPÍTULO

ONZE

Mesmo com um pregador no nariz, Holt podia sentir o cheiro nauseante de esterco de elefante. Felizmente, Dumbo tinha um quarto do tamanho dos outros dois, embora ainda assim conseguisse produzir uma enorme quantidade de estrume. Holt desajeitadamente raspou a pá ao longo do chão, jogando depois o conteúdo em um carrinho de mão.

Joe, que deveria estar ajudando, estava rindo com as cócegas de Dumbo. Holt não teve coragem de interromper. Ele desejou saber como fazer os filhos felizes de novo. Milly estava costurando dois pauzinhos em bandeirolas amarelas. O que ela pretendia fazer com eles, Holt não tinha ideia.

Passos soaram do lado de fora e Holt ouviu Medici tagarelando sobre o circo e quanto eles tinham que fazer para se preparar para aquela noite. Vandevere estava vindo.

Antes que Holt pudesse esconder a pá de esterco, Medici apareceu com o empresário em pessoa, Colette, e seus outros dois acompanhantes.

— Com todo o respeito, não tenho o dia todo. Vejam por si mesmos. Ele é tão real quanto os rebites — disse Medici. A boca dele se contorceu em uma carranca quando Colette saiu correndo em direção ao elefante.

Holt e sua pá estavam bem no caminho dela:

— *Hum* — ele murmurou, tentando mudar a pá de lugar.

— Com licença. Cuidado com o meu vestido — ela disse, erguendo a barra de paetês coberta de palha.

Holt girou a pá, quase esbarrando em Skellig, que agora estava na porta da tenda. Virando-se mais uma vez, Holt deu de cara com Vandevere. A pá pairou entre eles como um aperto de mão.

Meio zonzó, Holt jogou a pá para a borda da tenda e rapidamente limpou a mão na camisa antes de estendê-la para Vandevere:

— É um verdadeiro prazer — disse.

Vandevere passou por ele sem dar a menor chance para um cumprimento, com seus olhos fixos no bebê elefante.

Colette abaixou-se para falar com Joe e Milly:

— *Bonjour, enfants* — ela disse. — O meu nome é Colette. Então. Essa sua criatura voa?

Holt podia entender sua desconfiança — apesar de as orelhas de Dumbo serem impressionantes, era difícil acreditar que uma criatura tão grande poderia sair do chão.

Assentindo, Milly deu-lhe um sorriso ansioso, depois levantou as novas bandeirinhas acima da cabeça. As orelhas de Dumbo abriram-se para cima, copiando o movimento de Milly. Como o vento resultante do movimento soprou contra ela, Colette deu um passo para trás... bem na pá de Holt. Ela olhou para ele.

Vandevere encarou Dumbo como se fosse um predador vigiando a sua presa. Medici correu para fora e arrancou as bandeiras da mão de Milly.

— Segredos empresariais, querida — ele chiou.

— Posso perguntar como obteve esse elefante? — A voz de Vandevere era tão gordurosa quanto uma poça de óleo.

— Não tenho liberdade para dizer — Medici rebateu. — Ele vem do Extremo Oriente.

— Quão extremo?

— Extremo. — O queixo de Medici ergueu-se como sempre fazia quando ele estava irritado.

— Ele não me parece “mágico” — Skellig opinou.

Holt ouriçou-se:

— O que diabos você pode dizer baseando-se somente na aparência? — Ele tirou o chapéu da cabeça de Joe e o colocou na própria antes de passar ao lado de Vandevere novamente. — Olá, senhor. Holt Farrier. O senhor pode ter ouvido falar das Estrelas da Montaria? É um número com cavalos, um grande número. — É claro

que seu braço falso escorregou e ficou pendendo ao lado do corpo justo naquele momento.

Vandevere arqueou uma sobrancelha.

— *Pfft*, alemães. — Holt disse acenando com a outra mão, sentindo o rosto queimar. — É só um arranhãozinho.

Colette encontrou um ancinho e o usou para raspar o sapato. Algumas penas azuis da sua capa saíram voando com o movimento. Dumbo focou-se nelas e a sua tromba coçou enquanto ele encarava o joelho de Colette. Ela logo recuou.

— E você treina elefantes voadores também? — ela perguntou a Holt, examinando os flancos de Dumbo.

Holt sabia o que ela estava procurando — marcas das varas e chicotes que a mulher pensava que ele usava. Ela ficaria boba se soubesse a verdade.

— É só um hobby paralelo — respondeu Holt.

— Na verdade — disse Medici —, foram as crianças que ensinaram a Dumbo o seu talento. — Medici deu um sorrisinho para Holt. Os seus olhos pareciam desafiá-lo: “Vamos, veja se consegue impressioná-lo”.

O olhar de Vandevere voltou-se para as crianças.

— As crianças? Que fascinante. E como vocês fizeram isso?! — ele perguntou a Milly.

— Com um método científico — ela disse com orgulho.

Medici intrometeu-se na frente dela:

— *Rá, rá*. Eles não entendem inglês.

— Por quanto tempo vocês vão ficar aqui? — perguntou Holt.

Medici revirou os olhos:

— Tempo suficiente para uma foto.

O fotógrafo chegou, obedecendo ao aceno de Medici.

— Ah, Max, você tem algo que é muito raro na vida. — O tom de Vandevere era respeitoso. — E a tragédia é que você nem se dá conta disso. Você sabe o que tem?

— Enxaqueca? — Medici foi irônico. Ele precisava que Vandevere fosse embora antes que os Farriers revelassem mais segredos.

— *Mystique!*... — disse Vandevere. — Até o momento em que você vender a fotografia.

Créc! Skellig quebrou a câmara do fotógrafo, despedaçando-a no chão.

— Ei! — o fotógrafo gritou.

Holt assustou-se e Medici franziu as sobrancelhas, fazendo uma cara brava. O fotógrafo cobrava caro, e a câmara devia ter sido mais cara ainda — algo que eles nem poderiam comprar, para começar. Skellig olhou para Holt como se o desafiasse a protestar.

Mas Holt abaixou-se para coletar todo o vidro quebrado. Além de ser para a segurança de Dumbo, ele sabia que as crianças brincavam ali de pés descalços. A última coisa que ele queria é que alguém se machucasse.

— Venha dar uma volta comigo, Max. Acho que você vai querer ouvir o que tenho a dizer — disse Vandevere.



Fora do circo, a poeira levantava na campina, fazendo Medici engasgar. Ele tentava se abanar, irritado, olhando para Vandevere.

— Confie em mim, Max, eu conheço o seu tipo. — Vandevere sorriu para ele de forma condescendente. — Charlatão, golpista, oportunista...

“Nã-não”, Medici pensou. Ele não tinha vindo ali para ser insultado:

— *Ahã*. Nova York fica para lá, posso lhe ensinar o caminho.

Vandevere juntou as mãos de forma mansa:

— Mas eu também sei que tudo isso vem de um profundo desejo de um dia construir algo autêntico e verdadeiro. — Ele tirou uma moeda de prata do bolso e a jogou no ar.

— Eu conheço o seu jogo — Medici disse. Ele já tinha cruzado com muitos homens como Vandevere; todos atrás de mais poder e dinheiro, não se importando em passar por cima de quem estivesse pelo caminho. Além disso, ele também conhecia o seu truque de mágica.

— Não é um jogo. — Vandevere passou a moeda por entre os dedos. — Há os que enganam os outros. E há os que mudam os outros.

Com uma jogada final, a moeda voou pelo ar. Vandevere a pegou e depois abriu a palma da mão vazia. A moeda havia desaparecido.

Medici cruzou os braços e lançou um olhar de censura para Vandevere: — Está na manga do seu paletó.

— Está no seu bolso — Vandevere rebateu.

Medici bateu por fora no bolso do paletó e lá encontrou um pedaço de papel. Puxando-o e abrindo-o, ele quase perdeu o equilíbrio. O cheque cobria mais de um ano de despesas do circo, e o bilhete que estava junto reivindicava algo que Medici jamais imaginaria.

— Segredo do mundo do entretenimento, meu amigo — Vandevere continuou enquanto Medici lia. — Sempre tenha um coelho na cartola. Ou um macaco na gaveta.

— Sociedade? — Medici coçou a cabeça e examinou Vandevere. Aquilo era pra valer? Vandevere queria que ele se tornasse sócio-proprietário do circo da Terra dos Sonhos?

— Max, olhe ao seu redor. A sua vida está acabando.

Medici olhou para o seu trabalho de uma vida — as tendas remendadas, os funcionários da trupe fazendo trabalhos manuais ou praticando os seus números mesmo que houvesse metade dos artistas de antes. A cada despedida, o coração de Medici se partia — ele considerava a trupe uma família e, fosse por morte ou demissão voluntária, ele odiava ver a família diminuir em vez de crescer. Fazia mais de um ano que não havia nenhum membro novo. Talvez Vandevere estivesse certo — os circos já não exerciam o mesmo fascínio.

— O futuro do entretenimento é fazer todo mundo vir até você. Eu construí esse destino, mas o que me falta — Vandevere fez uma pausa e olhou profundamente para Medici — é um protegido.

Vandevere estava dizendo o que ele achava que estava dizendo? Medici coçou a cabeça distraidamente, esquecendo-se de que havia um cheque em sua mão até o papel bater em sua testa.

— Eu sei que não existe um “irmão” Medici. Pode ser que você sempre tenha querido ter um. — Vandevere parecia sincero.

— Você está me oferecendo uma sociedade? — Medici perguntou.

Vandevere assentiu:

— E um lar. Para toda a sua trupe. — Ele abriu bem os braços. — Sem mais viagens, dívidas, lutas cotidianas. Vamos todos voar nas asas daquele elefante. Ou nas orelhas. De qualquer forma, vamos voar.

Os olhos de Medici repousaram sobre o seu circo, onde os artistas e os funcionários esperavam por ele: — Um lar para todos nós?

— Juntem-se a mim e à minha família na Terra dos Sonhos e permita que eu os leve para o futuro! — A face de Vandevere iluminava-se ao falar da Terra dos Sonhos.

Envolvido no entusiasmo de Vandevere, Medici imaginou-os trabalhando lado a lado, transformando a Terra dos Sonhos no maior circo do mundo. As pessoas viajariam até eles e, sem todos os custos de instalação, do deslocamento e da avaria, Medici poderia investir mais em adereços e fantasias, construir palcos... As possibilidades eram infinitas.

— Tudo bem. Sócios — Medici proclamou, estendendo a mão.

Vandevere sorriu ao apertar a mão dele. Ele parecia tão genuinamente entusiasmado quanto Medici.

Haveria papéis para acertar os detalhes.

Mas Dumbo e toda a família Medici se mudariam para a Terra dos Sonhos.

Onde todos os seus sonhos se tornariam realidade.

MEDICI



PITTSBURGH, PENSILVÂNIA, 1887

Não, Max Medici não tinha um irmão gêmeo nem um irmão, aliás. Max Medici não era nem mesmo seu verdadeiro nome. Ele nasceu Gustavo Jakub Klosinski. Mas ele era esperto o suficiente para saber que um nome cativante era necessário para o sucesso de um circo. E, se havia uma coisa em que Max se sobressaía, era no negócio de atrair pessoas. Como vendedor de maravilhas e mascate de curiosidades, ele demonstrava ter nascido para o entretenimento. Sabia como fazer uma multidão suspirar e estremecer de empolgação. Desde os cinco anos de idade, ele contava piadas na cozinha enquanto sua mãe e tias lavavam roupa até que elas o dispensassem. Aos oito anos, enlouquecia seus professores quando interrompia as aulas para que todos os olhares se voltassem para ele.

Quando o seu pai desapareceu, Max, aos onze anos de idade, abandonou a escola e se tornou engraxate, sempre contando histórias fantásticas aos clientes. Algumas pessoas voltavam, impressionadas, enquanto outras o achavam intrometido demais e iam engraxar os sapatos em outro lugar. Mas, dia após dia, Max praticava como capturar e manter o interesse de uma pessoa.

Então, quando tinha treze anos, um circo chegou a Pittsburgh.

— Bernardo, espere por mim! — ele gritou para o melhor amigo. Lá na frente, Bernardo parou impacientemente ao lado de um poste de luz até que Gustavo o alcançasse.

— Gustavo, ande mais rápido — Bernardo ralhou. — Era o combinado.

— Mas eu não consigo. As minhas pernas são mais curtas do que as suas. — Ele continuou saltando para conseguir ir mais depressa.

Quando viraram na rua que levava ao circo, conseguiram avistar as tendas altas lá na frente, com luzes e serpentinas entre elas.

Ele sentiu um friozinho na barriga.

— Ai! — Bernardo rosnou. — Como vamos conseguir entrar? Olhe aquela fila.

— Daremos um jeito, Nardo. Onde há um desejo, há um caminho. — Gustavo levou-o para o lado, onde uma cerca improvisada cercava a feira.

Erguendo duas cordas, as crianças conseguiram passar para dentro. Deram de cara com um tecido branco — estavam atrás de uma pequena tenda. Dando a volta, viram uma fogueira e bancos montados ao redor dela — devia ser onde os artistas de circo comiam. Gustavo imaginou todos saindo do palco, gargalhando e dando tapinhas nas costas uns dos outros enquanto se acomodavam para comer, conversar e brincar. Uma família não de sangue, mas de amizade e camaradagem.

Bernardo se adiantou à frente, trazendo a mente de Gustavo para o presente. Rapidamente, ele correu até o amigo, e ambos se acomodaram na multidão ao longo da via principal, onde as barracas paralelas ao espetáculo eram montadas.

— Uau! — Bernardo apontou para um homem que fazia malabarismos com tochas acesas sobre um pequeno palco.

A próxima pessoa não era tão estranha assim. Claro, tinha mais pelos faciais do que uma mulher normal, mas Gustavo já tinha visto bigodes bem espessos em suas parentas mais velhas. Ainda assim, as crianças pararam para observar enquanto a senhora barbada girava em círculos e puxava o cabelo para que soubessem que era real.

— Olhe só! — Bernardo cutucou Gustavo e o levou para ver um par de contorcionistas que pareciam enrolados um no outro.

Os garotos pegaram um pouco de pipoca e, depois de meia hora de perambulação, chegaram à tenda principal. Os aplausos trovejaram quando o número anterior terminou. Não havia mais onde sentar, mas Gustavo encontrou lugares para ficar de pé perto da frente.

Luzes brilhavam, e holofotes dançavam pela tenda enquanto alguém tocava uma bateria. Bang! fez o prato. As luzes se voltaram para o centro do picadeiro, onde um homem elegantemente vestido de fraque e de cartola fez uma medida.

— Vocês já viram feitos de força e velocidade. Agora, deslumbrem-se com a nossa dupla mais ousada, os Leonardos Saltadores!

Movendo-se, os holofotes iluminaram dois homens de trajes justos verde-cintilantes que estavam sobre duas plataformas a pelo menos quinze metros do chão, um de frente para o outro. Os dois acenaram para a plateia, depois um se adiantou e soltou uma barra presa entre duas cordas.

— São os trapézios — Gustavo cochichou para Bernardo, comportando-se como um especialista, quando, na verdade, ele acabara de ouvir a palavra ser dita por pessoas atrás dele.

— Eu sei — o amigo desdenhou.

Pendurados pelas mãos, os dois homens se afastaram, balançando-se no ar. Gustavo prendeu a respiração antes de notar a rede abaixo, os fios escuros camuflados na escuridão. Ainda assim, como eram corajosos esses artistas! Agora um estava pendurado de cabeça para baixo pelos joelhos. O outro de repente se soltou de seu trapézio!

O estômago de Gustavo se apertou, seus olhos fixados no homem.

O acrobata dobrou-se até virar uma bola, girando no ar como um aro, antes de estender seu corpo em linha reta e alcançar o parceiro no ar. Eles se agarraram pelos braços, e o trapézio voou com uma velocidade ainda maior.

Pelo resto do espetáculo, Gustavo não se mexeu. Mesmo quando as luzes se acenderam e todos foram conduzidos para fora, ele ficou parado, imóvel em meio às pessoas saindo. Bernardo o puxou pelo braço, mas, em vez de ir para a saída, Gustavo entrou no picadeiro.

Um corpulento funcionário do circo que estava içando as redes gritou para ele parar.

De repente, o mestre de cerimônias apareceu ao lado de Gustavo:

— Quem é você? — ele perguntou sem raiva.

— O meu nome é Gustavo Jakub Klosinski.

— Posso ajudá-lo?

— Sim, por favor! — Gustavo quase tropeçou nas palavras.

— Com o quê?

— Como eu faço para me tornar você?

O homem observou o rosto esperançoso de Gustavo, o fervor em seus olhos.

— Ah, pegou o vírus do circo, hein? É difícil curá-lo, já aviso. Se deixá-lo tomar você, vai tomar também toda a sua vida e consumir cada minuto...e cada dólar.

— Por onde começo? — Gustavo perguntou.

O homem riu.

— Candidate-se como assistente de palco e aprenda o ofício. Ou junte dinheiro suficiente para começar o seu negócio do zero. — O homem piscou. Ele estava claramente brincando no caso da última sugestão; circos devem ser muito caros.

Gustavo assentiu pensativamente.

— Obrigado, obrigado. — Ele apertou a mão do homem e virou-se para ir embora. Bernardo estava esperando com impaciência alguns metros à frente.

— Ei, Gustavo — o mestre de cerimônias chamou. Gustavo olhou para ele. — Seja lá o que fizer, mude o seu nome!

Hummm. Era verdade. Seria difícil divulgar boca a boca um circo itinerante se ninguém pudesse pronunciar — ou soletrar — o nome.

Enquanto Gustavo seguia Bernardo de volta ao seu bairro, as ruas de Pittsburgh se obscureceram em torno dele. Visões de acrobatas e palhaços, aberrações e números extraordinários dançaram em sua mente. E, no centro de todos eles, lá estava ele sob um holofote, orgulhosamente acenando para uma plateia de homens, mulheres e crianças aplaudindo.

Um dia, ele faria isso acontecer. Tudo isso. Ele comandaria o maior circo de todos os tempos.

CAPÍTULO

DOZE

NOVA YORK, 1920

Dois meses depois, após todos os contratos terem sido revistos e assinados, foram feitos os arranjos, as datas das turnês foram canceladas e o dinheiro dos ingressos foi reembolsado com promessas de desconto para os clientes que viajassem para a Terra dos Sonhos para ver o número de Dumbo... O equipamento do circo foi desmontado e colocado no trem pela última vez, e Milly, Joe e Holt pressionaram os narizes contra as janelas do vagão.

— Lá está! — Milly perdeu o fôlego ao avistar os arranha-céus que se erguiam como acrobatas equilibrando-se uns nos ombros dos outros. — Dá para acreditar?

— A cidade de Nova York — Joe maravilhou-se. — Centro do mundo!

Sobre pontes, o trem passou por entre os prédios de apartamentos lotados de pessoas que o tentavam ver atravessando por ali, enquanto outras passeavam pelas avenidas largas com sombrinhas para proteger o rosto do sol. Milly nunca havia visto tantos carros enfileirados pelas ruas. O barulho de vendedores, de entregadores de jornal, de buzinas e de motores enchia o ar. Conforme se afastavam da ilha de Manhattan, as casas foram ficando menores, mas ainda assim eram grudadas umas às outras. Milly começou a sentir um cheirinho de sal... Eles estavam perto do mar.

Lentamente, o trem de Medici chegou à parada final, no fim da linha. Milly e Joe correram para fora, assim como o seu pai. Não conseguiam acreditar que finalmente haviam chegado. Pelo que tinham ouvido, a Terra dos Sonhos era um lugar maravilhoso. A distância, eles conseguiam ouvir os sons característicos da rodagigante e da montanha-russa. No centro, erguendo-se acima da cerca de metal, ficava uma torre delicada. As iniciais “V.A.V.” eram desenhadas por luzes e, acima delas, um andar envidraçado prometia vistas incríveis do circo e do mar lá embaixo.

— Ah, bem-vindos! — Vandevere veio caminhando até a plataforma e apertou a mão de Medici. Colette, envolvida em uma

pequena capa azul-pavão, estava atrás dele, acenando para as crianças.

Quando vira Colette pela primeira vez, Milly sentiu-se intimidada, pois com certeza aquela moça elegante torceria o nariz para o macacão de remendos de Milly — sem falar nas suas estranhas ideias de treinar Dumbo adotando um método científico. Mas a afetuosidade de Colette parecia verdadeira. Ela parecia expressar genuína curiosidade com relação às ideias de Milly.

— Espero que tenham feito uma boa viagem. Eu fiz os preparativos para receber Dumbo, como podem ver. — Vandevere interrompeu os pensamentos de Milly, apontando para uma enorme carruagem dourada, toda fechada, puxada por cavalos. Tinha apenas uma janelinha com barras de ferro no fundo. Vários dos homens dele se aproximaram do trem rapidamente para passar o elefantinho para a tal jaula.

— Esperem — Milly pediu. Ela entrou no vagão de Dumbo e saiu com o circo de ratinhos. — Estes são os amigos dele; ele gosta de tê-los por perto. — Ela colocou cuidadosamente o circo na carruagem e fez um carinho na tromba de Dumbo.

— Agora, sigam-me até o nosso transporte — Vandevere disse para os Farriers, Medici e Colette quando os homens fecharam a carruagem. Ele os conduziu para a carruagem prateada que eles já conheciam, a qual agora estava aberta. Sotheby segurou a porta para que Milly, Joe e Holt subissem no banco de trás. Vandevere, Colette e Medici sentaram-se no banco da frente, e Sotheby assumiu as rédeas.

A carruagem deslizou sob o grande portão que marcava a entrada para a Terra dos Sonhos em letras decoradas. Milly segurou a respiração quando o portão se abriu e olhou ao redor quando entraram. Diretamente à sua frente, havia uma fileira de barracas e atrações reluzentes que levavam à gigantesca tenda principal, toda decorada. Diferentemente da tenda deles, aquela tinha pilares e vigas de metal, além de ser cinco vezes maior. À esquerda, ficavam as atrações de parque de diversão, como a roda-gigante e a montanha-russa. Um foguete parecia voar para o alto. Gritinhos de emoção vinham daquele lado. Mas o olhar de Milly foi atraído para o lado direito, onde construções modernas e lustrosas anunciavam o

futuro. Uma estava identificada com palavras que ela nunca imaginara.

— Veja, papai! “Maravilhas da Ciência” — ela leu em voz alta, apontando para uma construção sobre a qual havia zigue-zagues de fios elétricos. O corpo inteiro dela se arrepiou, como se ondas de eletricidade estivessem correndo por suas veias.

— Vamos com calma, docinho — Holt alertou. — Temos um trabalho para fazer aqui. — Vandevere estava observando Milly com curiosidade. — Minha filha acha que é Marie Curie — Holt disse a ele.

Vandevere inclinou a cabeça, examinando a menina. Ele sorriu:

— Uma vez, ouvi meu pai dizer que eu não chegaria a lugar nenhum. Agora ele me liga todos os anos pedindo dinheiro. — Seu olhar intenso estava focado em Milly. — Nunca permita que ninguém diga o que você pode ou não fazer.

— Espere, eu não estava dizendo... — Holt balbuciou, claramente irritado pela insinuação de que não apoiaria a filha. Ele amava Milly de todo coração; apenas queria algo prático para o futuro dela, em vez de ver os seus sonhos fora de alcance esmagados. Ele sabia como era perder coisas preciosas. E queria protegê-la daquela dor.

Vandevere não esperou Holt terminar. Ele se virou devagar, e a carruagem prosseguiu até a grande tenda. Multidões de pessoas estavam aglomeradas no caminho, acenando para eles conforme passavam.

— Já viu tantas pessoas assim? — Milly perguntou.

— Pois é. Gostaria que a mamãe estivesse aqui para ver. — Joe respondeu tristonho.

Retomando a compostura, Holt sorriu para as crianças:

— De alguma forma, acho que ela sabe que estamos aqui.

Depois, ele se inclinou para a frente e sussurrou para Medici: — Bela magia essa sua, Gustavo.

— *Xiu* — Medici o mandou ficar quieto.

— *liiiúúúú?* — Um chamado questionador veio da carruagem fechada. Milly e Joe viraram-se para olhar. — Está tudo bem! Nós estamos ouvindo você, Dumbo — falou Milly. — Por que vocês não o deixam ver aqui fora? — Dumbo adorava acenar para as pessoas, mas a carruagem só tinha uma janelinha, alta demais para ele olhar

a paisagem. Ela tinha certeza de que ele queria saber o que era toda aquela comoção.

— Paciência, mocinha. Mistério — Vandevere explicou.



Atrás da carruagem, o restante do circo de Medici encerrava o desfile, todos com admiração espantada no rosto. Nunca tinham sido recebidos assim antes.

— Pois foi para isso que me juntei ao circo — Rongo declarou alegremente.

Miss Atlantis sorriu atrás do véu de seu chapéu e Pramesh e o sobrinho cumprimentavam a multidão com acenos de cabeça. Catherine jogava beijos para os espectadores, enquanto Ivan acenava como uma estrela de cinema. Puck endireitou as costas e estufou o peito, o que levou Rongo a lhe dar uma cotovelada amigável, zombando dele. Os palhaços davam cambalhotas e estrelas espontâneas, enquanto os acrobatas marchavam graciosamente atrás deles.



As rodas brecaram quando chegaram em frente à tenda principal.

Vandevere virou-se para a sua obra-prima de circo, pousando uma mão sobre um ombro de Colette:

— Aqui está o centro de tudo isso! O que é que fazemos aqui, *ma chérie*?

Colette sabia a sua deixa. Jogou os braços para trás e exibiu um belo sorriso:

— Tornamos o impossível possível!

Olhando ao redor, Milly acreditou. Tudo parecia novinho e brilhante.

— E é aqui que vocês vão se apresentar: no Coliseu! — Sotheby apontou para a enorme tenda, que Milly notou ser decorada com faixas de quase dois metros de altura com a imagem de Colette. Eles nunca haviam visto uma tenda com tantas alas. O picadeiro

parecia ser permanente, sustentado por vigas de metal. — As tendas de treino ficam lá atrás. É lá que Dumbo vai ficar.

Skellig e vários outros homens conduziram os cavalos naquela direção, com a carruagem dourada seguindo-os. Um bramido nervoso escapou.

— Estamos aqui, Dumbo! Não se preocupe! — Joe gritou para ele.

— Por que não estamos indo com ele? — Milly perguntou.

Dumbo gostava de ter Milly e Joe por perto, e atualmente, em geral, eles dormiam próximos a ele.

— Porque vamos levá-los agora para a casa de vocês.



Um pouco mais tarde, Vandevere caminhou em direção a um lindo edifício na borda do circo e abriu a pesada porta feita de carvalho.

Holt e as crianças piscaram. Eles não dormiriam mais em sua tenda? Nada mais de noites frias e tardes sufocantes de tão quentes? Nada mais de andar na ponta do pé no meio da noite, para não acordar ninguém quando se ia ao banheiro?

Vandevere estava esperando na porta da frente. Os Farriers apressaram-se para entrar com ele, com Medici e Colette vindo atrás. Joe correu escada acima pelo piso de madeira, passando por janelas adornadas por cortinas de veludo. Milly teve medo de derrubar alguma antiguidade caríssima ou estilhaçar uma janela.

— Olhem este lugar! — Joe apareceu em uma varanda com vista para todo o parque.

Milly achou os quartos; ela ia ter um quarto só para ela! Um deles tinha uma parede inteira forrada de livros e uma cama coberta por uma colcha de flores amarelas. Ela passou os dedos pelas laterais dos livros. “Uma biblioteca... no meu quarto!”, pensou. Parecia que o seu coração ia explodir. Até hoje, ela só tinha conseguido manter alguns livros por vez. Quem viaja com o circo não pode carregar malas pesadas.

Ela assimilou tudo aquilo: o piso com linhas curvas amarelas e as cortinas verde-esmeralda nas janelas imensas. Era como se eles

tivessem chegado a Oz.

Vandevere percebeu as expressões no rosto das crianças:

— E as crianças vão liderá-los — ele sussurrou baixinho.



“O que isso quer dizer?”, Holt perguntou-se, examinando Vandevere. Os lábios do empresário franziram-se em um meio sorriso. Holt decidiu não perguntar. Ele não quis parecer ignorante.

— Estamos todos muito gratos por essa oportunidade, senhor — disse Holt. A casa era incrível. Mesmo após uma vida inteira de trabalho, Holt nunca poderia comprar um imóvel como aquele. Ele mal podia acreditar. Parecia bom demais para ser verdade.

— Mas é claro. A sua família é minha também. — As sobrancelhas de Vandevere contraíram-se. — Se preferirem se estabelecer mais tarde, há algo no parque que eu gostaria de compartilhar com vocês.

Depois daquela casa, Holt mal podia esperar para ver o que mais havia na Terra dos Sonhos. Ele assentiu e guiou os filhos para fora; mais tarde, eles poderiam explorar todos os seus cantinhos.

Vandevere levou o grupo para a grande tenda cor escarlate com detalhes dourados. Dentro da tenda, no meio de um cercado, havia doze lindos cavalos, cada qual com um tratador. Holt sentiu um aperto no coração. Os seus pelos variavam de branco brilhante a cor de mel, passando por castanho-avermelhado e baio, com um malhado perfeito para um caubói. Ainda mais impressionantes eram os dois árabes, com suas cabeças delicadas e pescoços graciosos, que se arqueavam quando empinavam.

— Eu pesquisei a sua história, sr. Farrier. Você foi o maior montador do estado de Kentucky. Não há razão para não repetir a proeza aqui. — Vandevere acenou, e um tratador puxou uma corda, que abriu uma faixa.

Sobre um fundo com estrelas e listras da bandeira dos Estados Unidos, estava uma fotografia de um cavaleiro de um braço só sobre um cavalo empinado.

— Só que, aqui, será Capitão Farrier, herói de guerra! — Vandevere fez um retângulo no ar com as mãos. — Um cavaleiro de

um braço, um tesouro nacional. Vamos embalá-lo em lendas e na bandeira.

“De verdade?”, Holt mal podia acreditar. Ele não teria de fingir; sem braço falso, sem bigode e sem maquiagem de palhaço.

— Eu ainda sei montar — disse Holt. Era uma meia afirmação, meia pergunta. Ele olhou para Medici, que tinha tanta certeza de que o ferimento de Holt assustaria as pessoas. Julgando pela expressão dele, estava se recriminando por dentro por não ter a mesma visão de Vandevere. Talvez as multidões gostassem de um herói de guerra; talvez até cantassem o seu nome.

— Eu sei que você sabe — Vandevere respondeu. Holt inspecionou os cavalos. — E logo você poderá montar... assim que fizer aquele elefantinho voar para mim.

Ah. Lá estava a isca.

— Você quer dizer que, uma vez que o número dele estiver pronto... — Holt sugeriu, querendo ter certeza de que Vandevere estava prometendo o que ele achava que estava prometendo.

— Você poderá montar novamente. — O dono da Terra dos Sonhos deu um sorrisinho.

Holt respeitava aquilo; bons negócios sempre envolviam negociações. Se ele fizesse bem o trabalho, teria a chance de ganhar o seu número individual e se tornar uma estrela de novo.

Milly e Joe apressaram-se para abraçá-lo, compartilhando de sua empolgação.

Vandevere voltou-se para Medici: — Agora, ainda estamos organizando horários para o restante da trupe, mas, na sexta-feira, vamos estreiar nosso pequeno Dumbo.

Medici balançou a cabeça afirmativamente.

Fazia sentido que os outros artistas tivessem de ser encaixados entre os números já existentes de Vandevere, e Holt conseguia entender a ansiedade dele para exhibir Dumbo. Quem poderia culpá-lo? Dumbo era inacreditável.

— Está com um frio na barriga, *chérie*? — Vandevere perguntou a Colette.

Pela primeira vez, Holt viu a atriz enrubescer. Ela sempre exalava segurança, com um ar de mistério — ou qual era a palavra que

Vandevere adorava? — *mystique*. Agora, as suas sobrancelhas estavam contraídas e seus lábios, franzidos de confusão.



Colette olhou de volta para Vandevere, perplexa.

— Por que está olhando para mim? — Em geral, ela tinha uma boa ideia do que se passava pela cabeça do chefe, mas dessa vez ela não estava entendendo o brilho no olhar dele.

— Porque a única coisa mais fantástica do que um elefante voador... é uma deusa voando sobre ele.

— Você está louco?

Os olhos de Vandevere estavam focados no teto, como se ele estivesse imaginando Dumbo e Colette voando lá em cima. Colette conhecia aquela expressão; era séria. Ela ainda duvidava que o elefante poderia voar, mas, mesmo que voasse, certamente a derrubaria.

— O quê? — Joe gaguejou, enquanto sua irmã protestou:

— Voar no Dumbo?

— Não sei se essa é uma boa ideia — acrescentou Medici.

Holt assentiu nervosamente, mordendo o lábio.

“Viu? Todo mundo que trabalhou com elefantes concorda. É impossível”, pensou Colette. Ela ergueu uma sobrancelha para Vandevere.

Ele a olhou e Colette soube, pelo fogo queimando nos olhos dele, que o destino dela estava selado.

— Querida Colette, não vamos nos esquecer de onde você veio. Você voará na sexta-feira. Por mim.

Colette silenciosamente insultou Vandevere e seu estúpido mantra “tornar o impossível possível”. E como ele se atreveu a mencionar o passado dela? Só porque ele a havia descoberto não significava que tinha o direito de colocar a sua vida em risco, certo? E tudo por um sonho.

— Dumbo nunca voou com ninguém — explicou Holt.

Colette sentiu uma mistura de gratidão e pena. Holt ainda não sabia que, uma vez que colocava algo na cabeça, Vandevere não

permitia que uma coisinha boba como a lógica atrapalhasse os seus planos.

— Talvez agora, meu treinador de elefantes, tenha ficado claro o quanto eu preciso de você. — O olhar de Vandevere foi gélido, colocando Holt no lugar dele.

O caubói, um herói de guerra, parecia nervoso. Muito nervoso.

“Ótimo”, pensou Colette. “Que maravilha. A minha vida está nas mãos desse boboca?”

Dando meia-volta, ela saiu da tenda. Ao chegar ao santuário da sua suíte, duas de suas aias a saudaram. Elas estavam se arrumando para ir embora.

— Boa noite, senhorita Marchant — uma disse. — Você ouviu sobre o elefante? — Seus olhos verdes brilharam de empolgação.

— Estou louca para vê-lo! — a outra exclamou.

— *Humf.* — Colette deu de ombros e foi para o seu quarto. No ar, sentia-se o perfume doce da lavanda; que diferença do cheiro das tendas dos animais. Ela se sentou na penteadeira e retirou com cuidado a peruca que usava em público. Finalmente, podia respirar em paz. Ela remexeu seu cabelo curtinho cor de chocolate, depois paralisou.

Pelo espelho, viu os empregados do circo tirando as suas faixas — aquelas em que aparecia sobre o trapézio. Então se virou e foi olhar pela janela, lendo a nova faixa pendurada pelos homens: ACREDITEM, ela dizia, e tinha uma silhueta escura de um elefante voando.

Que ridículo. O número dela estava sendo substituído por uma criatura pesada e desajeitada.

— Elefantes — Colette murmurou, revoltada. Mas não havia nada que ela pudesse fazer; Vandevere é quem mandava. Ela teria que dar o melhor dela. Só esperava que o caubói e seus filhos fossem bons treinadores.

COLETTE



PARIS, 1912

Colette havia escolhido a esquina com cuidado, com a calçada mais lisinha possível. O concreto fora assentado havia uma semana apenas. Talvez ela também tivesse sido atraída pelo fato de haver uma padaria ali, lembrando-lhe do pão fresquinho assado por sua família todas as manhãs no interior da França, embora agora o aroma fizesse o seu estômago doer, e a memória de sua Maman e de seu Papa fosse agri-doce. Foram eles que a colocaram nas aulas de ginástica artística, preparando-a para o número de abertura de seu show de marionetes, para que ela aquecesse o público em suas viagens por todo o país.

O inverno rigoroso fora duro com eles — sua mãe tinha ficado doente, e o pai ainda pior. Quando faleceram, Colette se mudou para Paris e teve de aprender a se virar sozinha. Apresentando-se na rua, ela conseguia comida suficiente para se alimentar e algumas roupas novas de vez em quando. Quando conheceu François, ele a ensinou a se apresentar no centro de um círculo de pessoas, não em frente a uma parede. Assim, ela aumentaria a sua plateia.

O sol não tinha nem nascido, mas ela já estava testando seus truques na calçada, fazendo uma parada de mão, uma cambalhota e terminando sobre um pé só. Com ou sem plateia, Colette adorava mexer o corpo, sentindo os músculos se contraindo e as juntas se alongando.

Se ao menos François chegasse para que eles pudessem ensaiar mais. Mas ele só apareceria em algumas horas. Ele não entendia o porquê de ensaiar — não até que as pessoas estivessem lá para assistir.

“Mon dieu, se ao menos ele entendesse como ensaios são importantes. Ele é o cúmulo do desleixo”, pensou Colette.

Ela se perguntou por quanto tempo deveria mantê-lo como parceiro. Se bem que os braços dele eram fortes, e ele conseguia

levantá-la lá no alto. Nada a empolgava mais do que estar lá em cima, o ar soprando como se ela fosse um pássaro.

Conforme as ruas começaram a se encher, Colette decidiu que fazer uma pequena apresentação para se aquecer não seria uma má ideia. Ela separou um baldinho para coletar as gorjetas e acenou para os passantes.

— Bonjour, senhoras e senhores! — ela chamou. — Se me derem um momentinho do seu tempo, prometo animar o seu dia com graça e habilidade.

Logo um espaço se abria ao redor dela, e um pequeno grupo parou para olhar.

Fazendo uma referência, ela logo realizou uma série de saltos mortais, usando um shorts que imitava uma saia, para não correr o risco de ser indiscreta. Continuou com a sua coreografia — ou o tanto que ela conseguia fazer sem o François.

Algumas pessoas jogaram moedas no balde, e o coração de Colette elevou-se a cada barulhinho. Ela acenava com a cabeça em sinal de agradecimento entre os movimentos, e então notou um par de olhos azuis encarando-a. O homem era bonito e estava vestindo um terno bem cortado, um sinal de dinheiro... de muito dinheiro. Ele a estava observando como se fosse pintá-la, e a intensidade do seu olhar a perturbou um pouco.

Ela se lançou para cima e se agarrou a um mastro na fachada da padaria. Balançando-se para a frente e para trás para pegar impulso, ela finalmente se soltou dando uma cambalhota no ar, aterrissando as suas botas em seguida e com segurança na calçada.

Eba! Colette adorava quando os aplausos eram genuínos. Ela pegou o balde delicadamente e, de forma tímida, foi passando entre as pessoas. Acabou faturando algumas moedas extras antes de a pequena multidão se dispersar. Apenas o homem de olhos azuis permaneceu lá.

— Bravo! Você é inacreditável! — ele disse, batendo palmas ao se aproximar. Seu sotaque era estrangeiro; americano, talvez?

— Merci, monsieur. — Colette fez uma mesure.

— Meu nome é V. A. Vandevere.

— V. A.? — *Ela tinha ouvido falar de grandes empresários e políticos que eram conhecidos apenas pelas iniciais de seus nomes; talvez eles pensassem que assim pareceriam mais importantes.*

— *Sim, e você é...?*

— *Colette Marchant.*

— *Colette, eu poderia convidá-la para almoçar?*

Colette hesitou, examinando o homem. Ele parecia inofensivo e, se fossem a um lugar público como um restaurante, talvez não houvesse problema.

— *Eu lhe asseguro que tenho as melhores das intenções, embora você seja dona de uma beleza espetacular. Tenho um pequeno parque de diversões na cidade de Nova York, que estamos planejando aumentar. Eu adoraria conversar com você sobre a possibilidade de se juntar à nossa equipe.*

Por sobre o ombro do homem, ela avistou François finalmente chegando com a roupa toda desleixada. Ela ergueu uma sobancelha que dizia: “Você está muito atrasado”.

François parecia entender a sua irritação. Dando de ombros, ele deu meia-volta e foi embora. Colette conversaria com ele depois, mas, primeiro, ela queria ouvir o que o tal V. A. Vandevere tinha para falar.

NOVA JERSEY, 1917

“Como deixei V. A. me convencer a fazer isto?” Zangada, Colette perguntou-se ao encarar o painel de controle em frente a ela. A cabine do piloto de avião era ridiculamente apertada; ela mal conseguia mexer as pernas e os braços. “Quando V. A. disse que ele conseguiria tornar realidade o meu sonho de voar, não foi isso que passou pela minha cabeça.”

— Ok — gritou V. A. pelo megafone. — Estamos prontos para mais uma volta. Tudo pronto aí, Colette?

Ela virou a cabeça para fazer uma cara de desdém para ele, mas não conseguia enxergar com as luzes da filmagem na cara dela. É claro que os óculos de piloto cobrindo os seus olhos o impediriam de ver a sua insatisfação, de qualquer forma.

— Oui, estou pronta. Estou sempre pronta — ela respondeu rispidamente. Já fazia uma hora que ela estava enlatada naquela cabine, com a equipe mexendo nas luzes e no fundo e nos sons e nas câmeras, até retornarem tudo aos seus lugares originais.

— Em três, dois, um... ação! — V. A. escolheu ignorar sua atitude passiva-agressiva. Tudo bem; talvez ela conversasse com ele durante o jantar. Desde que não houvesse um de seus potenciais patrocinadores entre eles, bastava manter o papo leve e otimista... sempre otimista.

Colette agarrou o manche e fingiu que o ar ao seu redor estava chacoalhando enquanto o avião passava por nuvens turbulentas, estampando no rosto um sorriso de aventureira. Claro, nada daquilo era real. Ela estava tão parada quanto um saco de farinha e a apenas um metro do chão em um estúdio.

— Corta!

“E agora, o quê?” Era para haver uma explosão de fumaça do lado de fora do avião.

Enquanto engenheiros reuniam-se em um canto, mexendo na máquina de combustão, ela levantou um pouco o capacete, desejando poder retirá-lo.

— Como está indo, minha linda? — perguntou V. A. Ele estava em pé sobre a asa do avião, com os olhos movendo-se de um lado a outro.

“Minha?” É, agora ela era dele, não era? Apresentando-se quando precisasse, sem questionamento. Não era isso que ela havia imaginado quando selou uma parceria comercial com ele e o seguiu para o outro lado do oceano, até os Estados Unidos.

— V. A., quando terminaremos isso? — ela perguntou.

— Em uma hora.

Ela quis dizer a filmagem toda, não só o trabalho daquele dia. Mas, baseando-se em sua experiência com outros filmes — ela já havia trabalhado em três já que, ao expandir o seu império, V. A. a havia transformado em uma estrela tanto para o palco quanto para as telas —, Mulheres Aventureiras ainda precisaria de pelo menos um mês de estúdio. Depois, ainda viriam outros três meses para a equipe de edição de V. A. trabalhar nele.

Colette suspirou. Era divertido ir ao cinema, e ela sabia que esse era o futuro do entretenimento, mas a produção de filmes era tão lenta. Sustentar a sua energia sem uma plateia para alimentá-la, sem poder se alongar ou dar saltos, sem poder fazer nada do que ela fazia tão bem... era desgastante.

Toda a emoção tinha de brotar de dentro e ser expressa em um sorriso enquanto as câmeras chegavam mais e mais perto, a apenas centímetros do seu rosto. Colette preferia usar o corpo inteiro, graciosamente estendendo os braços e canalizando o poder de suas pernas para saltar e se equilibrar.

— Vou me apresentar na Terra dos Sonhos nesta semana?

V. A. ergueu a cabeça, percebendo o mau humor dela.

— Se for o que o seu coração deseja, que assim seja. Podemos usar o tempo da sua ausência para refilmar as cenas do Bobby. Cá entre nós, ele é tão inexpressivo, quase não consigo lhe arrancar uma faísca.

Colette concordou. Era também por causa de seu parceiro apagadinho que o filme atual lhe parecia tão difícil de fazer.

— Obrigada, V. A. Gostaria disso.

Sempre um perfeito cavalheiro, desde que lhe fosse conveniente, V. A. assentiu: — Tudo bem. É melhor eu ir checar aqueles piromaníacos, preciso ver se não estão exagerando na pólvora.

Colette o viu indo embora, depois fechou os olhos e recostou-se no duro assento de couro. Logo ela estaria de volta aos ares,

bailando com a sua fita, dando piruetas sobre uma corda. Logo ela estaria de volta à Terra dos Sonhos. Logo.

CAPÍTULO

TREZE

A algumas barracas dali, Holt avistou Dumbo tentando ficar em pé, coberto por palha de todos os lados. O elefantinho devia tê-lo ouvido chegar com as crianças. Milly e Joe entraram com tudo pelas portas de madeira da nova jaula de Dumbo, com largos sorrisos no rosto.

— Dumbo! — eles chamaram, abraçando o amiguinho. Ele acariciou os seus rostos com a tromba, muito feliz de vê-los. Holt deu uma olhada na jaula, para ter certeza de que Dumbo tinha comida e bastante água — ele sabia quanta água os elefantes bebiam —, mas a equipe de Vandevere realmente havia cuidado bem de sua nova estrela. Holt virou-se para Skellig a fim de apertar a sua mão, mas o outro homem já estava conversando com dois guardas grandalhões que estavam a postos na porta da tenda de treinamento.

— O Capitão Farrier agora está no comando. Ninguém vê o animal sem a permissão dele.

— É Holt, podem me chamar apenas de Holt.

— Pensei que fosse um militar — Skellig falou arrastadamente. — Eu gosto de caçar. Mas não pessoas. São muito lentas. — Ele mostrou os dentes em um sorriso.

Holt estudou Skellig. Sua boca podia estar sorrindo, mas havia um brilho nos olhos dele que fez Holt pensar que ele não estava totalmente brincando: — Que botas bonitas. Pele de tubarão?

— Não. Então é melhor que esse seu elefante não me desagrade, né não? — Skellig piscou e saiu andando.

Holt esperou que ele deixasse Dumbo em paz. Skellig deixou um mau gosto em sua boca — como de queijo azedo. Qualquer homem que gostasse tanto de caçar não poderia respeitar animais como Holt respeitava.

Holt juntou-se então às crianças, que estavam abraçando Dumbo, e abaixou-se para fazer um afago na cabeça do elefantinho:

— E aí, Dumbo?

A tromba de Dumbo fez um círculo ao redor do braço falso de Holt.

— Dumbo, sai pra lá. — Holt tentou se livrar, mas o elefante puxou e arrancou o braço, torcendo-o como se fosse uma rosquinha. Milly e Joe caíram na gargalhada.

— Será que você pode devolver o meu braço? — Holt tentou pegar o braço enquanto o elefante o chacoalhava no ar.

— É nessas mãos que vou colocar a minha vida — Colette disse com secura da porta da tenda.

Levando um susto, Dumbo derrubou o braço. Holt correu para encaixá-lo no lugar, alisando-o para tirar a palha. “Primeiro eu quase joguei estrume de elefante nela, e agora parece que não consigo controlar o Dumbo.” Holt fez uma careta, desejando voltar atrás e começar tudo de novo, mas a famosa atriz e acrobata já estava lá. Melhor, então, começar logo.

Colette não parecia estar de maquiagem e usava um simples *collant* preto. Surpreendentemente, o cabelo dela era curto — ela devia usar uma peruca na maior parte do tempo. “A cor natural do cabelo lhe cai melhor”, Holt pensou. Balançando a cabeça, ele a mediu de cima a baixo. Ela era miúda, mas musculosa. Dumbo não teria problemas para levantá-la; se ele conseguiria abanar as orelhas o suficiente para manter os dois no ar é que era a questão.

— Vamos lá. Bem-vinda. Só para esclarecer, essa ideia não foi minha, ok? — Holt soltou Dumbo para que ele fosse para o tablado central da tenda, onde havia muitos equipamentos espalhados. Uma vez no centro, ele tentou cruzar os braços, mas acabou se abraçando estranhamente com o único braço. — Dumbo trabalha sozinho.

— Eu também. — Colette sacudiu a cabeça, depois se virou para os outros. — *Bonjour*, Milly, Joe... e para você. — Com cuidado, ela

se agachou diante de Dumbo.

Dumbo recuou, mas Milly e Joe o incentivaram a ir até ela. Em vez disso, ele se virou de frente para eles, girando a cauda a centímetros do rosto de Colette.

Colette ficou em pé na mesma hora:

— Que beleza.

“Melhor assumir o comando disso daqui”, Holt pensou.

— Pode ser que não a tenha reconhecido sem maquiagem.

— Você fala pelo elefante? — ironizou Colette. A sobancelha dela se arqueou, em sinal de desafio.

— Como Vandevere fala por você — Holt rebateu. Colette se virou e começou a se alongar, ignorando-o completamente.

— Olhe, se eu for ensiná-la a voar...

— Ah, eu sei voar — ela o interrompeu. — Desde criança. E eles ensinaram Dumbo a voar, certo? — Ela apontou para as crianças, que se cotovelaram de orgulho. Colette ergueu a sobancelha para Holt. — Então não preciso da sua especialidade.

Holt irritou-se. — Só para você saber, eu já estive na França. E não foi uma boa experiência. — Balançando a cabeça, ele deu passos para trás e fez um sinal para que ela e as crianças continuassem. Se a mulher queria que eles a ensinassem, ótimo. Ele ficaria por perto e se intrometeria quando o caldo entornasse.



Uma vez se concentrando nas crianças, Colette relaxou. Ela odiava quando as pessoas desprezavam as suas habilidades. Talvez Holt pensasse que ela não passava de um rostinho bonito. Ele nunca a vira se apresentar; de onde tirou a ideia de que ela era iniciante? Claramente, o homem achava que a sua presença estragaria o seu precioso elefante.

Claro que foi bonitinho como ele acidentalmente grudou palha no cabelo ao coçar a cabeça, e também como ele era meigo com Dumbo. Ainda assim, ela ficava mais confortável com Milly e Joe.

Colette se ajoelhou ao lado das crianças e sussurrou de maneira conspiratória:

— Mostrem-me o seu segredo! Como diabos fazem um elefante voar?

— Bem, primeiro ele precisa da pena dele — Milly disse.

— Ele não voa sem a pena. — Joe sacudiu a cabeça enfaticamente. — Ele se abaixou e abriu uma bolsa.

Colette espiou dentro. Estava lotada até a tampa de penas brancas, daquelas que saem de colchões e travesseiros. Ela olhou de novo para as crianças. Não estavam brincando.

— Bem — disse ela —, então eu também não.

Sem saber o que esperar, Colette pegou algumas penas e as ofereceu para Dumbo. Ele as cheirou com curiosidade, e ela o foi conduzindo para um banco ao lado de uma gangorra. Uma vez que ele estava sobre o banquinho, ela subiu em uma extremidade da gangorra, fazendo a outra extremidade se levantar próxima ao banquinho. Ela jogou a pena no ar. Ansioso para pegá-la, Dumbo não notou que deu um passo para fora, pisando na extremidade da gangorra e, conseqüentemente, atirando Colette para o alto na outra ponta.

Milly e Joe engasgaram ao ver a trapezista erguendo os braços no ar e habilmente agarrando um arco que estava pendurado por uma corda. Ela passou as pernas e as mãos pela lira e arqueou as costas, como a proa de um navio.

— Uau, devagar aí, princesa — Holt pediu. — Segurança em primeiro lugar. Meninos, peguem a rede. — Ele acenou para os guardas virem ajudar.

Colette sorriu para Dumbo e acenou quando a rede foi levantada.

— Viu, Dumbo? — ela disse. — Como você, eu também posso voar! — Ela rodopiou, ondulando o corpo para dentro e para fora da lira, como se fosse sua parceira de dança. Os olhos de Dumbo a seguiram, sua cabeça inclinada para o lado. — Agora vamos ver se você consegue me pegar.

Colette abanou uma pena acima de Dumbo. Fazendo um som alegre pela tromba, Dumbo trotou até a bolsa de Joe e aspirou uma porção de penas. Suas orelhas se abriram e abanaram... e, com um forte impulso, ele subiu, subiu, subiu.

— *Mon Dieu* — Colette sussurrou. Até esse momento, ela não acreditara que era mesmo possível. Mas lá estava ele, dando voltas

pela tenda a três metros do chão, com os olhos arregalados de animação... e ele voou bem na direção dela.

— *Arrêtez*, elefante! Pare! — Colette implorou para que ele parasse e largou a pena no ar.

As orelhas de Dumbo aplanaram-se para que freasse, mas ele acabou batendo na lateral da lira, fazendo com que Colette e o arco balançassem para cima e para baixo destrambelhadamente. Colette gritou ao escorregar e soltar a mão, ficando pendurada apenas por uma perna. Abaixo, só havia o chão. O impulso da lira a levou para trás, fazendo-a bater no traseiro de Dumbo.

— *liiiiúúúú!* — Dumbo bramiu de susto. Ele voou para a frente, mas sua cauda estava presa no gancho que conectava o arco à corda. Em pânico, ele tentou escapar da coisa estranha emaranhada na sua cauda. Suas orelhas o levavam mais e mais para cima, e ele contorcia o corpo como podia.

— *Aaaaaaah!* — Colette gritou quando os movimentos frenéticos de Dumbo arrancaram a lira de seu alcance e ela despencou em direção ao chão.

Finalmente livre do arco, Dumbo congelou. Ele exalou as penas e, parando de abanar as orelhas, desceu como um tiro de canhão.

Uuuooop. Colette pousou em uma rede e fechou os olhos em alívio.

— Cuidado! — gritou Milly.

Com os olhos abertos, Colette viu uma bola cinza indo direto na direção dela. Então virou para o lado logo antes de Dumbo cair na rede, abaixando-a tanto que Colette deslizou de volta para perto dele.

Uma pena caiu na cabeça de Colette. Sorrindo, Dumbo usou a tromba para soprá-la para cima.

— Acho que temos um trabalho a fazer — disse a voz mal-humorada de Holt.

Colette lutou para se livrar das pernas de Dumbo e saltou da borda da rede, aterrissando graciosamente no chão. Fazer com que Dumbo saísse da rede foi outro espetáculo, mas as crianças e os ajudantes deram um jeito. Uma vez que estava seguro e com as patas no chão, Colette fez um carinho na cabeça dele.

Eles tinham muito a ensaiar, mas o pequeno elefante havia conquistado seu coração. Ele era mesmo algo inesperado. E especial.

CAPÍTULO

CATORZE

Isso estava mesmo acontecendo. Medici se beliscava com frequência pelo forro do bolso de seu melhor casaco. Mesmo com a sua bela estampa xadrez, parecia barato ao lado do paletó listrado simples e bem cortado de Vandevere.

— Você consegue — disse Medici a si mesmo enquanto Sotheby segurava a porta aberta para eles. Medici estufou o peito. Não era a roupa que fazia o homem, era como o homem a vestia; não era diferente de uma fantasia usada no picadeiro. Então ele exibiria a sua roupa com confiança.

Medici entrou na sede da Terra dos Sonhos como se fosse o dono. O que, tecnicamente, ele supunha que era. Parcialmente.

Meia dúzia de mesas estavam dispostas no interior, com portas de vidro fosco levando a outras salas. As mulheres e os homens nas mesas se levantaram quando Vandevere entrou com ele. Eles olharam para Medici com curiosidade.

Sotheby adiantou-se e limpou a garganta:

— Amigos e colegas, vamos dar as boas-vindas da Terra dos Sonhos ao nosso novo vice-presidente executivo, o sr. Max Medici. Tudo o que ele precisar, seja o que for, façam acontecer como vocês sempre fazem.

Os assistentes bateram palmas e sorriram enquanto Sotheby conduziu Medici pelas mesas até uma das portas. Abrindo-a, ele revelou o novo escritório de Medici.

Seu queixo quase caiu. A parede externa era de vidro do chão ao teto, dando a ele uma visão clara do parque de diversões lá

embaixo. Uma enorme poltrona de couro o aguardava atrás de uma mesa de cerejeira. Medici forçou-se a andar — e não correr — até a poltrona e aconchegar-se nela. O assento era macio, mas os braços da poltrona eram um pouco altos para ele. Não importava.

No canto, uma segunda escrivaninha e uma cadeira estavam ocupadas por uma mulher de cabelos grisalhos e uma boca apertada. Ela parecia menos amigável do que qualquer um dos funcionários da sala central.

Sotheby apontou para ela. — A srta. Verna cuidará de sua agenda, sua correspondência e todas as suas ligações. Quando a sua presença for necessária em reuniões, ela dirá.

Medici sorriu para ela, e ela o olhou de volta. Talvez a mulher só precisasse de tempo para se acostumar com ele.

— Há alguma reunião hoje? — ele perguntou animadamente.

— Se houver, eu direi — Verna retrucou. Seus dedos batiam nas teclas da máquina de escrever.

Vandevere acenou com educação para Medici da porta, depois se virou para ir ao seu escritório. Sotheby foi atrás.

— Sr. Vandevere, uma pergunta! — chamou Medici, levantando-se da cadeira. Mas os outros homens já haviam ido embora, deixando-o com a Verna de olhos de gelo. Ele se jogou de volta em seu assento. — O que devo fazer, exatamente? — ele se perguntou.



Depois de horas de prática — com intervalos para Dumbo descansar e ganhar uma massagem bem merecida —, Holt sentou-se para consertar uma rede, usando os dentes para soltar nós, enquanto Milly e Joe recompensavam o elefante com um balde de amendoins. Do outro lado da tenda, Colette praticava saltos mortais para trás e paradas de mão sobre uma gangorra, mantendo seus músculos aquecidos para a próxima sessão. Holt a observou. O rosto de Colette estava relaxado enquanto girava praticando os movimentos, parecendo realmente se divertir com eles. Tudo em volta dela parecia desaparecer, como se fosse apenas ela, a gangorra e o ar, tudo em equilíbrio. Não era o que ele esperava da estrela de Vandevere.

— Onde Vandevere achou você? — perguntou Holt.

— Eu era uma artista de rua em Paris — Colette explicou. — E ele me descobriu lá. Agora, cá estou eu. — Ela não deu bola para o olhar confuso de Holt.

— Namorada de milionário. Uma proeza muito difícil — ele brincou.

— Ah, isso é só para o espetáculo. — Os olhos de Holt arregalaram-se de surpresa. Colette deve ter notado, porque continuou: — Ele me faz atuar em filmes agora, está tentando lançar um estúdio de cinema. Mas eu não suporto. É o circo que eu amo. — Ela saltou da gangorra e agarrou uma corda, balançando o corpo para o lado e sentindo o ar batendo no rosto.

— Vocês dois... não estão... juntos? — Holt se xingou por dentro pelo tom constrangido que expressou. Não era da conta dele. E ainda assim ele queria saber a resposta.

O olhar de Colette estava fixo em sua mão enquanto ela lentamente a gesticulava no ar:

— Eu sou uma das muitas joias que ele usa para refletir a luz de volta para ele — disse ela. Sua voz era triste e cheia de autorrecriação. Mas o que ela tanto tinha para lamentar?

Colette diminuiu a velocidade na corda e voltou para o chão, seus olhos vagando para onde Milly e Joe estavam aquecendo Dumbo usando as bandeiras triangulares que tinham feito.

— Eu acho que você é o sortudo — disse ela.

Holt seguiu seu olhar. Milly apontou as bandeiras para os dois lados, orientando Dumbo a abrir as orelhas. Joe aplaudia e atirava amendoins para Dumbo quando ele acertava o movimento.

— Quem está sonhando como eu estou sonhando? — uma voz soou, as palavras vibrando no ar.

Vandevere estava emoldurado pela entrada da tenda, com a sobancelha arqueada de ansiedade.

A rede caiu de seu colo quando Holt se levantou e tocou o chapéu em sinal de saudação ao seu novo chefe:

— Estamos progredindo, mas ele ainda não está totalmente pronto.



— Não está totalmente pronto? — O bom humor de Vandevere despençou. Ele encarou Holt, que um minuto atrás estava parado ali, admirando Colette. Se ele tinha tempo para isso, com certeza tinha tempo para treinar Dumbo. Afinal, aquela era a sua função.

— O que há de errado? — Vandevere rosnou. — O animal não confia em você?

— Não é tão simples — Colette se intrometeu. — Tem a ver com equilíbrio, peso...

Com um sorriso forçado, Vandevere voltou-se para ela. Então agora ela estava defendendo um novato?

— *Chérie*, os ingressos já foram vendidos. — O número tinha de funcionar; dali a quatro noites, a tenda estaria lotada, e o futuro de Vandevere dependia daquela plateia. — Onde está a minha pequena cientista? — Ele foi até Milly e se ajoelhou, olhando nos olhos dela. — Por que não me mostra como tudo vai correr bem?

Milly dirigiu um olhar nervoso ao pai, mas este assentiu. Endireitando as costas, ela se virou para Joe, e Vandevere se afastou para dar espaço a eles:

— Atenção na pista — ela chamou.

Joe tropeçou no caminho para tomar seu lugar, mas rapidamente se levantou e limpou as calças. Os lábios de Vandevere se apertaram; estava impaciente.

Uma vez diante de Dumbo, Joe posicionou as bandeiras nos dois lados:

— Prepare-se para a decolagem — ele orientou Dumbo olhando para o seu rosto.

— Primeiro teste, asa esquerda! — Milly comandou.

Joe movimentou uma bandeira para a sua direita, e a orelha esquerda de Dumbo se abriu e abanou no ar.

— Ok! — Joe confirmou para Milly.

— Asa direita — Milly prosseguiu.

— Ok! — Joe disse enquanto Dumbo obedecia à próxima bandeirinha calmamente.

— Agora o giro!

Joe sorriu ao girar a bandeira ao redor da cintura, e Dumbo enrolou a cauda como resposta:

— Ok!

Ao lado de Colette, Vandevere ergueu a sobrancelha para ela:

— Foi assim que eles passaram o dia todo?

— Ah, V. A. — Colette sussurrou. — Deixe as crianças se divertirem.

De repente, Joe rodopiou e apontou as duas bandeiras na direção de Colette.

— Pegue-a, Dumbo! — Milly comandou. Ela sussurrou algo na orelha grande do elefante, baixinho demais para Vandevere entender, embora ele tenha pensado ouvir a palavra mãe.

Contorcendo-se de animação, Dumbo soprou a pena mais próxima e a jogou para o lado dos adultos, seus passos trovejando. Vandevere saiu do caminho conforme o elefante se aproximava, tropeçando na rede que Holt estava consertando.

Dumbo baixou a cabeça, mas ele se movia tão rápido que a sua tromba não conseguiu segurar a Colette. Ela apenas saltou por cima das costas dele e conseguiu pousar no tablado.

— Você realmente deve esperar até que eu esteja pronta — ela disse enquanto Dumbo rodopiou e galopou de volta.

— Dumbo, acalme-se — implorou Milly enquanto ele investia para cima de Colette.

Mais uma vez, seu ímpeto foi forte demais, e a sua tromba a virou de ponta cabeça, jogando-lhe as pernas para o alto. Do chão, Vandevere franziu o cenho. Um elefante desajeitado e galopante? Por isso ele firmara uma sociedade com Medici? Um elefante desajeitado que só sabia galopar pelo chão?

Mas então Colette agarrou a orelha de Dumbo. Ela ajustou a posição sobre as costas dele, com as pernas e os braços bem seguros.

As orelhas de Dumbo se agitaram. O vento gerado por seu movimento forçou Vandevere a apertar os olhos. Juntos, Dumbo e Colette alçaram voo, subindo cada vez mais alto ao dar voltas na tenda.

O coração de Vandevere parou por um segundo. O elefante sabia voar.

— *Uhúúú!* Mais alto, Dumbo! — Milly e Joe incentivavam. Vandevere permitiu que Holt o ajudasse a se levantar do chão; ele estava ocupado demais vendo o impossível se tornar realidade.

Montada no elefante voador — o elefante voador de verdade! —, Colette conseguiu ficar em pé, levantar os braços e encostar os dedos no teto da tenda. Vandevere arrepiou-se, e o riso borbulhou em seu peito. Abraçando Holt, Vandevere abriu um largo sorriso:

— Seu lindo caubói aleijado! Você acabou de me transformar em criança de novo. — Os homens assistiram juntos ao voo de Dumbo e Colette. Milly e Joe gritavam e comemoravam. O ar tremeu com a magia. Sonhos podiam mesmo se tornar realidade.

PUCK



TERRA DOS SONHOS, NOVA YORK, 1920

A cama desmontável rangia sob Puck, que estava se erguendo para alcançar o violão. As tendas em que Vandevere havia alocado a maior parte dos artistas de Medici (a conexão dos Farriers com Dumbo os colocava em um nível superior) eram muito mais confortáveis do que as antigas. O tecido era grosso o suficiente para proteger contra os ventos de inverno, mas havia alguns locais com tela que poderiam ficar abertos no verão. Bastante engenhoso.

Estava tudo muito quieto naquela parte do parque, isolada da agitação das principais atrações. Eles nem sequer ficavam perto dos artistas da Terra dos Sonhos, cuja moradia, diziam, eram casas de verdade, de tijolo e cimento.

As tendas eram mais agradáveis e os colchões mais fofos, mas ele sentia falta da camaradagem aconchegante da antiga forma de organização. Relutantemente, ele admitiu para si mesmo que sentia falta das noites ao redor da fogueira. Aqui a comida era servida em um refeitório, com os funcionários jogando ensopado nos pratos e depois todos se espalhando por mesas e bancos. Mais civilizado do que os bancos e cadeiras de paralelepípedos e troncos do circo itinerante, com certeza, mas ninguém falava mais com ninguém. Apenas se serviam e saíam.

A comida era sem graça também. Rongo lhe assegurara que gostava mais da sua comida.

Dedilhando o violão, Puck cantarolava baixinho.

— Posso entrar? — perguntou uma voz doce lá de fora. Puck sentou-se direito, depois rapidamente deu uma olhada geral na tenda.

— Hummm. — Ele chutou as meias sujas para debaixo da cama e tirou as páginas de um roteiro que ele vinha escrevendo de cima da cadeira, colocando-as sobre a mesinha. — Mas é claro. Entre, por favor.

Miss Atlantis abaixou-se para entrar com uma pilha de livros em mãos.

Os olhos de Puck arregalaram-se:

— Onde você os conseguiu? — ele perguntou. Depois, ficou corado de vergonha. Ele devia ter dito olá primeiro.

Mas ela não parecia notar esse deslize de etiqueta e, mesmo que notasse, não se importaria.

— Milly os trouxe para mim. Parece que tem uma biblioteca na casa onde eles estão morando. Ela queria compartilhá-los porque sabe o quanto nós dois adoramos ler. — Miss Atlantis deu um sorriso e entregou a Puck os três primeiros livros da pilha.

Noite de Reis e A Tempestade, de Shakespeare, que ele mal podia esperar para reler, e um novo, O Mágico de Oz, de Frank L. Baum. Ele já tinha ouvido falar dessa aventura em uma terra distante.

— Eu pensei que podíamos, caso você queira, ler os livros e depois conversar sobre eles? — ela disse.

Puck tirou os olhos dos livros e os dirigiu a ela. O rosto de Miss Atlantis parecia sincero, receptivo e nervoso. Talvez ela ficasse tão nervosa perto dele quanto ele perto dela.

— Isso seria... seria ótimo! — ele respondeu. Era a chance dele! Puck poderia provar a ela quão profundo seus pensamentos eram e também quão vastos eram seu alcance emocional e sua empatia. Talvez eles pudessem fazer leituras dramáticas, e sua voz poderia, então, enfeitiçar o seu coração do mesmo jeito que a voz dela havia enfeitiçado o dele quando se conheceram.

— Maravilha. Combinado, então. — Ela olhou ao redor na tenda, e o olhar dele seguiu o dela. — Está um pouco escuro aqui para ler no momento, porém. Talvez pudéssemos dar um passeio no parque de diversões?

Puck assentiu, já que, de tão nervoso, não conseguia mais controlar a voz. Tudo porque queria enfeitiçá-la:

— Hum, ah, sim, hum, quero dizer — ele tossiu. — Eu adoraria.

Enquanto eles vagavam pela cidade de tendas improvisadas da trupe de Medici, Puck lançou vários olhares para Miss Atlantis. Ele tinha de ficar se assegurando de que aquilo de fato estava acontecendo. Sutilmente, ele a conduziu para a tenda de Rongo.

Talvez uma testemunha iria ajudá-lo a confirmar depois que não tinha sido um sonho.

Em frente à sua tenda, o homem mais forte do mundo estava levantando pesos até os ombros e depois os erguendo para cima, com os músculos demonstrando o máximo de esforço.

— Rongo! — Puck chamou.

Rongo ficou suportando o peso por mais alguns momentos, depois o largou e deu um passo para trás para que ele não caísse nos seus pés. Um sorriso largo atravessou-lhe o rosto quando ele viu Puck e Miss Atlantis se aproximando.

— Boa noite — Rongo cumprimentou.

— Olá, Rongo — disse Miss Atlantis. — Então você também está praticando? Eu vi Catherine e Ivan ensaiando com uma engenhoca no meu caminho para cá. Eles não me deixaram chegar perto, claro, dizendo que têm que preservar o mistério e tal. — Ela deu de ombros com um sorriso nos lábios, mostrando que não se importava.

— Sim — Rongo respondeu. — Quero estar pronto para quando formos nos apresentar. Deve acontecer logo, não? Por que será que Max está levando tanto tempo para marcar as nossas apresentações? — Rongo balançou os braços para a frente e para trás, alongando os ombros.

— Max está dando o seu melhor. Você sabe que ele cuidará de nós. Ele nunca nos decepcionou antes. A logística deve ser complicada — Puck disse.

Ele tinha fé em Medici. O diretor de circo poderia ser ranzinza às vezes, mas, mesmo quando ele estava berrando ordens, todos sentiam o carinho que sentia por eles. Ele amava seu circo, ele amava sua trupe, e ele ia verificar se eles tinham um lugar no palco.

— E se Vandevere o estiver impedindo? — Miss Atlantis perguntou. — E se ele quiser que a gente passe por testes antes?

— Eu estarei pronto, de todo jeito — Rongo disse. Ele apontou para uma pilha de pesos e objetos atrás dele.

Puck sentiu uma ponta de ansiedade no estômago e as mãos suando. “Teste?” E se ele finalmente tivesse a chance de apresentar os seus monólogos? Mas e se ele não fosse bom o suficiente? Na maior parte do tempo, ele sentia que o público estava mais focado

em Barrymore do que nele. E se ele não conseguisse se apresentar de maneira satisfatória sem o macaco? Vandevere poderia querer separá-los.

Rongo deu um tapinha no ombro de Puck:

— Você vai se sair bem, Puck. — Ele olhou para Miss Atlantis. — Mas talvez Miss Atlantis possa ouvir o seu número de Shakespeare e lhe dizer o que acha?

— É claro, com prazer! — Ela juntou as mãos e sorriu.

— Mesmo, você não se importaria? — Puck agarrou a ponta de sua camisa de nervoso.

— Eu adoraria — ela respondeu. — Vamos encontrar um bom lugar para ensaiar.

Vinte minutos depois, eles conseguiram encontrar uma tenda de treinamento. Miss Atlantis tinha reunido alguns dos palhaços e acrobatas, assim como Catherine e Ivan, insistindo que desse modo obteriam ótimos conselhos sobre a sua presença no palco. Rongo tinha recusado, querendo terminar seu treino, e Pramesh e Arav estavam ocupados alimentando as serpentes, então Miss Atlantis e Puck os deixaram rapidinho para lá.

Puck foi até o centro do picadeiro, daí fechou os olhos e se alongou. Respirando profundamente, ele afastou suas ansiedades e medos, fazendo emergir do fundo do âmago o manto do personagem para cobri-lo.

Ele era autodidata, exceto por meia dúzia de aulas de elocução, mas, desde criança, era capaz de imitar qualquer som ou expressão que ouvisse. Os pais dele costumavam rir sempre que ele copiava um deles ou, melhor ainda, seus vizinhos barulhentos.

As pessoas que ele conhecia alimentavam os personagens que ele criava para o palco.

Seus ombros relaxaram e seu corpo mudou, a confiança se espalhando por ele todo. Quando abriu os olhos, ele era Puck — o personagem que inspirou seu nome artístico, o mestre de travessuras de Sonho de Uma Noite de Verão, pronto para aprontar mais uma.

“Quem são os grosseiros que assim perturbam tão perto do lugar em que repousa a rainha fada?” — Puck agiu como se estivesse

encontrando um grupo de pessoas próximo dali, com a expressão revoltada. Daí surgiu um brilho em seus olhos.

Ele piscou para o público, depois se agachou como se estivesse se escondendo atrás de uma árvore.

— Vou seguir-vos. Vou conduzir-vos por charcos, pela mata, em meio aos espinhos; ora como corcel, ora como cão de caça, ou porco, ou urso sem cabeça; às vezes como fogo. Relincho forte e rujo, guincho e zurro. E relinchar, latir, grunhir, urrar e queimar, como corcel, cão, porco, urso e fogo, a cada volta.

A cada animal, ele vocalizava o respectivo som, relinchando ou grunhindo e urrando ferozmente. Os artistas da trupe aplaudiram cada um deles, mas, quando ele chegou à sua imitação do fogo queimando, um silêncio tomou o lugar.

Temendo o pior, Puck olhou para eles, procurando por Miss Atlantis.

O rosto dela estava iluminado de surpresa. Ela ficou em pé, batendo palmas com muita animação.

— Bravo, Puck, bravo! Como fez isso? — ela gritou. — Parecia uma fogueira de verdade — Ivan maravilhou-se:

— Você poderia incluir isso no seu espetáculo?

— Sem falar do urso — Catherine tremeu um pouco. — Realista demais para mim!

— Êêêê! Aquela foi a melhor parte — Spiros acrescentou.

— Mais, por favor! — Miss Atlantis pediu.

Sorrindo, Puck fez uma medida graciosa, como se estivesse na corte:

— Tudo que a senhora minha dama desejar.

— O que mais consegue fazer? — perguntou Ivan.

— Que tal um leão? — sugeriu Demóstenes, outro palhaço.

— Ou uma serpente — Lulu, a acrobata, pediu.

— Não, eu já sei — Miss Atlantis interferiu com um sorriso largo.

— O melhor animal de todos. Um elefante.

O grupo comemorou, concordando.

Mexendo os ombros para relaxar, Puck abaixou até o chão, deixando um braço dianteiro balançar como uma tromba e o outro imitando uma perna da frente. Ele se arrastou pelo chão e depois fingiu identificar um perigo.

Empinando-se, ele ergueu a “tromba” e bramiu alto, como tinha ouvido a sra. Jumbo fazer em Joplin.

Uma resposta “liiiiúúúú!” surpreendeu o grupo. Ele se virou para ver Dumbo na porta, Holt e as crianças ao seu lado.

— Dumbo! — Miss Atlantis exclamou.

— Bem-vindo! — Puck acenou para ele.

— Viemos investigar essa comoção toda — Holt disse ao entrar. Dumbo trotou até Puck e fez um carinho nele, depois cutucou a lateral do corpo do homem com a tromba, como se estivesse tentando lhe fazer cócegas.

— Sim, parecia um zoológico aqui — Joe disse.

— E que havia outro elefante, por isso Dumbo veio — Milly sorriu para todos.

Catherine e Ivan foram até o picadeiro, abraçaram as crianças rapidamente e foram fazer um carinho em Dumbo.

— Não, não, elefante... Era só eu, sinto em dizer. — Puck levantou os ombros como que se desculpando.

— Não “só” você. Foi fantástico! — Miss Atlantis estava ao lado dele e o tocou no braço. — Você conseguiu até enganar o Dumbo!

— Consegui, é verdade! — Puck estufou o peito de orgulho. Talvez ele não fosse uma estrela, mas podia imitar qualquer um e qualquer coisa. Talvez aquilo pudesse ser incorporado ao seu número. Se ainda fizesse parte do número, o macaco Barrymore podia participar reagindo ao rugido do seu leão e subindo em sua cabeça após o bramido do elefante... Possibilidades enchiam a sua cabeça.

— Vocês todos virão ao espetáculo hoje, certo? Para a estreia de Dumbo? — perguntou Joe.

— Mas é claro — Puck disse e todos concordaram. — Não perderíamos por nada.

Ele estava ansioso para ver o espetáculo que era agora o carro-chefe da Terra dos Sonhos, com todos os seus artistas mais importantes. Nenhum deles superaria Dumbo, disso ele tinha certeza. Seria uma noite divertida, e daria a ele a chance de pensar em como tornar o seu número bem original.

Só para caso Vandevere os fizesse passar por testes de elenco — ele estaria pronto, com um repertório de truques só seus.

CAPÍTULO

QUINZE

Colette e Dumbo estavam aguardando. Na tenda principal, reunia-se a maior plateia já vista na Terra dos Sonhos. Uma orquestra completa, situada em um tablado próprio acima do chão, tocava os mais recentes sucessos de jazz.

Do camarote VIP, Vandevere olhou para a massa de pessoas lá embaixo.

— Esse elefante é o nosso momento da virada, Sotheby — ele disse. — As pessoas virão de todos os cantos do planeta para vê-lo. Quem não ia querer testemunhar um verdadeiro milagre?

— Mas — Sotheby arriscou —, e se o senhor estiver errado?

— Não posso me dar ao luxo de estar — Vandevere respondeu. Ele sorriu para o seu leal assistente e depois se encaminhou para o camarote repleto de gente da elite.

— *Buonasera!* — Medici saudava enquanto passeava pela sala. Somente os anos praticando uma expressão neutra impediram que Vandevere tivesse uma má reação diante do paletó mal cortado de Medici. Ao menos não era vermelho ou azul brega, mas sim preto. Seu novo colega avançou, apertando mãos aqui e ali. — Max Medici, fui eu que descobri o elefante. *Benvenuto*, o elefante voador é meu.

Vandevere moveu-se um pouco, tentando bloquear Medici da visão do homem de negócios alto e elegante do qual ele queria se aproximar. Ele precisava de J. Griffin Remington para aprovar seu empréstimo, para que ele pudesse acertar as despesas da Terra dos

Sonhos. Medici podia causar repulsa em Remington e estragar o negócio.

— Ahá, então você é o cara — Remington disse, olhando sobre o ombro de Vandevere. — O homem feito de pó de pirlimpimpim.

Disfarçando a irritação, Vandevere virou-se e sorriu:

— Max, este é J. Griffin Remington, do Banco Atlas.

— O J...? Puxa, que honra. — Medici tirou a cartola.

— Dizem que a lua é feita de pó de pirlimpimpim. — Remington apontou para o céu. — Um dia, enviaremos um homem para lá, vocês vão ver. E o Banco Atlas financiará a expedição. O que acham disso?

— Nem preciso dizer que todos temos altas expectativas para esta noite — disse Vandevere. Esperava conseguir um alto empréstimo também.

— Altas expectativas — Max concordou.

— Esperanças, sonhos... são só palavras. — Remington deu de ombros. — Eu prefiro planos. Como o V. A. aqui. — Ele bateu no ombro de Vandevere, sorrindo. — Esse cara tem planos. Juntando todos os circos do mundo em um só.

Medici piscou:

— Mas eu achei que os circos estivessem fechando por causa do cinema e do rádio.

— Acredite, Max, eles estão. Só estamos ajudando o processo — Vandevere disse.

— Mas do que se precisa para isso? De muito dinheiro. Coisa que ele não tem. — Remington voltou-se para Vandevere com a expressão séria. — Esperamos que o seu paquiderme faça sucesso. — Animando-se, ele se abaixou bastante e beijou a careca de Medici. Vandevere relaxou; Remington tinha gostado de Medici. — Porque queremos um pouco de pó de pirlimpimpim!

Rindo, Remington endireitou-se, saudou ambos e desapareceu entre as pessoas.

Medici olhou para o sócio; a sua cabeça estava funcionando.

“Melhor me livrar das perguntas dele agora”, Vandevere pensou:

— A chave para se lidar com o banco é deixá-lo pensar que está no controle — ele disse em voz alta.

Mas Medici não se distraiu tão facilmente:

— Você vem comprando todos os circos? — A voz dele era de reprovação, quase acusatória.

Era hora de enrolar Medici antes que ele pirasse. A melhor forma de fazer isso seria fazer referência à sua lealdade, à sua carência por uma família.

— Vamos, Max — Vandevere lhe deu um tapinha nas costas. — Comece a usar o “nós”. Venha, vamos nos sentar. Aproveitar o espetáculo.

Depois disso, Vandevere pediu licença. Medici ia gostar da vista VIP do camarote, sentando-se com membros da elite. Ele logo estaria elogiando os planos de Vandevere. Logo o circo deles seria o melhor — e o único — do país, atraindo milhares de visitantes todos os meses.



Medici mordeu o lábio enquanto Vandevere misturou-se à multidão, cumprimentando outros convidados com o seu charme irresistível. “O que foi aquilo?” Vandevere estava comprando a concorrência, fazendo circos falirem por todos os cantos? Medici tinha sido enganado? Não, agora ele era sócio. A trupe dele estava protegida, com vagas garantidas na Terra dos Sonhos. Eles estavam agora no centro de tudo — no futuro do entretenimento — e ele pretendia ficar lá.

Virando-se, Medici olhou o enorme auditório diante dele, onde fileiras e mais fileiras de bancos estavam lotadas de pessoas tagarelando. A ansiedade era palpável. Os seus olhos avistaram a trupe lá embaixo — Rongo, Puck, Miss Atlantis, Ivan e Catherine. Eles, também, pareciam cheios de esperança e expectativa. Estavam contando com ele, assim como Dumbo e os Farriers.

Um rufar de tambores — havia pelos menos dez tambores — ressoou pela arena. Rongo inspecionou a orquestra, como se pensasse “Impossível um homem só estar fazendo tudo isso”. Medici encolheu os ombros. “Vamos trabalhar com o que temos.”

Todos se calaram e se acomodaram. A escuridão desceu quando as luzes se apagaram, mas um holofote brilhante iluminou um mestre de cerimônias arrojado.

Medici o conhecera alguns dias atrás — chamava-se Baritone Bates. Ele tinha um queixo esculpido e o hábito de mastigar palitos de dente, mas, no palco, comandava a plateia como em um passe de mágica. Medici teve que ceder o posto a ele — afinal, ele tinha carisma, atraindo os olhos de todos sem sequer dizer uma palavra.

— Bem-vindos — Bates finalmente entoou. — Vocês chegaram ao único lugar na Terra onde o impossível é possível: a Terra dos Sonhos de V. A. Vandevere. — As mãos dele pareciam segurar uma flor imaginária e atirá-la no ar. Abrindo os braços para que as pessoas se inclinassem para a frente, ele continuou. — Esqueçam os seus problemas, fechem os olhos e sigam-me na terra de todos os seus sonhos!

Bates recuou com essas suas últimas palavras, o holofote o seguindo, mas, ao redor do picadeiro, diferentes áreas foram iluminadas brevemente.

Clac! Um flash rápido mostrou um homem forte levantando duas mulheres no ar — uma equilibrada sobre cada mão. *Zupt!* Outra luz focou-se em dois acrobatas no trapézio. *Zing!* Sobre um pedestal, um homem de peito nu equilibrava uma espada sobre a testa enquanto fazia malabarismo com mais quatro.

Cada cena era polida e refinada, dos adereços brilhantes aos trajes impecáveis usados pelos artistas disciplinados. Era uma amostra das maravilhas que estavam por vir. A Terra dos Sonhos claramente tinha muito a oferecer.

Medici sentiu uma pontada no estômago. Sua trupe teria que aperfeiçoar os seus números. Mas, com fundos para fantasias e adereços e tempo para se concentrar em ensaios em vez de ajudar na administração do circo, ele tinha confiança de que eles seriam capazes. Eles eram tão bons quanto qualquer um ali.



Lá embaixo, sua trupe também estava avaliando os números da Terra dos Sonhos. Puck sentou-se ao lado de Rongo e inclinou-se para cochichar:

— Não sei. Eu acho que já vi pior — ele resmungou.

Rongo deu uma risadinha de acordo. Ele estava treinando e poderia facilmente levantar as duas mulheres — talvez ainda mais se elas estivessem sobre uma tábua.

Miss Atlantis ofegou quando um grupo de dançarinos emergiu em plataformas de rolamento, empilhadas em três camadas, como um bolo giratório gigante. Eles mexiam as pernas com precisão e sincronia. No andar abaixo deles, os palhaços se equilibravam sobre grandes bolas.

— Eles são bons, não? — ela perguntou a Pramesh.

Ele deu um tapinha na mão dela para acalmá-la:

— Todos temos os nossos talentos.

— Eles nem se comparam a Dumbo — Puck declarou.

— Ah, eu mal posso esperar para vê-lo! — Miss Atlantis juntou as mãos alegremente.



Nos bastidores, Holt, Milly e Joe preparavam Dumbo para o número principal. Milly endireitou a capa de franjas que ele estava usando. Joe examinava várias penas, uma a uma.

Holt se inclinou e deu um tapinha em Dumbo, cujas orelhas estavam balançando nervosamente. Holt seguiu o olhar do elefante até o picadeiro e a plateia ao redor. O espaço parecia cavernoso, um forte contraste com a área dos bastidores quente e acolhedora em que eles estavam agora.

— Não se preocupe, Dumbão. Lá só há mais espaço para voar.

— Dê voltas, assim como nós praticamos — Milly acrescentou. Ela sacudiu um saco de amendoim. — Todos os amendoins que você quiser quando voltar.

— E então o papai pode falar com Vandevere sobre o acordo. — Joe aproximou-se.

— Sobre o quê? — perguntou Holt.

— É por isso que ele voa — Joe continuou. — Fizemos um acordo com Dumbo, papai. Com todo o dinheiro que ele gerar para o circo, prometemos a ele trazer a sua mãe de volta. — Os olhos de Joe brilharam, e Dumbo lhe fez um carinho com a tromba.

— Vocês fizeram um acordo... com Dumbo? — Holt olhou de um filho a outro.

Milly reconheceu a expressão do pai, de descrença pura. Ele lhes diria que era impossível. E ela não queria que Dumbo ouvisse isso:

— Joe, agora não é uma boa hora — ela disse.

— Mas nós temos que... — o irmão insistiu. — Papai, nós prometemos. Se o circo não cumprir, então nós poderíamos...

— Eu não fiz acordo nenhum. — Holt balançou a cabeça, preocupado. Ele não tinha onde colocar a mãe de Dumbo, mesmo que Vandevere concordasse em dar o dinheiro. Nem Holt estava recebendo um salário propriamente dito — até o momento, eles trabalhavam em troca de moradia. Quem sabe uma vez que seu próprio número com cavalos estivesse atraindo multidões, mas ele não sabia quando isso seria... Ele não podia dar falsas esperanças aos filhos ou ao elefantinho. — Pessoal, sinceramente, sinto muito, mas a sra. Jumbo foi embora.

Dumbo bufou e balançou a cabeça, afastando-se de Holt. Seus olhos se encheram de dor.

— *Xiu*, não, Dumbo. Não dê ouvidos a ele — disse Milly ferozmente. Eles dariam um jeito; tinham que dar.

Seu pai suspirou e se ajoelhou ao lado dela, colocando a mão em seu ombro:

— Você não pode fazer promessas que não possa cumprir, querida.

Os olhos castanhos de Milly estavam afiados quando o encarou:

— Como quando você prometeu que voltaria? — Havia um tom de acusação em suas palavras.

— Mas eu voltei — disse Holt gentilmente.

— Você prometeu à mamãe. — O queixo de Milly se projetou para a frente, e ela mordeu o lábio para evitar que tremesse.

Holt recuou como se ela tivesse lhe dado um tapa. Antes que ele pudesse pensar no que dizer, Colette entrou apressada, com um *collant* prateado e um adereço de cabeça branco emplumado.

— *Bonne chance, mes amis!* — ela exclamou. — Estamos prontos?

— Sim, sim, prontos. — Holt baixou a cabeça, fingindo ajustar a rédea de Dumbo para esconder o rosto. — E você?

— *Finale!* Aos seus lugares! — O gerente de palco os convocou, mas Colette parou, com os olhos na expressão desanimada de Milly.

— Ora, ora, mas o que é isso? — Colette deslizou até ela e se agachou. — Você sabe, na França, nos beijamos duas vezes. Para dar sorte.

Ela beijou Milly em cada bochecha, depois fez o mesmo com Joe. De pé, Colette arqueou uma sobrancelha para Holt. De forma encabulada, ele deu um passo à frente e deu-lhe um beijo rápido na bochecha, depois saiu de lá, levando Dumbo junto. Colette sorriu consigo mesma e correu para seu próprio ponto de partida.

— *Oh-ou* — fez Joe, olhando para eles.

— O quê? O que foi? — Milly perguntou.

— O papai só a beijou uma vez. — Joe pareceu preocupado. Juntas, as crianças espiaram pela cortina o enorme Coliseu.

CAPÍTULO

DEZESSEIS

A escuridão escondia Dumbo e Colette posicionando-se em seus lugares. (Vandevere adorava uma cena dramática e insistiu para que eles aparecessem como se viessem do nada.) De repente, um brilho rosa apareceu — dançarinos segurando grandes arcos desfilaram pelo picadeiro, seguidos por bolhas gigantes que pareciam elefantes etéreos. Um coro começou a cantar sobre elefantes cor-de-rosa pulando em todos os lugares.

— Elefantes cor-de-rosa? — Medici perguntou.

Remington sorriu, porém, claramente se divertindo com o absurdo.

— Senhoras e senhores, meninos e meninas de todas as idades — Baritone Bates falou do palco. — E, agora, o momento que vocês tanto esperavam. V. A. Vandevere, em parceria com Max Medici, orgulhosamente apresenta, fazendo a sua estreia na Terra dos Sonhos, o maravilhoso... e único... e lendário... Duuuuumbo!

Enquanto ele fez explodir o nome de Dumbo, um holofote se direcionou ao centro do picadeiro, onde estava o elefante. Dumbo piscou com a claridade intensa. Milly imaginou que ele não conseguia ver nada além das luzes, mas ao menos ouvia o público aplaudindo e sentia o cheiro da pipoca. O chão abaixo dele começou a subir, levantando o pedestal da mesma maneira que eles praticaram nos ensaios. Mas continuou — mais do que ela se lembrava. Nervoso, Dumbo olhou por cima da borda.

Ele estava a trinta metros de altura. Ele tinha voado a essa altura antes, mas nunca partindo de um local tão alto.

Milly agarrou a chave pendurada em seu pescoço:

— Ele consegue. Eu sei que ele consegue.

Os tambores soaram e, com a batida dos pratos, um segundo holofote iluminou Colette, em pé sobre o chão.

— E, para dar as boas-vindas a ele, a nossa imaculada Rainha dos Céus! — Baritone Bates exclamou.

Com um floreio, Colette arrancou uma pena do seu adereço de cabeça, depois se agarrou a um lustre acima dela e, assim, correu pela borda do picadeiro. Nos bastidores, os funcionários foram puxando o lustre, e os pés de Colette foram se levantando do chão. Ela balançou seu corpo, arqueando-o pelo ar, então enfiou as mãos e os pés no meio do lustre, mostrando algumas acrobacias impressionantes de seu antigo número.

O lustre diminuiu de velocidade quando circulou o pedestal de Dumbo, e Colette delicadamente se pendurou com uma mão enquanto os dedos de seus pés pousaram suavemente ao lado dele.

O público aplaudiu.

Colette acenou para eles enquanto o lustre foi puxado para fora. Dumbo se mexeu desconfortavelmente na pequena plataforma.

— Dumbo, sou eu — Colette sussurrou. — Cinco voltas ao redor do picadeiro. É só isso que precisamos fazer. — Segurando a pena no ar, ela deu uma volta ao redor dele e subiu em sua sela. — Bem bonzinho, como praticamos.

Dumbo bambeou um pouco, mas logo se ajustou ao peso dela. *Vupt!* As orelhas dele se abriram para os lados. Como uma verdadeira artista, Colette abriu os braços para acompanhá-lo, segurando a pena com firmeza.

A plateia explodiu em aplausos, mas Milly agarrou-se na camisa do pai: — Papai, a rede! Por que não instalaram as redes?

Holt seguiu o olhar dela. Os assistentes de palco que deveriam ter colocado as redes de segurança no lugar estavam descansando nos bastidores. Ele correu até o gerente de palco.

— O que está acontecendo? Os seus homens deveriam estar lá fora!

O gerente de palco mal olhou para ele: — Mudança de planos. A ordem veio de cima.

No camarote, Medici também notou o problema. Ele se inclinou para Vandevere e cochichou com urgência na voz: — Não estou vendo as redes.

Os olhos de Vandevere estavam em Remington, que assentiu para ele como se estivesse impressionado.

— São invisíveis — Vandevere disse a Medici. Medici mordeu o lábio enquanto os seus olhos procuravam cordas na escuridão.

Virando-se para a arena, Vandevere viu Colette olhar para ele com os ombros tensos. Ele inclinou o chapéu para ela. — Se não há risco, não há recompensa. Ela me agradecerá um dia — ele murmurou. — Quando tiver se tornado uma lenda e catapultada para o hall da fama junto comigo.

Havia um burburinho de excitação e adrenalina na multidão, mas as pessoas não sabiam o que as aguardava.

— Quem tem sonhado com o que eu tenho sonhado? — Vandevere sussurrou.

Lá embaixo, Holt estava chiando de raiva.

— Eles precisam das redes. Qual é o seu problema? — Ele correu até os controles das redes, e avisou: — Colette, não decole, espere!

O gerente e três assistentes de palco bloquearam o seu caminho. Não importava para que lado ele tentasse driblá-los, eles o impediam de passar. Holt tentou partir para cima dos homens, mas eles eram vários e brigaram de volta.

— *lîîúúú?* — Dumbo soltou um bramido nervoso, confuso por ter visto Holt aparecer e depois desaparecer.

O pedestal tremia sob ele. Colette respirou profundamente, e apertou os joelhos nas laterais de Dumbo. Segurando a pena no ar, ela a estendeu até o rosto dele. Dumbo animou-se e a pegou com a tromba.

— Dumbo! — A voz de Colette ressoou pela arena. — Príncipe dos Elefantes, eu o ordeno a voar comigo!

Ela bateu as mãos e o pó de giz espalhou-se no ar e cegou Dumbo momentaneamente. Piscando muito, ele fungou e largou a pena.

— Não! — Joe gritou.

Quando Dumbo pulou para agarrá-la, Colette foi atirada para a frente. Em pânico, ela agarrou a capa e a sela, mas as duas foram para a frente com ela, cobrindo a cabeça dele. Sem conseguir ver, Dumbo girou, tentando se livrar da capa. Os pés de Colette estavam soltos para cima.

O coração de Milly disparou no peito.

Flap! O cinto da sela arrebentou.

— *Aaah!* — Segurando-se apenas pela capa, Colette caiu para a lateral, mas, agora que Dumbo conseguia enxergar, ele usou a tromba para puxar a outra ponta da capa. Ele se empinou para trás, usando o seu peso para tentar levar Colette de volta à plataforma.

Uma vez superado o choque inicial, os assistentes de palco correram para desenrolar as redes, permitindo que Holt o fizesse também. Ele correu para ajudar.

— Voe, Dumbo, voe! — Holt gritou.

— Ele precisa da pena — Milly disse. Ela puxou Joe para o seu lado, perguntando-se se deveria tapar os olhos dele.

Àquela altura, os assistentes de palco já tinham conseguido desenrolar metade da rede, mas não ficaria pronta a tempo. Holt corria pelos bastidores.

Riiiiic. A capa rasgou mais um pouco.

Os olhos de Colette arregalaram-se, e ela olhou para Dumbo:

— Por favor! Voe por mim, voe por...

Riiic-flap. A capa rasgou no meio.

— *Aaaaaaaaahhhh!!!!* — O grito de Colette perfurou a arena, e a plateia ecoou o seu grito.

De repente, uma corda foi jogada para ela, e ela conseguiu agarrá-la. Presa a uma forqueta, a corda balançou com ela, desacelerando a sua queda, até Colette conseguir pousar em segurança nos braços de quem estava segurando a corda. Os dois caíram juntos no chão. Holt. O caubói que a salvou.

Lá no pedestal, Dumbo estava em perigo. O recuo causado pelo rasgo da capa fez suas pernas traseiras deslizarem da plataforma e, agora, ele se esforçava para subir de volta empurrando o tronco e as orelhas para cima da madeira, como se estivesse abraçando a borda e mordendo-a.

— /iiiiiiiiiiuuuuuu!!!! — Dumbo bramiu.

— Baixem a plataforma! — Holt gritou, ficando em pé.
Dumbo bramiu de novo, aterrorizado.



O som triste reverberou pela plateia e fora da tenda. Foi carregado pelo ar até o resto do parque de diversões, chegando à roda-gigante, à montanha-russa e à assustadora atração Ilha do Pesadelo.

Lá, o grito de Dumbo viajou pelo corredor das jaulas dos predadores — do leão rugindo para o urso marrom entediado, depois para o paciente crocodilo — até a última jaula, onde um par de grandes orelhas ergueram-se, alarmadas. Uma placa a indicava como KALI, A DESTRUIDORA, ASSASSINA DE HOMENS. A elefanta lá dentro estava presa por correntes, algumas decorativas, outras de verdade, e usava um lenço vermelho no pescoço e uma coberta com detalhes dourados. A pintura em seus olhos os faziam parecer ferozes, e mais cores decoravam a sua tromba, como se fossem labaredas em miniatura. Empinando-se, a elefanta bramiu em resposta — o que também se reverberou por todo o terreno do parque, chegando até Dumbo.



No Coliseu, Dumbo reconheceu o som na mesma hora. Era ela! Revitalizado, ele ergueu as orelhas, mas, sem a ajuda delas para escalar a plataforma, caiu mais para trás. Então os seus olhos localizaram algumas penas que haviam escapado do adereço de cabeça de Colette.

Flupt! Dumbo as sugou assim que despencou para trás, a gravidade o puxando para baixo.

A plateia prendeu a respiração e Vandevere ficou tenso.

— Nããão! — gritou Medici.

Milly forçou Joe a se virar de costas com ela. Ela não conseguiria assistir.

Daí ela ouviu o aplauso da plateia. Com cuidado, ela se virou. Lá estava Dumbo voando para cima, com as orelhas abanando e um

lindo sorriso no rosto.

— Ele está bem! — Milly abraçou Joe e os dois deram pulos de alívio.

Colette jogou os braços nos ombros de Holt, dando-lhe um sustinho, ao som das celebrações dos funcionários e da trupe de Medici. A plateia, agora acreditando que havia sido tudo parte do número, aplaudia loucamente. No setor VIP, lá em cima, Remington e seus amigos banqueiros brindaram, e Vandevere relaxou. Os seus olhos seguiram o elefante. Depois ele olhou para a plateia desfrutando aquilo pela primeira vez.

Dumbo bramiu alto e aplanou as orelhas como as asas de um avião, virando-se para uma saída. As pessoas se encolheram quando ele passou por cima delas, com as suas patas a apenas alguns centímetros da cabeça de algumas. Inclinando-se para o lado, Dumbo deslizou para fora da tenda, invadindo o parque.

— O que diabos...? — um vendedor de balões gritou quando o elefante passou, estourando vários de uma vez.

Dumbo cambaleou e aterrissou de cara na terra. Ele logo ficou em pé, bramindo de novo.

Ali! A distância, ele ouvia a sua mãe respondendo. Sem hesitação, Dumbo alçou voo. Nada poderia mantê-lo longe dela agora.

Lá de cima, as pessoas pareciam tão pequenininhas, mas, quando Dumbo mergulhou até o seu destino, ele teve de desviar para não bater em ninguém. A sinistra estrutura em frente a ele parecia um vulcão com uma caveira cravada no topo — a entrada era uma boca cheia de dentes. Os olhos da caveira estavam acesos por dentro, piscando. Não parecia muito acolhedor. Mas ele podia ouvir a mãe lá dentro. Sem desacelerar, Dumbo voou por cima do fosso e da ponte e entrou pela boca.

A sra. Jumbo — agora conhecida como Kali — bramiu de alegria ao ver o filhote galopando pelo chão de pedra em sua direção. Eles haviam se encontrado!

Tuc! Dumbo bateu nas barras da jaula. Os dois elefantes esticaram as trombas o mais que puderam, mas as correntes prendiam a sra. Jumbo no fundo. Mesmo com todo esforço, Dumbo

só conseguia sentir a dureza das barras frias pressionadas contra a pele dele, mantendo-o separado de sua mãe.



No camarote, Vandevere virou-se para Medici com a cara vermelha:

— Aonde ele foi? Onde está o meu espetáculo? Saia e TRAGA DE VOLTA O MEU ELEFANTE! — ele urrou.

Medici correu, encontrando Holt, Milly, Joe e Colette lá fora. Eles apontaram para o céu, mostrando o caminho que Dumbo havia feito pelos ares.

Milly não conseguia entender. Ele nunca fizera nada assim antes. O que tinha dado nele? Aonde tinha ido? Só havia uma forma de descobrir. Eles correram atrás dele.

Lá na frente, viram a caveira assustadora cercada pelo fosso. As tochas iluminavam uma água gordurosa sob a ponte de madeira. As placas identificavam o lugar como Ilha do Pesadelo. Por que Dumbo iria para lá?

Milly e Joe aceleraram, com Holt e Colette logo atrás deles.

— Dumbo, está tudo bem! — Milly chamou.

— Estamos aqui — Joe gritou conforme foram entrando na estrutura de pedra.

Aí eles o viram: Dumbo em frente à jaula de um grande elefante. O elefante maior, lá no fundo, bramia, e Dumbo estava alheio à presença dos humanos.

Milly e Joe ouviram passos atrás deles e, de repente, Skellig e alguns guardas passaram à sua frente. Dumbo não percebeu o perigo até que já era tarde demais. Cordas grossas foram amarradas nele, e Skellig e seus homens o capturaram com uma rede.

Dumbo mexia a cabeça, bramindo.

Vandevere entrou com tudo, com o cabelo, que sempre estava impecável, em desalinho. Chegando apressado, Medici olhou para o sócio e sorriu ao descobrir que Vandevere usava peruca.

Um grupo de adolescentes olhou para eles de frente da jaula do leão. Vendo que não estavam sozinhos, Vandevere fingiu um sorriso

falso e juntou as mãos.

— Olá, como estão? Estão se divertindo? — ele perguntou. Aproximando-se de Skellig, ele baixou a voz. — Tire-o logo daqui!

Dumbo foi lutando, abrindo as orelhas e as pernas, enquanto os homens o levavam.

— Meninos, ele é um bebê. Cuidado! — Holt pediu.

Skellig passou por ele puxando a rede: — Soldado, quem dá as ordens aqui sou eu.

Joe olhou ao redor, examinando a estranha coleção de criaturas. Milly o seguiu até a jaula do elefante.

— Ele a ouviu. E veio voando para cá... até ela. — Ela se perguntou como a elefanta tinha conseguido chamar Dumbo. Ele nunca agia assim com Zepelim e Golias. Seria porque ela era fêmea? Milly sabia que as manadas de elefantes eram lideradas por uma matriarca.

— Milly, olhe! — As palavras de Joe a trouxeram de volta. — Aquele rosto, aqueles olhos.

Milly olhou por entre as barras. Se a pintura fosse tirada dos olhos e da tromba dela, se tirassem aquele lenço...

— Papai! — Milly correu até o pai, que estava ao lado de Colette. — É a sra. Jumbo! Ela está aqui. — A mãe de Dumbo estava logo ali! Ela o puxou para ver com os seus próprios olhos.

A sra. Jumbo estava se mexendo agoniada dentro da jaula, com a tromba balançando em direção ao chão. Era ela, sim. Estava claro pela forma como ela se mexia e pelas marcas em sua pele. Enquanto as crianças pulavam e dançavam, Holt estudou a placa em frente à jaula:

KALI, A DESTRUIDORA, ASSASSINA DE HOMENS. ELA JÁ MATOU MUITAS ALMAS INOCENTES EM VÁRIOS CIRCOS! OLHE PARA ELA SE PUDER! UMA FERA MEDONHA CUJA VINGANÇA NÃO PODE SER DOMADA!

Holt fez uma careta, e seu coração se apertou, preocupado. Sim, eles haviam encontrado a mãe de Dumbo. Sim, ela já estava na Terra dos Sonhos. Mas Holt desconfiou que eles não seriam reunidos como os seus filhos estavam esperando.

CAPÍTULO

DEZESSETE

Vandevere apressou-se de volta ao Coliseu. Em geral, ele odiava andar com pressa, mas esta era a segunda vez naquela noite que ele tinha sido apressado. Remington e seu dinheiro, porém, dependiam disso.

Ao dar a volta no Coliseu, ele avistou o banqueiro e seus colegas entrando em carros. Isso não podia acontecer. Não mesmo. Ignorando a respiração ofegante de Medici atrás dele e os pedidos de reembolso da plateia, Vandevere apertou o passo para alcançar os veículos.

— J. G. R., espere — ele chamou. — Qual é o problema? O elefante voa! Você viu! — Era impossível Remington negar ou ignorar.

— Sim, eu tenho olhos — Remington respondeu. — Eu vi um número arruinado. Crianças chorando para as suas mães, pessoas gritando para conseguir um reembolso. Você não consegue controlar aquele seu animal.

Vandevere aproximou-se do carro e estendeu a mão:

— Dê-me mais tempo. Eu posso consertar isso. — Seu tom era firme, mas o coração estava palpitando no peito. Remington cerrou os olhos, puxou a porta do carro e se sentou:

— O banco está fechado para você até conseguir. — Ele acenou para o motorista, e Vandevere pulou para trás quando o motor ligou.

Seus sapatos ficaram cobertos de pó quando os carros passaram, um após o outro. Ele não permitiria que os seus sonhos fossem levados embora. Trabalhara muito duro para chegar aonde chegou

e não deixaria um tratadorzinho de animais e aquele elefante mal manejado o derrubarem.

— V. A. — Medici o alcançou, ofegante. — O que está acontecendo?

— É precisamente o que eu vou descobrir. — Vandevere rangeu os dentes e andou, furioso, até o escritório. Medici, como um cachorrinho, foi correndo atrás dele.

Lá no topo do parque, Colette virou-se para eles quando a porta do elevador se abriu. Os olhos dela estavam brilhando de raiva, mas os de Vandevere também.

— O que aconteceu aqui? — ele bradou. — Você perdeu o controle do animal.

— Você é o animal! — Colette enfureceu-se. — Onde estava a minha rede de proteção? — Mesmo através da maquiagem dava para ver que as faces dela estavam rosadas. — Eu quase morri!

Vandevere não via a coisa daquele modo:

— Redes são para os ensaios. Aquele era o espetáculo. — Se ela não quisesse se arriscar, ele encontraria outra artista para montar Dumbo. Vandevere percebeu a silhueta de Holt no escritório dele. Abrindo a porta com violência, Vandevere partiu para cima de Holt e das crianças.

— Treino? Vocês chamam aquilo de treino? — Vandevere podia sentir o sangue ferver na testa. Ele precisaria de um longo banho quente para relaxar após aquela noite.

— Espere lá, sr. Vandevere. — O tom de Holt era baixo, mas firme. — Nós sabemos por que ele saiu voando. Ele reconheceu o chamado da elefanta.

— Aquela que está na Ilha do Pesadelo é a mãe dele! — Milly interferiu, incapaz de esconder a sua ansiedade. Ao lado dela, Joe demonstrava nervosismo.

— Kali, a Destruidora? — Vandevere balançou a cabeça. Impossível. Ela havia sido comprada porque matara alguém em um circo... Um pensamento sombrio cruzou a sua cabeça. Podia ter sido o circo de Medici? Vandevere xingou em silêncio; se soubesse, a catástrofe daquela noite poderia ter sido evitada, e agora ele estaria com um cheque gordo nas mãos.

— É verdade. É ela — Holt disse. — Ela foi vendida do nosso circo há dois meses.

— Todo filho reconhece a sua mãe, e dizem que elefantes nunca esquecem — Milly explicou em um tom prático.

Vandevere controlou uma careta. O amor da criança por fatos científicos era uma perturbação naquele momento. Ele precisava pensar. Precisava de silêncio.

— Agora eles podem ficar juntos! — Como se não conseguisse conter a alegria, Joe abriu os braços, quase derrubando um abajur.

Vandevere olhou para o horizonte e falou dirigindo-se a todos e a ninguém, com a voz seca:

— O que essas crianças estão fazendo no meu escritório?

— Sr. Vandevere, por favor — Milly uniu as mãos. — Dumbo só quer a mãe dele. Deixe-os ficarem juntos, e ele fará tudo que o senhor quiser!

— Não, ele fará tudo que ela quiser — Vandevere disse. — A primeira regra do treinamento de animais é separá-los dos pais para que possam obedecer somente a você.

A expressão de Milly obscureceu:

— Mas o senhor não quer ver Dumbo feliz?

Vandevere foi até a janela e olhou para o parque lá embaixo, que ainda estava funcionando, mesmo tão tarde da noite.

— Eu quero as minhas plateias felizes. Eu quero que os meus animais sejam meus. Acha que eu a teria comprado se achasse que ela é ligada a ele? Isso não está me ajudando em nada.

— Mas, V. A., por favor — Colette deu um passo à frente.

— Quem não quer algo de mim? Uma pessoa. Mostrem-me uma pessoa. — Vandevere olhou em volta. Os ombros de Joe encolheram-se sobre o olhar dele, mas Milly ergueu o queixo. Colette fechou a boca.

— Elas são a família de Dumbo agora — ele continuou, apontando para a janela. — Seis noites por semana, cinco dólares por cabeça. Ele só precisará do amor delas.

Ao lado de Milly, os olhos de Joe estavam cheios de lágrimas. Ela colocou um braço protetor sobre os ombros do irmão.

Vandevere pegou o paletó sobre a cadeira e parou em frente a eles:

— Obrigado, criança, por sua ajuda, pelo seu tal de método científico. Mas, para amadurecermos, o maior aprendizado é aprender a se virar sozinho.

Dito isso, ele saiu do escritório.

Lá embaixo, Vandevere encontrou Skellig esperando ao lado do carro. O caçador assentiu, comunicando silenciosamente a Vandevere que Dumbo já estava de volta ao seu curral, sem chance de fugir de novo. “Ao menos uma pessoa aqui sabe lidar com as coisas”, Vandevere pensou.

Encolhendo-se dentro do casaco, Vandevere pausou enquanto Sotheby segurava a porta do carro para ele. — Livre-se daquela mãe. Você sabe para onde levá-la. — Os olhos dele se viraram para os pés de Skellig. — Compre botas novas.

Os lábios de Skellig se franziram em um sorriso e ele assentiu de novo:

— Sim, chefe.

— Mas, senhor, você não pode simplesmente mandar matá-la — Sotheby protestou.

— Por que não? Quem ficaria sabendo? — Para Vandevere, o problema estava resolvido.



Os dedos de Milly acariciavam a chave pendurada na corrente; sua cabeça estava girando após os últimos acontecimentos. Ela sentia falta da mãe mais do que nunca. Ela sabia o que fazer. Como Vandevere podia pensar que a sra. Jumbo causaria problemas? Mantê-la por perto deixaria Dumbo tão feliz — e ele voaria para eles mesmo assim. Ela sabia disso em seu coração.

Se eles a tirassem de Dumbo agora, isso o destruiria. Nada poderia substituir o amor que tinha por sua mãe. Vandevere não percebia?

Milly falou com Holt, seu coraçãozinho apertado dentro do peito:

— Papai, faça alguma coisa. Por favor?

Holt olhou para Medici. É claro que Vandevere era bom demais para ser verdade. Ao assinar a sociedade do parque, ele tinha lhe dado poder sobre a vida de todos. Vandevere não parecia do tipo

que mudaria de ideia, mas Holt pelo menos tinha de tentar. Por Milly e Joe. E por Dumbo. Ele colocou o chapéu de caubói na cabeça e saiu pela porta.

Cruzou com o dono da Terra dos Sonhos quando Vandevere estava entrando no carro.

— Sr. Vandevere — Holt chamou. — Por favor, me escute.

Ele parou ao lado do carro, e Vandevere dirigiu um olhar frio para ele.

— Não os separe um do outro, por favor. Não faça isso com os meus filhos. — Holt tirou o chapéu, praticamente implorando.

Vandevere ficou em silêncio por vários segundos antes de responder: — Sabe, foi uma bênção quando o meu pai nos deixou, porque assim eu tive de aprender a me virar. Talvez os seus filhos estejam precisando disso também? — Ele ergueu a sobrancelha para Holt, que fechou o punho de ódio.

— Não me diga o que fazer com os meus filhos — Holt disse.

— Melhor dar um passo para trás, homem dos elefantes — Skellig disse, ficando em frente a Vandevere.

Atrás de Holt, vieram Milly, Joe, Medici e Colette. Ele sentiu os olhos de todos sobre ele.

— Um circo é mais do que um simples negócio — Holt falou.

Mesmo agora, ele acreditava de todo coração que o circo deveria ser uma comunidade, uma família, um lar.

— Ah. — Vandevere sorriu para ele, depois olhou para Medici. — Deve ser por isso que o circo de vocês faliu. — Voltando-se para Holt, ele arqueou as sobrancelhas, desafiando-o. O que ele faria agora?

Holt franziu os lábios. Ele queria exigir que a sra. Jumbo fosse realocada para a tenda com Dumbo, mas Vandevere podia simplesmente o demitir. Agora que Colette conhecia os truques do treinamento de Dumbo, Holt havia se tornado substituível. E ele não teria como sustentar Milly e Joe. Nem teriam lugar para morarem. Quem contrataria um homem com só um braço?

Vendo a derrota nos olhos de Holt, Vandevere sorriu com afetação e se virou para Milly.

— Querida, Dumbo e a mãe dele precisam de um tempo sozinhos. Então a mamãe vai fazer uma viagensinha para que

Dumbo não se distraia.

O rosto de Milly passou da esperança ao horror quando ela se deu conta do que ele queria dizer. O pai a encarava com remorso nos olhos. Com um grito, ela derrubou a sua bolsa e saiu correndo em meio à multidão.

— Milly, espere! — Holt chamou, correndo atrás dela.



Colette abraçou Joe para que ele não fosse correndo atrás dos dois. Ela esperava que Milly não fosse muito longe. A garota parecia tão aborrecida — e por uma boa razão. Colette examinou Vandevere, que sorria de forma arrogante ao se sentar no carro. Skellig e Sotheby também sentaram em seus lugares; os capangas sempre iam ao lado dele.

O que tinha dado em V. A.? Ela nunca o tinha visto tão furioso quanto ele estava lá no escritório, gritando e ameaçando. Nada parecido com aquele cavalheiro que ele costumava ser. Colette sabia que o espetáculo sempre vinha em primeiro lugar para ele, mas, ainda assim, separar a mãe do filho era cruel.

— Entre, Max — Vandevere ordenou do carro. Com a cabeça baixa, Medici entrou, deslizando no banco. Vandevere sorriu, depois estendeu a mão para a sua estrela. — Você, Colette?

Ela deu um passo para trás. — Eu tenho ensaio.

Vandevere a examinou por um momento, depois assentiu: — Sim, melhor deixar aquele número perfeito. — Depois acenou para que Sotheby desse a partida.

“Que boa sensação”, Colette pensou ao se voltar de novo para Joe. Ele estava agachado no chão, juntando os papéis que tinham voado da bolsa de Milly. Ela se abaixou para ajudar. Cavalos e um lindo casal galopavam em todas as páginas — eram antigos panfletos promocionais do número de Holt. Estavam rasgados ao meio e colados novamente. Colette passou o dedo pela linha colada. A mulher era linda — com bochechas redondas como as de Joe e o sorriso como o de Milly.

Holt não fazia o seu número sozinho. A mulher dele, mãe de Milly e Joe, cavalgava na garupa. Colette de repente entendeu tudo.

— Ele é só um elefantinho — Joe disse, fungando.
Colette o abraçou. Havia mais de uma mãe em jogo ali:
— Ah, Joe, eu sinto muito. — Ela desejou que houvesse algo mais que pudesse fazer.



Em meio à multidão de pessoas, Holt estava procurando Milly, mas ela havia escapado. Ele vasculhou o Coliseu, as tendas de treinamento, a casa deles e as tendas onde estavam alojados os outros integrantes da trupe. Voltou para a Ilha do Pesadelo, mas estava trancada. Apenas os sons das feras acorrentadas vinham lá de dentro, e nada de Milly.

Sentindo-se fracassado, ele voltou à tenda de treinamento. Dumbo estava trancado na carruagem dourada, fungando tristemente. Joe dormia ao lado, deitado sobre o colo de Colette, mas não havia sinal de Milly. Holt suspirou. Ele esperava que ela tivesse ido para lá, por Dumbo.

— Você a encontrou? — Colette perguntou. Holt balançou a cabeça. Onde mais ela poderia estar? — Não é culpa sua.

— Não sei se importa de quem é a culpa. Eu só preciso consertar tudo isso.

— E você vai. Vai fazê-la entender. — O rosto de Colette estava cheio de confiança, mas Holt tinha dúvida.

Se ao menos Annie estivesse lá. Ela sabia conversar com as crianças, tranquilizá-las e fazê-las entender as situações. Ela acharia um modo de convencer Vandevere, também; Holt tinha certeza.

— A mãe dela sempre sabia o que dizer. E parece que eu... as palavras não saem direito.

Um momento constrangedor se passou. Holt olhou para Joe. O filho dele estava encolhido, e ele conseguiu ver as lágrimas escorrendo por seu rosto. O que ele poderia lhe falar? Como corrigir essa situação?

— Os seus filhos não precisam que você seja perfeito. Só precisam que você acredite neles. — Colette passou a mão no cabelo de Joe, alisando-o.

— Assim simples, é?

Colette assentiu para ele.

Talvez ela estivesse certa. Talvez houvesse um tipo diferente de apoio que pudesse oferecer às crianças além de comida e abrigo; algo mais profundo. Em vez de querer que os seus filhos amassem o que ele amava, pensassem como ele pensava, talvez ele devesse ouvi-los e apoiá-los. Milly não era artista; ela adorava ciência e resolução de problemas por meio de tentativa e erro. Joe não era um artista que pudesse fazer magia ou truques acrobáticos, mas tinha um coração tão grande e profundo quanto o oceano, e o mundo precisava de mais pessoas assim. Holt talvez não fosse mais um cavaleiro, nem um treinador de elefantes, caso Vandevere decidisse mandá-lo embora, mas, não importa o que acontecesse, ele seria o melhor pai que pudesse ser.

Em vez de prepará-los para um mundo duro e cruel, ele serviria de abrigo para eles, protegendo-os da tempestade, e uma rocha na qual eles pudessem se apoiar e pegar impulso para seguir os seus caminhos.

Pensando bem, ele tinha uma boa ideia de onde acharia Milly, quando a atração fosse aberta no dia seguinte. Mas, por ora, ele continuaria procurando.

Holt acenou com a cabeça para Colette e sumiu na noite.



Do outro lado da Terra dos Sonhos, em uma tenda, Milly soluçava enquanto Catherine alisava o seu cabelo. Ela não queria ver o pai, não naquela noite. Não depois de ele ter cedido tão facilmente. Não depois de ele não ter lutado pela mãe de Dumbo.

Uma vez que ela adormeceu, Catherine mandou Ivan tentar encontrar Holt e dizer a ele que Milly tinha aparecido e que estava segura agora. Depois, ela se aconchegou ao lado de Milly, puxando os cobertores, e lembrando-se de outra noite, tempos atrás, quando havia se sentido desamparada.

IVAN, O MAGNÍFICO E CATHERINE, A GRANDE



CAROLINA DO NORTE, JANEIRO 1919

A chuva castigava o chão e batia nas tendas. A maior parte da trupe tinha voltado ao trem, lotando os vagões para escapar da tempestade, mas Ivan e Catherine eram corajosos, apesar da epidemia virulenta de gripe que vinha atingindo a sua família do circo.

— Meu amor — Catherine disse, encolhida ao lado de Ivan —, você sente saudades da Flórida?

— Lá tem muito furacão e tempestade também, mi amor — disse Ivan.

— Sim. — Catherine fez uma pausa. — Eu estava pensando mais no chalé da praia.

— Ah. — Ivan coçou o queixo. Ele fazia isso quando se sentia desconfortável.

Era provável que ele não quisesse pensar no chalé. Quando eles moravam lá, Catherine decorou um dos quartos como um quartinho de bebê, mas eles tentaram ter filhos por anos sem sucesso, mesmo depois de terem vendido a casa e se juntado ao circo para viajar pelo país.

— Nós não conseguíamos mais pagar, lembra? E nós queríamos a aventura de viajar — ele finalmente disse.

Catherine assentiu, com o rosto cheio de tristeza. A trupe de Medici era maravilhosa; eles haviam ficado cada vez mais unidos pelas experiências que compartilhavam — mais unidos até do que famílias de verdade. Mais do que a família dela, que a expulsou quando ela se apaixonou por Ivan, um imigrante espanhol e mágico de rua. Eles não aprovavam a relação.

Mas, desde a primeira vez que ela o viu se apresentar, com sua voz soando sobre o barulho das ondas quebrando, ele havia conquistado o seu coração. Ela assistia aos seus truques por horas, às vezes entendendo como eram feitos. Ivan piscara para ela e tocara os lábios com o dedo, pedindo segredo. Com ele, Catherine

aprendeu espanhol — e ficou apaixonada pelo modo como as palavras passavam por sua boca — e magia também. Ela era a melhor assistente de mágico que se poderia desejar; havia trabalhado duro para dominar a distração e cronometrar os truques com exatidão para deixar o número de Ivan ainda mais magnífico.

— Catherine, Ivan, venham rápido! — gritou a voz de Joe. — Socorro!

“Oh, não”, pensou Catherine.

Dando um pulo, o casal usou cobertores para se cobrir, pegou seus escassos suprimentos médicos e mergulhou na chuva torrencial para alcançar o pequeno Joe, que estava tremendo ao lado do trem.

— Volte para dentro, Joe, rápido — Catherine disse, empurrando-o.

O vagão estava quase vazio — apenas Milly e Pramesh estavam ao lado de Annie, tremendo e pálida, deitada em uma cama desmontável.

No dia anterior, a febre de Annie havia cedido, e ela até tinha conseguido se levantar. Mas ela devia ter piorado naquela manhã. Uma tosse horrível chacoalhava o seu corpo, e Milly a ajudou a se sentar, pressionando um lenço na boca da mãe. O lenço branco ficava manchado de sangue.

Catherine lamentou silenciosamente e se moveu para o lado de Milly, colocando uma mão protetora em seu ombro enquanto se ajoelhava próximo a ela.

— O que podemos fazer? — Ivan perguntou. Os olhos de Joe demonstravam uma mistura de esperança e medo ao olhar para ele.

Catherine sentiu uma pontada. Será que ele achava que Ivan poderia fazer uma mágica para salvar a sua mãe? Ela desejou que Holt estivesse lá para confortar as crianças e ficar ao lado de Annie.

Pramesh olhou para Catherine com uma expressão pesarosa:

— Eu esperava que vocês tivessem alguma sobra de paraldeído.

Catherine fuçou na bolsa procurando o remédio, e suas mãos tremiam um pouco quando ela passou o frasco para ele. Podia ajudar com a tosse, mas, pelo olhar de Pramesh, sua intenção era mais atenuar a dor de Annie do que a curar.

Com movimentos cuidadosos, Milly dobrou o lenço e colocou-o de lado, preparando um novo tecido para substituí-lo. Seus lábios estavam apertados, como se segurassem a tristeza, mas, mesmo sem lágrimas, derramou água dos olhos quando se inclinou para ajudar a mãe a sentar-se para tomar o remédio.

Pramesh contou algumas gotas, que Annie engoliu antes de cair de volta no colo de Milly. No fundo do vagão, Joe estava imóvel como quase nunca ficava.

— Meus amores, cheguem perto para que eu possa vê-los.

Catherine moveu-se para que Milly e Joe pudessem ajoelhar um de cada lado da mãe.

— Milly, Joe, vocês são as melhores coisas que eu fiz. — Annie parou, ofegante. — Há muito mais esperando por vocês. Eu sei que conquistarão coisas fantásticas, coisas que eu nem consigo imaginar!

— Mamãe, por favor, não diga isso. — A voz de Milly estava tremendo.

— Shhh, meus queridos. Ouça, Joe, meu menino doce, não importa o que esteja fazendo, não se esqueça de fazer com o coração; ele conhece os caminhos. Milly, minha menina inteligente, o mundo pode às vezes lhe dizer não, mas sempre se lembre de destrancar a porta.

Os dedos de Annie tocaram a chave que ela dera a Milly assim que Holt partira para a guerra.

— Eu tenho tanto orgulho de vocês dois.

Soluçando, Milly e Joe inclinaram-se para abraçar a mãe. Ela os puxou com força.

Os olhos dela encontraram, então, os de Catherine.

— Cuide deles, por favor — Annie pediu. — Até que Holt volte para casa.

Catherine entendeu o resto da mensagem no semblante de Annie: se ele não voltar, se for morto na guerra, por favor, cuide dos meus filhos.

— Vamos cuidar deles e amá-los como se fossem nossos — Catherine lhe assegurou. Ela derramou um pouco de água na boca de Annie e passou a mão sobre a sua testa.

Milly e Joe ainda estavam chorando, mas a mãe deles aos poucos adormeceu com o efeito do remédio.

— Ela está... — Milly sentou-se. O seu rosto estava inchado.

— Não, minha querida, ela está dormindo — disse Catherine. — Descanse um pouco, pequena.

Com um aceno respeitoso para Catherine e Ivan, Pramesh saiu silenciosamente do vagão. Ao lado de Joe, a expressão de Ivan era de pesar, mas ele gentilmente acariciou as costas do menino para que ele adormecesse. Milly, agitada demais para dormir, continuou em vigília até que o peito da mãe se acalmou e os seus pulmões exalaram pela última vez.

O rosto de Milly se contorceu, mas, antes de caírem as lágrimas, lá estava Catherine, abraçando-a e embalando-a para a frente e para trás, para a frente e para trás.

— Shhh, shhhh, mi hija — Catherine sussurrava. — Estou aqui com você.

Olhando para Ivan, Catherine abafou o choro. Havia já algum tempo que lhes haviam pedido para serem tutores das crianças, e eles dariam o seu melhor.

Catherine abaixou a cabeça e beijou o cabelo castanho e espesso de Milly. “Não importa o que aconteça, eu estarei ao seu lado”, ela pensou com firmeza. Tanto quanto você me deixar.

CAPÍTULO

DEZOITO

De sua janela, Medici analisou a Terra dos Sonhos. Ela não estava aberta ainda, mas os funcionários se movimentavam lá embaixo, varrendo os caminhos e transportando água e comida para os animais. Ele girou um anel no dedo — um tique nervoso. Tudo era tão maior ali. Mas maior era melhor? E a que custo?

Ploft! Medici virou a tempo de ver Verna largando uma pilha de papéis cor-de-rosa sobre a sua mesa. Finalmente, algo para ele fazer.

Medici pegou o primeiro. Em letras garrafais, lia-se FIM DO CONTRATO. O nome no formulário era o de Rongo.

— Espere, espere, o que é isso?

— Poupe-me — a secretária devolveu. — Tenho de ensiná-lo a ler também?

Medici folheou o resto da pilha, depois pegou os papéis e, com o pulso acelerado, apressou-se para a sala de Vandevere.

— Bom dia, Max — Vandevere saudou calmamente. Ele colocou o jornal que estava lendo na mesa e selecionou uma fatia de laranja do café da manhã na frente dele. Olhando para cima, ele viu a pilha nas mãos de Medici. — Bom, você conseguiu a papelada. Eu acabei de revisar os números e, para ser honesto, não passam de pálidas imitações do que já temos. — O estômago de Medici se apertou, mas Vandevere continuou como se estivesse falando sobre o tempo. — Então, a indenização de um mês me parece mais do que justa. *Capisci?*

Os papéis foram ficando úmidos nas mãos de Medici:

— Pensei que havia prometido...

Tum, tum. Vandevere pegou uma colher e derrubou um torrão de açúcar dentro de seu café. — O contrato diz que eu os contrataria... mas não especifica por quanto tempo.

Será que o chão estava despencando sob ele? Medici quase caiu.

— Mas eles são a minha trupe. Eles estavam contando comigo.

— Miss Atlantis, Pramesh, Rongo, Puck e os outros... eram a gente dele. Ele lhes devia lealdade.

Vandevere deu de ombros:

— O que a história valoriza, Max? As pirâmides? Ou as mãos que as construíram? — Ele sinalizou para os papéis. — Uma vez dito isso, não podemos ser sem coração: eles devem ficar sabendo por você.

É isso que Vandevere chamava de não ser sem coração? Medici tentou protestar mais uma vez, argumentando que eles poderiam ser muito valiosos, mesmo como substitutos. Mas Vandevere apoiou a xícara sobre a mesa e olhou seriamente para ele.

— Não torne isso mais difícil do que precisa ser, Max. Não temos como manter todos os artistas de circo do mundo. Na Terra dos Sonhos, só pode ficar o *crème de la crème*. Não esqueça, estamos aqui para tornar sonhos realidade, viver a magia e tornar o impossível possível. Você passou bons tempos com a sua trupe, mas eles não estão nem próximos do calibre dos artistas que eu recrutei por todo o país. Você precisa encarar os fatos.

Resignado, Medici assentiu e se arrastou para a sua sala. Ele não tinha ideia de como daria a notícia à sua trupe. Ele precisaria de uma hora para inventar algo — talvez dar sugestões de para onde eles poderiam ir, ou algo assim. Mas o seu coração apertou quando ele chegou ao escritório. Parecia que não poderia fazer nada disso.

Lá dentro já estavam Pramesh, Miss Atlantis, Puck, Ivan, Catherine e Rongo. Alguém devia tê-los reunido ali. Medici rangeu os dentes.

Rongo estava encostado na parede, mas endireitou as costas ao ver Medici.

— Finalmente, chefe. Quando começaremos?

Seus rostos expressavam entusiasmo e altas esperanças. Mas a sua experiência na Terra dos Sonhos acabaria com aquelas

expectativas. E era tudo culpa dele. Medici suspirou. É hora de partir alguns corações.



A luz estava polvilhando o horizonte leste enquanto Holt se encaminhava ao pavilhão das Maravilhas da Ciência. A Terra dos Sonhos não estava aberta ao público ainda, mas os funcionários da limpeza já tinham destrancado os prédios. Ele procurou pelas salas de invenções até encontrá-la.

Milly estava olhando uma estátua em tamanho real de Marie Curie segurando tubos de ensaio e com uma plateia de cientistas de cera atrás dela. Uma placa ao lado dela descrevia as suas conquistas — vencedora de dois Prêmios Nobel, descobridora do polônio e do rádio e, Holt leu com surpresa, criadora do aparelho móvel de radiografia, usado agora nos hospitais. Ele tinha visto o aparelho na guerra.

Os olhos de Milly estavam cheios de admiração e, de forma inconsciente, ela dedilhava a chave que Annie lhe dera.

— Essa só pode ser mesmo a minha filha: foge para ir à escola — Holt brincou.

— É nossa culpa. O experimento todo. — Milly baixou a cabeça.

Holt sentiu uma pontada ao vê-la assim. Ele se ajoelhou ao lado dela e pousou a mão em seu joelho:

— Não, experimentos são como pessoas. Eles falham.

— Eu aposto que Dumbo desejaria nunca nos ter conhecido — ela disse.

— Você lhe mostrou que ele poderia voar. Você acha que ele perderia essa chance? — perguntou Holt.

— Ele trocaria essa chance pela mãe dele — Milly disse sem hesitação.

Holt assentiu. Ele se espremeu no banco ao lado dela, passando o braço sobre os ombros da filha.

Milly se aconchegou:

— Estou com saudade da mamãe.

Holt inclinou a cabeça para recostar sobre a dela.

— Eu também.

Ele a apertou mais forte, e os dois ficaram pensando em Annie. Após alguns minutos, Milly endireitou-se e olhou para ele, com um brilho nos olhos:

— Há algo que quero lhe mostrar — ela disse.

Tomando sua mão, ela liderou o caminho através de exposições sobre forças magnéticas e energia eólica até um diorama mostrando uma cozinha branca reluzente, onde um robô humano estava abrindo uma lata. Mas a mão que segurava a lata era feita de metal.

Milly apertou o botão ao lado da cena e uma vozinha ecoou de um alto-falante.

“Todos os tipos de novas maravilhas tecnológicas nos aguardam no século vinte. Com os avanços da engenharia e da medicina, os aspectos mortais e mecânicos em breve serão combinados para ajudar as famílias comuns, os trabalhadores e veteranos de guerra e torná-los ainda mais fortes do que eram antes.”

Lágrimas brotaram nos olhos de Holt quando ele viu a figura virando-se e colocando a lata sobre a mesa, com os dedos metálicos se abrindo um a um.

Talvez em breve a ciência criasse próteses para pessoas como ele. Talvez Milly seria a cientista que faria isso. Ele apertou seu ombro.

— Obrigado. — Holt sorriu para ela. — Agora, vamos voltar para Dumbo. Ele precisa de nós.

CAPÍTULO

DEZENOVE

Conforme iam se aproximando da tenda de Dumbo, viram uma multidão de pessoas entrando nela, entre as quais Miss Atlantis e Rongo.

Parecia ser uma espécie de reunião da trupe de Medici. Colette saiu da tenda e viu Holt e Milly. Com um rosto preocupado, ela acenou para eles. Os Farriers foram depressa até ela.

Lá, encontraram Joe assistindo a tudo de maneira nervosa. Ele jogou os braços ao redor de Holt quando o viu.

Do outro lado da tenda, Pramesh estava perto do cercado de Dumbo, com Tanak enrolada em seu pescoço, como de costume. Pramesh abriu uma sacola de seda colorida enquanto a trupe formou uma fila à sua frente. Cada pessoa cuidadosamente pegava uma única pena.

— Colette, o que está acontecendo? — Holt perguntou.

— Vandevere cancelou os seus contratos. Eles têm de partir amanhã. — Ela abraçou a própria barriga, em sinal de pesar.

— O quê? — gritou Milly.

Eles atravessaram até onde as pessoas da trupe estavam ganhando, uma por uma, uma pena. Mas o pequeno elefante estava desanimado demais para notar ou se importar. Embora ele não estivesse mais na carruagem dourada, encontrava-se caído no chão.

— Isso é revoltante. Ele não pode fazer isso! — O olhar de Holt disparou entre seus amigos, seus colegas, sua família, incluindo Dumbo.

Pramesh abaixou os ombros e sorriu tristemente:

— Tudo isso aqui não significa nada para nós. Mas não nos arrependemos, pois encontramos a verdadeira magia. — Ele olhou para o elefantinho. — Adeus, amiguinho.

— Queríamos vê-lo uma última vez — Rongo explicou.

Miss Atlantis puxou Puck pelo cotovelo. — Uma última vez para vê-lo voar. — A voz dela falhou, e Puck pegou em sua mão.

— Eu não acho que ele queira mais — Milly disse.

As orelhas de Dumbo não tinham se movido um centímetro desde que eles haviam se aproximado, e a sua tromba estava largada sobre a palha. Os olhos dele estavam fixos na parede da tenda, como se esperasse que fosse desaparecer.

— Ah, não, mas ele precisa — Ivan falou.

Catherine concordou:

— Ele não pode perder a sra. Jumbo novamente.

— Eu temo que seja pior que isso — uma voz triste soou.

Eles se viraram e deram de cara com Sotheby de chapéu na mão, andando na direção deles.

— Sr. Sotheby? O que está fazendo aqui? — Colette perguntou.

Milly nunca o vira a mais de dez passos de distância de Vandevere, mas, felizmente, o chefe dele não estava por ali.

— Limpando a minha consciência. — Sotheby parou e pegou uma pena da bolsa de Pramesh, tomando cuidado com a serpente pendurada no pescoço do homem. — Eu pedi demissão assim que o ouvi dando a ordem.

— Do que você está falando? — perguntou Holt. — Que ordem?

— A sra. Jumbo será levada embora amanhã à noite. E não vai sobreviver.

Milly e Joe juntaram as mãos ao ouvirem as palavras de Sotheby, enquanto Colette ficou tensa. Uma reação de horror pareceu pairar sobre toda a Família Medici. Quem faria uma coisa dessas?

Baixando a cabeça, Sotheby colocou lentamente a sua pena ao lado das outras, depois inclinou o chapéu e partiu. Colette abriu a boca:

— V. A. não faria... — Depois pausou, com uma expressão de dúvida. Balançando a cabeça, ela baixou o olhar e suspirou. —

Olhem... Ele entende — ela disse apontando para Dumbo, que estava com lágrimas nos olhos.

Holt entrou no cercado e sentou-se ao lado do elefante, enxugando as suas lágrimas. Ele fez um carinho na tromba de Dumbo com os próprios olhos mareados: — Esta “Terra dos Sonhos” não o merece.

— Nenhum circo merece — Colette declarou.

Murmúrios da trupe mostraram que todos concordavam. Holt ficou em pé e os encarou, olhos nos olhos.

— Então quem está disposto a me ajudar a libertar Dumbo e sua mãe?

Milly e Joe ficaram boquiabertos. Ele estava falando sério! E, se havia alguém que poderia ajudar Dumbo, esse alguém era ele. O pai deles era um herói.

— Vamos ver o que conseguimos descobrir, e nos encontramos aqui de novo amanhã. — Holt distribuiu tarefas antes de saírem.



Naquela noite, o grupo se reuniu novamente na tenda. Dumbo ficou em pé e passou a tromba sobre a cerca para observá-los.

— Eu consegui algumas informações com o nosso velho amigo Sotheby — Holt disse. — Um caminhão virá buscá-la amanhã às oito horas.

— Oito? Isso é muito antes do espetáculo! — Miss Atlantis mordeu o lábio.

— Bem, temos de interceptar o caminhão de alguma forma e tirá-la de lá. — Holt estava determinado. Ele abriu um mapa da cidade.

— Não temos como esconder um elefante em Nova York — Rongo disse, com o semblante incrédulo.

— Dois elefantes — Puck interferiu. — Não nos esqueçamos de Dumbo.

— Um primo meu tem um navio de carga que parte amanhã à noite para Bombaim. — Pramesh tirou do bolso um papel dobrado e o colocou sobre o mapa. Milly e Joe olharam mais perto; eram os horários de todos os navios que chegavam e partiam do porto naquela noite. Pramesh apontou para uma linha. — Se

conseguirmos levá-los ao porto, prometo a vocês que os levarei para casa.

— Pramesh, você iria mesmo com eles? — Milly, por mais que estivesse ansiosa para libertar Dumbo e a sra. Jumbo, viu que isso também significaria uma debandada da trupe.

— Eu sinto falta da minha terra, da minha história — Pramesh admitiu tristemente. Depois, dirigiu um olhar malicioso para Holt. — Se quiserem ficar com as minhas cobras... — Ele desenrolou a jiboia do pescoço e a estendeu para o caubói.

— Não, obrigado. — Holt balançou a cabeça. — Obrigado, mas não.

— Mas como faremos para passar a sra. Jumbo pelos portões? Eles são todos controlados eletricamente pela torre, e não há como chegar lá em cima — Colette questionou.

— Há, sim. Com Dumbo. — Holt sorriu para ela, finalmente revelando a parte final do seu plano. — Se conseguirmos libertá-lo do Coliseu, vocês dois podem voar até lá.

— *Humm...* — Colette estava em choque. — Tudo isso está nas minhas mãos? — Ela olhou para o elefante que, honestamente, não parecia disposto a voar tão cedo. Dumbo estava deprimido.

Milly entrou no curral para abraçá-lo.

— Espere aí, Holt — Rongo falou com uma voz muito preocupada. — Ela ainda trabalha para Vandevere, não trabalha?

Os membros da trupe de Medici viraram-se com desconfiança, mas os olhos de Holt estavam fixos nos de Colette.

— Dumbo confia nela. E eu também. — Ele acenou com a cabeça para ela.

Colette corou.

Milly olhou para ela — nunca tinha visto uma acrobata ficando vermelha. Mas ela concordava com o pai; Colette era confiável.

Holt virou-se para os outros: — Vamos abrir os portões e correr rumo ao porto. Impossível? Vamos tornar possível. Não pode ser tão difícil assim!

O sorriso de Holt era contagiante, e todos riram quando Barrymore deu um pulinho sorrateiro e colocou o chapéu de Holt na cabeça dele. Agora o caubói parecia ele mesmo.

Todos na tenda — Milly, Joe, a trupe de Medici e Colette — assentiram. Um arrepio atravessou Milly. Naquela noite, eles fariam um sonho se tornar realidade. O sonho de Dumbo.

CAPÍTULO

VINTE

O cascalho rangia sob as rodas do caminhão blindado até este diminuir a velocidade e parar nos portões da Terra dos Sonhos. Olhando pela janela, o motorista declarou sua tarefa — viera buscar um animal da Ilha do Pesadelo. Na torre, um guarda verificou novamente o cronograma, depois desbloqueou os portões por meio de um interruptor no seu painel.

O caminhão passou pelos portões e cortou as vias secundárias até a Ilha do Pesadelo. Os guardas fecharam os portões atrás dele.

No prédio do zoológico, Vandevere, Medici e Skellig esperavam para que os ajudantes tirassem a fantasia da sra. Jumbo. Não se sabia se haveria outra “Kali” para exibir no futuro.

O estômago de Medici virou, e ele desejou ter tido a coragem de Sotheby, que havia misteriosamente pedido demissão. Todo esse negócio de enviar a sra. Jumbo para longe era desagradável. Sim, ele fizera isso em um ataque de fúria após a morte de Rufus, mas, desde então, tinha reexaminado a sua ação, e agora pensava que havia agido precipitadamente. Talvez a sra. Jumbo não fosse um perigo, afinal. Ela certamente parecia inofensiva agora. Talvez até triste, ele observou, quando ela abaixou a cabeça para que os tratadores pudessem tirar seu adereço.

— Sabe, Max, os grandes homens, as lendas — Vandevere disse — sempre têm de abandonar as suas famílias.

Como se entendesse suas palavras — e discordasse delas vivamente —, a sra. Jumbo ergueu a tromba e bramiu para Vandevere. O olhar dela não o afetou.

— Você tem que se separar, Max. Ficar sozinho. Você faz isso, e a história lembra o seu nome — Vandevere continuou.

Atrás dele, Medici atirou-lhe um olhar espantado. As pessoas não ficaram famosas por abandonar suas famílias. Talvez ganhassem má fama. Ele imaginou o que ganharia se a notícia sobre o que fizera com a sua trupe se espalhasse. Mas mais do que isso, ele não podia acreditar que houvesse permitido que aquele magnata demitisse os seus artistas — artistas bons, trabalhadores, com talentos para compartilhar com o mundo.

— Venha, Max — disse Vandevere. — Temos um espetáculo para assistir. Remington e seus amigos estão esperando. Tudo tem de correr bem hoje à noite. Ou não conseguiremos o empréstimo de que precisamos para comprar o restante dos concorrentes e pagar os engenheiros e vendedores para os quais devemos dinheiro.

“Para os quais você deve dinheiro”, Medici pensou, mas manteve a boca fechada e seguiu Vandevere até o Coliseu.



Nos bastidores, Milly e Joe estavam com Dumbo. Eles tiveram de girá-lo em sua carruagem, pois ele se recusava a andar, e foram necessários seis adultos para tirá-lo de lá. Agora o elefante estava esparramado no chão, com as orelhas cobrindo o rosto para bloquear os sons da multidão aplaudindo.

— Vamos, Dumbo, levante-se — Milly pediu. — Você precisa voar hoje!

— É o seu espetáculo mais importante — Joe acrescentou.

Holt foi encontrar os filhos, a preocupação expressa na testa. “E se ele não conseguir se apresentar para Vandevere? Como o faremos entender?”

Milly ajoelhou-se ao lado dele, puxando as orelhas para trás para que ele a olhasse nos olhos. Ela lhe mostrou o colar com a chave:

— Veja, as portas se abrem. Hoje vamos trazer a sua mãe para você.

A esperança brilhou nos olhos de Dumbo, e ele ergueu a cabeça. Holt e Joe assentiram atrás de Milly, os três vibrando com a expectativa. Colette juntou-se a eles com o rosto cintilando.

— Quem tem sonhado com o que eu tenho sonhado? — Vandevere veio atrás. Ele correu os bastidores e pegou as mãos de Colette.

Ela virou o rosto quando ele se inclinou para beijá-la na bochecha.

— V. A., por favor, a minha maquiagem. — Ela ergueu uma das mãos enluvadas, e ele relutantemente a beijou sobre a luva.

Endireitando-se, ele se dirigiu a Holt:

— Hoje à noite, quero precisão, Farrier. Como um relógio suíço.

— E é isso que terá — Holt concordou, pensando em todas as fases do esquema. Ele esperava que o resto da trupe estivesse conseguindo vencer na Ilha do Pesadelo.

— Alguma premonição da nossa pequena cientista? — Vandevere perguntou a Milly.

— Nunca permita que ninguém diga o que você pode ou não fazer — ela disse, parodiando as palavras dele.

Vandevere assentiu, concordando:

— Sim, é verdade. Nada deve ficar no nosso caminho. — Depois ele se agachou ao lado de Dumbo, que ao menos estava sentadinho agora. Ele olhou nos olhos do elefante e sorriu.

— Voe, Dumbo! Voe como nunca voou antes! — Aparentemente satisfeito com os seus discursos motivacionais, Vandevere deu adeus e saiu para encontrar os seus convidados importantes.



Do outro lado do parque, a trupe de Medici estava escondida nas sombras, observando o caminhão cruzando a ponte sobre o fosso ao redor da Ilha do Pesadelo, até os fundos da construção. Agora eles só precisavam esperar que a sra. Jumbo fosse descarregada.

— Estão prontos? — Rongo perguntou para Miss Atlantis.

— Não sou nenhum Puck — ela disse afagando o ator, cujo rosto ficou vermelho —, mas consigo dar uma de melodramática.

Puck pigarreou:

— Boa sorte!

Miss Atlantis sorriu para ele:

— Não se preocupe. Posso manter aquele guarda ocupado até que você saia com a sra. Jumbo.

Na ponte da Ilha do Pesadelo, dois vigias viram uma figura emergindo da escuridão. Miss Atlantis apareceu agarrada à sua cauda de sereia.

— Desculpe, senhora, mas a atração está fechada — um guarda lhe disse.

Ignorando-o, Miss Atlantis passou reto com uma expressão de desespero.

— O meu sonho era ser sereia, e agora eles tiraram isso de mim — ela chorou dramaticamente. — E, ainda assim... eu escuto as águas cantando. Chamando-me para casa.

O guarda foi atrás quando ela deu um passo em direção à beirada da ponte, de braços abertos.

— Senhora, por favor, controle-se.

— Leve-me de volta ao vasto abismo — Miss Atlantis proclamou, sua voz reverberando no vento. — Meu destino... O mar!

O guarda estendeu os braços para pegá-la assim que ela pulou, e os dois caíram no fosso lá embaixo.

— Hunf, minha senhora — o guarda disse enquanto ela se agarrava nele —, é bem rasinho.

Enquanto eles cambaleavam na água, o outro guarda se aproximou e olhou lá de cima. Miss Atlantis esticou a mão e o puxou também.

Com a passagem livre, a trupe de Medici cruzou a ponte, carregando fantasias e equipamentos. Rongo usou a sua força para abrir as barras do portão. Puck assobiou baixo, impressionado com o homem mais forte do mundo, depois gesticulou para avançarem. Uma vez que a diferença ficou grande o suficiente, Harold, também conhecido como o Homem Elástico, esticou seu corpo magro. Do outro lado, puxou uma alavanca, abrindo o portão. A trupe correu, cuidando para fechar o portão atrás deles.



O gerente de palco chamou Dumbo para se posicionar. Holt colocou a sela em Dumbo e olhou nos seus olhos.

— Tudo bem, Dumbão. Agora só depende de você. — Depois, falou com as crianças. — Assim que ele sair voando, corram para a

tenda dele. Encontrarei vocês lá. — Holt tinha a sensação de que tudo viraria um caos após a fuga de Dumbo, e ele queria que Milly e Joe saíssem do Coliseu para o caso de a multidão começar a se atropelar. Eles assentiram para o pai com feições sinceras. Ele beijou a cabeça dos filhos, esperando ser capaz de deixá-los orgulhosos naquela noite.

Então se aproximou para pegar a jaqueta e o chapéu, alheio ao movimento que desalojou seu braço falso, e deslizou fora.

— Holt — disse Colette. Ela gesticulou para o braço no chão.

Holt o pegou, segurando-o em sua mão.

— Ah, para o inferno com isso. — E o jogou fora. Ele não aguentava mais usar disfarces.

Colette sorriu, feliz. Foi até ele e o ajudou a abotoar a manga de camisa no ombro.

— Podíamos ter ensaiado um pouco — ela sussurrou para que as crianças não ouvissem.

— Um ensaio? Acha que na Batalha de Argonne nós ensaiamos o suficiente? — Holt brincou. Mas depois olhou para ela:

— Tem certeza de que consegue fazer isso?

— Ah, claro, eu voo em elefantes o tempo todo — Colette disse com leveza, antes de arquear a sobrancelha para ele. — Tem certeza de que você consegue fazer isso?

Holt sorriu:

— Com uma mão nas costas.

Colette revirou os olhos e acenou para ele ir. Eles tinham um elefante para roubar.



Na Ilha do Pesadelo, Ivan tirou uma de suas varinhas e a passou pelas barras do portão, alcançando o painel elétrico. Conseguiu ligar a máquina de névoa, que fez um chiado. A névoa tomou o lugar. Balançando a varinha, ele conseguiu erguer uma alavanca.

Bam! Eles ficaram todos no escuro.

— O que foi isso? Acabou a luz — um dos guardas disse.

— De todas as atrações? — O motorista do caminhão pareceu nervoso. — Até das jaulas?

Bang! Bam! Uam! Pelos sons, os animais estavam batendo nas portas para saírem. Talvez eles conseguissem farejar o medo dos guardas.

Um urso marrom urrou. O rugido de um leão respondeu.

— Onde estão as chaves elétricas? Acendam as luzes! — Skellig ordenou. Balançando a cabeça diante dos homens tremendo de medo ao seu redor, ele fechou as portas do baú do caminhão com a sra. Jumbo dentro e saiu para encontrar ele mesmo o painel.

Querendo ir logo embora, o motorista do caminhão subiu na cabine, mas algo lá dentro se moveu. O assento estava cheio de cobras!

Com um grito, ele recuou! Arav deu uma risadinha enquanto Catherine e alguns outros entravam no caminhão. Ele pegaria as serpentes antes de se juntar a eles.

O lugar estava totalmente enevoadado, do chão ao teto. Os guardas viam as silhuetas dos predadores soltos: um leão, um urso e um crocodilo.

Skellig não conseguia acreditar que os animais haviam escapado com tanta facilidade. E como não haviam atacado ainda?

Empurrando os homens em frente, Skellig foi para o outro lado. Alguém tinha que achar as chaves elétricas.

Um dos guardas conseguiu achá-las.

Clic! As luzes voltaram. Skellig piscou, depois piscou de novo. As criaturas ao redor deles eram acrobatas fantasiados como animais, enquanto outro da trupe grunhia pelo megafone.

— É um truque! Volte para o... — Skellig berrou, mas era tarde demais.

Vruuum. O motor foi ligado e o caminhão avançou. Ivan pulou na traseira antes de passarem com tudo pelas portas do prédio.

Skellig e os guardas saíram correndo atrás:

— Parem aquele caminhão! — Skellig berrou. Mas os guardas do fosso não se encontravam em seus postos. Eles estavam tentando levantar Miss Atlantis até a ponte.

Vendo o caminhão, ela chutou um dos guardas no fosso e colocou a cauda de sereia na cabeça do outro, empurrando-o na água:

— Desculpem-me! — ela disse.

Rongo desacelerou o caminhão para que Miss Atlantis pudesse embarcar na cabine.

— Aquelas imitações de animais foram fantásticas, Puck — Rongo disse.

Puck deu uma risadinha:

— Bem, os acrobatas imitaram tão bem os movimentos deles! Se eu não soubesse que era eles, também teria pensado que os animais haviam fugido!

— Quem disse que um circo precisa de animais de verdade? — Rongo disse.

— Sim, quem disse que precisamos de animais no circo, aliás? — Puck respondeu.

Todos se entreolharam, com uma ideia surgindo em suas cabeças. Algo que poderia ser espetacular.

V. A.VANDEVERE



NOVA YORK, 1919

Uma brisa fresca vinda do oceano estava cortando o calor opressivo do verão, embora V. A. se recusasse a deixar uma coisinha tão sem importância quanto o clima afetá-lo durante o passeio pela origem de seu orgulho e alegria, a Terra dos Sonhos. Olhando para baixo, ele pegou o seu relógio de bolso de ouro favorito de dentro do colete do terno de três peças.

Um relógio que ele comprara com os próprios ganhos, e não com nada que herdara do pai. O lábio dele franziu-se e soltou um grunhido involuntário ao pensar no homem. Durante toda a sua infância, o pai de V. A. o repreendia e menosprezava. Ele zombava de suas notas na escola, de sua falta de amigos e de suas apresentações de piano — um esforço musical que a mãe insistira para que ele fizesse apesar de sua completa falta de interesse em qualquer outra coisa que tivesse a ver com o filho. É claro que o velho tinha pagado pelo que fez no final — foi demitido do emprego no escritório de advocacia por incomodar um cliente importante.

Desempregado, seu pai secou a conta no banco e descontava o desgosto na mulher e no filho, até que finalmente surtou, saiu de casa e mudou-se para Montana, em busca de ouro. É claro que nunca encontrou nenhum. E agora V. A. sentia um secreto prazer mórbido ao ler as cartas do pai implorando por dinheiro. Ele lhe enviava uma pequena quantia a cada quatro pedidos mais ou menos, dando apenas o suficiente para que o pai sempre esperasse por mais.

Vandevere havia sido mais generoso com a mãe enquanto ela estava viva. Uma dondoca nascida em família rica tradicional que não sabia fazer nada além de ser charmosa, a mãe de V. A. tinha perdido a cabeça após ser deixada pelo marido. Com apenas dezesseis anos, V. A. deu um passo à frente, conseguindo alguns bicos, como fazer propaganda de peças de teatro para que se tornassem mais conhecidas, escrever panfletos para essas mesmas

peças, finalmente, depois de um tempo, trabalhar nos bastidores, evoluindo até chegar a diretor. Claro, a família da mãe desaprovava, mas não havia muito o que pudessem fazer.

Ao longo dos anos, V. A. aprendeu os meandros do mundo do espetáculo. Ele tinha um olho aguçado para o que motivava as pessoas e conseguia detectar talentos a cem metros de distância. Nem ninguém conseguiria igualar o seu conhecimento de marketing. Ele levava uma década, mas foi capaz de economizar o suficiente para abrir a Terra dos Sonhos — um lugar onde a magia acontecia e os sonhos de infância se tornavam realidade.

E, agora, seus próprios sonhos estavam em perigo. O construtor responsável pela montanha-russa insistia para receber à vista e não em parcelas; os juros do empréstimo que ele havia usado para comprar o circo Zuckerman estavam se multiplicando mais rapidamente do que a venda de ingressos; e os custos de pós-produção de seu último filme saíram o triplo do que fora orçado.

Ele precisava dar uma nova injeção de ânimo na Terra dos Sonhos — algo grande e arrojado e nunca visto antes.

Recostando-se contra a cerca atrás dele, V. A. inspecionou seu grande parque. O que estava faltando?

— V. A., aí está você — chamou a voz de Sotheby.

— Quais são as novidades, Sotheby? — perguntou V. A. Não poderia ser nada bom, senão o assistente não teria vindo atrás dele. A expressão de Sotheby estava um pouco desesperada.

Sim, com certeza eram más notícias.

— A companhia de energia mandou um representante. Se a conta de luz do mês que vem não for paga, eles disseram que vão cortar o abastecimento.

A Terra dos Sonhos não tinha como funcionar sem luz. Tudo, dos portões aos brinquedos e à iluminação das tendas dependia de energia. Sete eletricitas foram necessários para instalar todos os conjuntos especiais de transformadores que processavam toda a energia usada pela Terra dos Sonhos a cada noite.

“Um representante, é?”, V. A. pensou. Ele gostava de lidar com as pessoas no cara a cara. Era muito mais fácil entender o que a pessoa queria do que por carta ou por telefone. Talvez o tal representante tivesse um desejo que V. A. pudesse realizar. Talvez

tivesse filhos que adorariam uma noite no camarote do circo, junto com a oportunidade de conhecer os acrobatas nos bastidores. Ou, talvez, o representante fosse um aspirante a ator — V. A. arrumaria um papel para ele em seu próximo filme.

V. A. conhecia gente importante em todo lugar. Ele conseguiria fazer algo acontecer.

Tudo que precisava era descobrir o sonho do homem e fazer aquilo acontecer.

— Eu vou conversar com ele — V. A. disse a Sotheby. — Por favor, leve-o para a sala de jantar em Manhattan e diga que logo me juntarei a ele.

— Muito bem, senhor. Peço para Diane preparar uma refeição? Ou apenas bebidas?

— Um lanche leve. Aquelas casquinhas de siri da semana passada estavam uma delícia. — V. A. parou, observando as ondas. — Ah, Sotheby, e veja se Colette pode nos acompanhar.

Ela era quase tão boa quanto ele quando se tratava de conquistar as pessoas, e sua postura graciosa relaxava V. A., fazendo-o brilhar ainda mais.

Sotheby curvou a cabeça em sinal de obediência e seguiu para os bastidores da Terra dos Sonhos.

Ele consertaria tudo isso. Ele já tinha encontrado a saída de poços mais profundos. V. A. respirou profundamente, deixando a brisa do mar limpar a sua mente.

Primeiro passo: conquistar o representante da companhia de energia para que ele lhe oferecesse um novo plano de pagamento. Depois, teria de pegar um segundo empréstimo; talvez refinanciar a casa de praia da sua mãe. Ele havia encontrado um banqueiro na festa de gala do museu no mês anterior... Remington. Aí estava a resposta. Talvez ele estivesse interessado em investir em um parque de diversões.

Conforme planejava tudo isso, V. A. ficava de olhos abertos para encontrar a próxima grande estrela. Havia rumores sobre um homem peludo gigante vivendo nas montanhas do Oeste. Fofocas vindas da Rússia falavam de artistas que queriam ser realocados em massa devido ao controle rígido do governo de lá. Ele também tinha lido um artigo no outro dia sobre uma mulher em Delaware que

supostamente comandava o clima. Ele desconfiou dessa história, porque V. A. era cauteloso na sua busca por grandiosidade. Não havia onde ele não procurasse.

Quem poderia adivinhar? Talvez o jornal de amanhã pudesse conter a chave para os seus sonhos.

Não importava quanto tempo demoraria ou aonde sua busca o levaria. Um dia, ele encontraria uma joia que elevaria a Terra dos Sonhos acima de todos os outros circos, zoológicos e parques de diversões. E, uma vez que ele a encontrasse, não a largaria mais.

CAPÍTULO

VINTE E UM

Medici estava assistindo ao espetáculo do fundo de seu camarote VIP. As luzes seguiam os artistas perfeitamente, e a plateia na tenda soltava gritos de admiração sempre nos momentos certos. E eles não tinham visto Dumbo ainda.

— Sr. Medici? Posso conduzi-lo ao seu lugar? — ofereceu a moça que coletava os casacos. Ela olhou para a maleta em suas mãos, mas Medici apertou com mais força, então ela apontou para a cadeira vazia na primeira fila do camarote. Bem ao lado do Vandevere.

— Não, você pode se sentar ali. — Medici certamente não queria aquele lugar.

— Ah, não, senhor, eu não poderia.

— Por favor, é o melhor lugar da casa.

— Ah, sim, senhor, sem dúvida. Mas o circo é seu — ela disse.

— Pode ir e aproveite — Medici a incentivou.

Enrubescendo, ela lhe agradeceu e desceu pela lateral.

Olhando para trás, Vandevere viu Medici e o chamou para a frente. Mas Medici não conseguia mexer os pés.

Skellig invadiu o camarote naquele momento. Ele estava atrás de Vandevere, mas, quando viu Medici, o agarrou.

— Você! — Skellig sussurrou alto.

Percebendo que se tratava de uma situação de emergência, Vandevere acenou para os convidados com a cabeça e saiu atrás deles. Skellig estava arrastando Medici pela escadaria.

— Onde está o seu circo? O seu circo de ladrões. — Skellig chacoalhou Medici, que não tinha ideia do que ele estava falando. A trupe dele havia sido mandada embora.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou Vandevere.

— É a mãe do elefante. Ela sumiu, e a trupe dele está por trás disso — Skellig explicou com o peito subindo e descendo de raiva.

— O quê? Eles não fariam isso — Medici exclamou. — Não fariam. Bem, talvez...

Medici escondeu-se atrás da maleta enquanto Vandevere e Skellig o encaravam.

— Avise a torre para fechar os portões — ordenou Vandevere. — Não os deixem sair. — Depois, fez uma pausa. — Mas por que eles só levariam a elefanta?

O rosto dele empalideceu. Ele foi correndo espiar o espetáculo, no qual o número de Dumbo estava prestes a começar. — Temos de vigiar Farrier e os filhos dele — ele ordenou enquanto olhava o holofote sobre Dumbo, lá no alto sobre a plateia.

— Você vem com a gente, Medici. Para consertar essa situação — disse Skellig agarrando Medici pelo cotovelo e arrastando-o com eles.

O trio invadiu os bastidores, mas Milly e Joe, ao vê-los, esconderam-se atrás de uma caixa. Quando Vandevere e Skellig saíram andando à sua frente, ele notou uma porta que levava para fora. Curioso, ele foi olhar.

Lá estava Holt com uma faca na boca, escalando uma escada com uma só mão.

— Sabe, toda vez que você coloca esse chapéu é sinal de que teremos problemas — Medici observou.

No susto, Holt quase se soltou. Os seus ombros relaxaram um pouco — só um pouco — ao ver que era Medici. Eles trocaram olhares.

— Dumbo não pode ficar aqui. Aliás, nenhum de nós pode — disse Holt.

— Ei, o que você está fazendo aí em cima? — um guarda chamou.

— Desça já aqui — disse o outro.

Medici os olhou com frieza:

— Ele vai consertar uma lâmpada. Voltem aos seus postos — ele ordenou.

Os homens o saudaram e saíram.

— Ainda sabe fazer uma ceninha, não é, Gustavo? — Holt sorriu para Medici.

— Ainda tenho esperança. — Medici sorriu de volta. — Aprendi isso com você.

Assentindo, Holt continuou a subir no edifício, agarrando-se aos suportes de metal. Pela primeira vez desde que havia chegado à Terra dos Sonhos, Medici se sentiu de fato orgulhoso, e o nó em seu estômago finalmente se desfez.



Dentro da tenda principal, Colette girava lá no alto, sendo trazida pelo lustre até a plataforma de Dumbo.

O elefante a olhou com preocupação quando ela aterrissou levemente ao lado dele. Colette sorriu para Dumbo.

— Vamos tentar de novo. Só nós dois — ela disse.

Ela subiu na sela dele e mostrou uma pena para todos antes de passá-la a Dumbo. Relutantemente, ele a pegou com a tromba.

Daí Colette projetou a voz para que a plateia conseguisse escutá-la.

— Dumbo, Príncipe dos Elefantes! Eu o comando a voar comigo! — ela gritou.

Colette fez um floreio com os braços, mas as orelhas de Dumbo continuaram caídas. Desesperada para que ele entendesse, ela se inclinou para a frente e sussurrou.

— Dumbo, por favor, voe. Faça isso pela sua mãe.

Um tremor de empolgação atravessou o corpo de Dumbo ao ouvir a palavra “mãe”, e ele sugou a pena com a tromba. O peito dele estufou quando se sentou. Então deu dois passos para a frente e saltou da plataforma tão rapidamente que Colette teve de agarrar a sela com um gritinho de surpresa.

A plateia ficou pasma ao ver o elefante e sua amazona dando um mergulho vertical até o chão. Nos bastidores, Milly e Joe se

abraçaram, com os olhos grudados na arena. Vandevere fez um intervalo na busca pelos Farriers para assistir também. Mas, aí...

Flap! As orelhas de Dumbo aplanaram-se, e ele começou a subir. Colette deu um grito de alegria ao se ver voar sobre Dumbo por toda a tenda. Todos os rostos estavam voltados para cima abismados, tentando assimilar aquele milagre.

— Está acontecendo — Vandevere sussurrou da coxia. O olhar dele se moveu de Dumbo para Colette e dela para a plateia. — Este é o sonho.

Do lombo de Dumbo, Colette conseguiu avistar um rasgo no tecido da tenda — Holt estava do lado de fora serrando furiosamente o material espesso para fazer uma abertura maior.

— Lá, Dumbo — Colette cochichou, apontando. — Procure as estrelas.

A cabeça de Dumbo inclinou-se e os seus olhos se acenderam sob o lindo brilho do luar acima das luzes quentes da tenda. Ele se virou naquela direção.

— *Aaah!* — Um grito veio lá de baixo. Parecia ser de Joe.

Colette se arqueou para ver. Fora dos holofotes, Vandevere e o capataz dele, Skellig, cercavam Milly e Joe. Os brutos estavam segurando as crianças com força.

— Dumbo, as crianças — Colette avisou.

As orelhas de Dumbo também tinham captado o grito, e ele deu meia-volta, com os olhos voltados para onde Milly e Joe estavam. Bufando, ele mergulhou diretamente sobre os homens, enquanto Colette agarrou-se à sua sela, aterrorizada.

No último momento, Vandevere e Skellig perceberam que ele estava voando para lá e largaram Milly e Joe. As crianças aproveitaram a chance e saíram correndo. Vandevere rosnou quando Dumbo e Colette voaram de novo para o alto, na direção do teto. Ele disse a Skellig, grunhindo:

— Pegue aquelas crianças.

Skellig saiu, e Vandevere ficou para trás, furioso. Lá no alto, Dumbo enrolou as orelhas em Colette de forma protetora e passou pela abertura no teto do Coliseu, acidentalmente derrubando Holt.

O caubói saiu rolando pela beirada da tenda. Mas, antes de chegar ao chão, conseguiu se agarrar a uma grade e se segurou a

ela como se fosse uma boia salva-vidas.

Ao ar livre, as orelhas de Dumbo aplanaram-se. O vento era mais forte lá em cima, mas ele logo se ajustou, controlando o voo para manter Colette protegida.

Ela olhou para trás para ver como estava Holt. Ele tinha escalado a grade e os observava. Olhando para a frente, Colette localizou o seu alvo.

— Ali, Dumbo! — Colette apontou para a torre.

Ao sobrevoarem a torre, Colette jogou fora a peruca e o adereço de cabeça — ela não precisaria mais deles. Naquela noite, ela não ajudaria apenas a libertar Dumbo e sua mãe, mas também a libertar a si mesma.

CAPÍTULO

VINTE E DOIS

O trabalho noturno dos dois engenheiros lá em cima na torre era rotineiro: tinham de vigiar o tráfego dos portões e abri-los para veículos quando os guardas avisavam pelo rádio; assegurar-se de que os geradores de energia não pifariam devido à sobrecarga; e, basicamente, permanecer sentados e relaxados, observando as luzes da Terra dos Sonhos brilhando e... um elefante voando bem na direção deles?

— Que diabos?! — um deles gritou.

Os dois ficaram em pé, vendo o elefante voar em sua direção. Ele não parecia estar desacelerando.

— *Aaah!* — Os homens jogaram-se no chão e cobriram as cabeças. Dumbo bateu na janela, mas ela não se quebrou, e ele acabou pousando sobre a passarela.

Colette saltou do elefante e invadiu a cabine de controle da torre.

— Não se preocupem conosco, estamos só de passagem — ela disse docilmente, passando por cima de um dos engenheiros para chegar ao painel de controle.

— Ei! Você não pode fazer isso. — O guarda maior a agarrou na mesma hora em que Colette ia empurrar a alavanca que abria os portões principais do parque.

Colette esperneou e chutou, mas não conseguia se soltar do homem. Virando a cabeça, ela olhou para Dumbo, que tinha enfiado a cabeça na cabine.

— Dumbo, ela precisa de você — Colette implorou.

— *llllúúúú!* — Dumbo bramiu. Ele se apertou dentro da cabine, quase derrubando o segundo homem.

Com segurança, Dumbo enrolou a tromba na alavanca e a empurrou.

Clic!

Lá embaixo, os portões dourados se abriram, para a surpresa da multidão. As pessoas foram abrindo caminho para um grande caminhão que virou com tudo de trás de uma tenda, cujo motorista era um homem careca e sorridente. O caminhão passou pelos portões levantando poeira. Os guardas lá de baixo assistiram à cena estupefatos, depois olharam para o alto da torre.

Os olhos de Dumbo estavam cintilando de empolgação; ele empurrou todas as alavancas e apertou todos os botões ao seu alcance.

— Peguem o elefante! — o guarda maior comandou.

— Vá você pegar o elefante! — o menor rebateu.

Após calcular rapidamente o peso do elefante em questão, ambos decidiram que a melhor estratégia seria deixá-lo em paz.

Do outro lado do parque, a iluminação de alguns setores foi se apagando conforme Dumbo brincava alegremente com os controles. Colette conseguia ouvir os gritos de medo das pessoas esbarrando umas nas outras na escuridão.

— Dumbo, acho que já basta — ela disse, fazendo um carinho no elefante. Devolvendo o carinho, Dumbo a ignorou divertidamente.



As luzes em frente a Milly e Joe piscaram depois se apagaram, deixando-os no escuro. As crianças olharam para o alto da torre, onde a silhueta de duas enormes orelhas podia ser vista.

— Eles estão lá! Eles conseguiram! — Joe gritou de felicidade.

As crianças usaram um atalho para chegar à tenda de treinamento, mas o pai deles não estava lá como tinham combinado. Os ratinhos dentro do circo em miniatura estavam guinchando de medo, então Joe apressou-se até eles e os colocou cuidadosamente em seus bolsos.

— Não se preocupe, logo o papai estará aqui — disse Milly ao ver a preocupação no rosto de Joe.

— Estou contando com isso.

Skellig apareceu de repente na porta com um cassete na mão.

— Venha aqui — Milly gritou, puxando Joe para detrás dela. As crianças correram para passar pela saída dos fundos e acabaram em meio ao caos que havia tomado a Terra dos Sonhos.

Eles teriam de encontrar o pai antes de Skellig.



O parque havia se tornado um verdadeiro pandemônio: multidões se atropelando, a plateia desesperada, as luzes piscando e se apagando. Uma pontada de fúria atravessou o coração de Vandevere. Aquilo era culpa do caubói, só podia ser.

Ele chamou dois guardas que estavam tropeçando em meio à confusão.

— Vão para a torre! — ele gritou, empurrando-os. — O que estão fazendo aí parados?

— Acabou a luz. Os elevadores não estão funcionando — um deles respondeu.

Vandevere cerrou os olhos e falou com uma voz ameaçadoramente baixa:

— Se bem me lembro, já inventaram escadas.

Quase os atropelando, ele seguiu em direção à torre sozinho, e os dois guardas envergonhados o seguiram.

Duas centenas de degraus depois, chegaram à passarela. Vandevere mal parou para recuperar o fôlego antes de invadir a cabine.

— O que aconteceu com a energia? — ele perguntou.

Colette acenou para ele de forma desafiadora e subiu nas costas de Dumbo:

— Que energia, *mon cher*? — ela disse.

— Ora, sua ingrata! — Vandevere esgoelou. Ele não conseguia alcançá-la no lombo do elefante, mas apertou os punhos. Suas bochechas estavam vermelhas de raiva. — Você não era ninguém, e fiz de você minha... hã...

Colette o olhou com frieza:

— Acho que a palavra é rainha.

Arrancando uma pena da sua fantasia, ela a mostrou para Dumbo, que arregalou os olhos ao vê-la.

— É hora de encontrar a sua mamãe. Segure a pena e voe!

Dumbo pegou a pena com a tromba e Colette sacudiu sobre as suas costas. Vandevere e os guardas tiveram de abaixar quando o elefante saltou para fora da cabine e decolou noite adentro.

Rosnando, Vandevere foi para o painel de controle. Os bobalhões dos engenheiros finalmente se mexeram, envergonhados.

— Sr. Vandevere, espere! — Um dos engenheiros foi até ele, alarmado. — Precisamos reiniciar os controles principais para não causar um curto-circuito.

— Precisamos de luzes! — Vandevere insistiu.

— Agora é impossível — o engenheiro avisou.

— Nada é impossível — Vandevere proclamou.

Vandevere conseguira transformar em realidade tudo com que havia sonhado, e ele não permitiria que uma artista ingrata e rancorosa e uma trupe ralé atrapalhassem o sucesso de sua Terra dos Sonhos.

Com os dentes rangendo de determinação, Vandevere acionou todas as chaves elétricas.

— Não! — os engenheiros gritaram, mas já era tarde demais.

Cabum! Ziiit! Sob a torre, os geradores explodiram, espirrando uma chuva de faíscas para todos os lados. As brasas espalharam-se pelas tábuas de madeira das plataformas e rolaram em cascata sobre os tecidos das tendas ao redor.

Vandevere assistiu, horrorizado, aos incêndios iniciados. Isso não poderia estar acontecendo. Desesperado, ele bateu nos controles.

Ziiit! O próprio painel faiscou.

Um dos guardas usou o rádio para se comunicar com os outros vigias lá embaixo:

— Tirem todos daqui. Evacuem o parque. E levem os animais para um lugar seguro.

— Nós podemos controlar isso. Vamos salvar o parque. — Vandevere bateu em mais botões. — Não se pode destruir um sonho!

Enquanto o painel continuava a faiscar, os guardas puxaram Vandevere para fora e escada abaixo. Da escadaria, eles viram o fogo se alastrar.

Gritos e relinchos de cavalos vibravam no ar.



As pessoas saíam em massa pelos portões. Freneticamente, Holt procurava entre elas do alto do seu cavalo — ele havia libertado todos os cavalos quando encontrou a tenda de treinamento cheia de fumaça. Incêndios não faziam parte do plano. Ele esperava que ninguém se ferisse.

— Milly, Joe! Estou aqui — ele gritava. Talvez eles o ouvissem ou o vissem, já que ele estava em cima do cavalo.

Então ele os avistou. Em vez de correr com a multidão, eles se dirigiam rumo ao Coliseu. E Skellig, aquele brutamontes, os estava perseguindo.

— Não, por aqui! Corram para cá! — Holt gritou, mas ele sabia que de nada adiantaria. Os filhos estavam longe demais para ouvi-lo.

Ao passar com o seu corcel em meio à multidão que tentava cruzar o portão, o edifício ao lado do Coliseu começou a pegar fogo. As labaredas atingiram a grande tenda — com certeza ela seria a próxima a sucumbir. Claramente sem se dar conta disso, as crianças e Skellig correram para dentro da estrutura.

A multidão começou a se separar. Holt estimulou o cavalo a galopar e, assim que entrou no Coliseu, viu Skellig cercando as crianças.

— É hora de você aprender a obedecer a ordens — rosnou o capanga de Vandevere. E agarrou Milly com força, a ponto de quase lhe quebrar as suas costelas.

Uma onda de raiva tomou conta de Holt, que girou a sua corda no ar e laçou o braço livre de Skellig, que tentava pegar Joe.

— Tire as mãos dos meus filhos — Holt berrou.

Com um puxão forte, Holt apertou o laço e derrubou Skellig, que teve de soltar Milly. O homem gritou ao ser arrastado atrás do cavalo. Holt amarrou bem a ponta da corda na sela e, antes de

desmontar, deu um tapinha na garupa do animal. Ansioso por escapar da tenda enfumaçada, o cavalo saiu a galope pela porta, arrastando com ele Skellig, que xingava sem parar.

Milly e Joe correram até o pai, que os puxou para o seu lado. — Temos de sair daqui antes que tudo... — *Uoosh!* Naquele mesmo instante, algumas barraquinhas pegaram fogo. Os galhos secos alimentaram as chamas, que rapidamente se alastraram formando um círculo e aprisionando-os no meio. Até as cortinas que cobriam as portas estavam em brasa.

A temperatura pareceu subir para cinquenta graus, e a fumaça foi enchendo o grande espaço. Suando, Holt puxou uma faixa e tentou apagar com ela as chamas mais próximas. O ratinho agarrou Joe com as patinhas através da roupa e deu um gritinho de medo. Milly procurou uma forma de sair, mas a área de bastidores já estava também tomada pelo fogo. Um grande pedaço de tecido em chamas despencou ao lado deles. Joe e Milly gritaram, mas Holt correu até eles, pisoteando sobre o tecido para apagar o fogo. Ele abraçou os filhos com força enquanto sentiam a temperatura aumentar.



A meio quilômetro dali, Colette e Dumbo aterrissaram graciosamente ao lado do caminhão. Colette desceu de Dumbo, que bramia de maneira selvagem, galopando para dentro do caminhão ao encontro de sua mãe. Os dois elefantes bramiram alegremente, enrolando as trombas um no outro, como se estivessem se abraçando. Finalmente, eles podiam se tocar.

A trupe de Medici aplaudiu. — Conseguimos! — eles comemoraram.

— Vamos para o porto! — exclamou Rongo, chamando os outros artistas para que entrassem no caminhão.

— Esperem, onde estão os Farriers? — perguntou Colette.

As orelhas de Dumbo espetaram-se ao ouvir um grito familiar em meio às sirenes e aos sons de gente caindo em meio à multidão. — *Aaaaaaah!!!*

Era Milly. A mãe dele também parecia reconhecer bem a voz da menina.

A sra. Jumbo baixou a cabeça para olhar o filho, depois emitiu um comando pela tromba. Dumbo piscou solenemente, concordando com ela. Após um último carinho com sua tromba na testa da mãe, ele se assegurou de que ela estaria lá quando ele retornasse; depois, afastou-se. Olhando ao redor, ele andou até Colette e aspirou com a tromba uma pena da fantasia dela. Os artistas se juntaram nos acostamentos da estrada, e Dumbo foi galopando com eles.

Depois, o elefantinho saiu voando. Aproximando-se dos portões, ele desceu até a Ilha do Pesadelo e aspirou água da mesma forma que fazia no número do fogo do circo de Medici. Ele voou de novo para cima e ouviu o som da voz de Milly.

Logo ele se juntaria novamente à sua mamãe. Mas, primeiro, havia quem precisasse da sua ajuda.

CAPÍTULO

VINTE E TRÊS

O calor cercou os Farriers por todos os lados. A qualquer momento, os mastros centrais iriam ceder, e toda a tenda acabaria incendiada. Eles tinham de escapar dali. Holt enrolou os filhos com a faixa, posicionando-os à frente do seu corpo.

— Encolham-se. Cubram o rosto. Vamos correr por aquela porta.

Tremendo, Milly e Joe fizeram o que ele mandou, cobrindo a cabeça com a faixa.

— Não há ninguém vindo. Ninguém para nos salvar. — Holt agarrou a sua família com o único braço que tinha, rezando para o plano dar certo. Ao menos era melhor do que ficar ali, bem no meio do fogo. — Carga da cavalaria em um, dois...

Xuáááá! Um jato de água ensopou as cortinas da entrada, e um elefante entrou com tudo na tenda.

— Dumbo! — exclamou Milly.

Ele tropeçou ao aterrissar e foi rolando até os pés deles, chegando de ponta cabeça. Então, o elefantinho ficou em pé e balançou as orelhas, espirrando água sobre eles.

Holt sorriu. — Oi, amigão. Eu adoro um número de palhaçada.

A cortina já não estava pegando tanto fogo agora, graças a Dumbo. Holt pegou as crianças e as empurrou para que saíssem. — Agora é a chance. Corram!

Os Farriers correram para a saída, e Dumbo foi com eles. Ao se aproximarem da fábrica em chamas, Dumbo espirrou a última reserva de água que tinha aspirado.

Puf! A pena dele saiu voando com o espirro e logo foi levada pelo vento.

Ainda galopando ao lado dos Farriers, que finalmente chegaram ao ar fresco, Dumbo deu uma olhada por cima do ombro. Faíscas do incêndio queimaram a pluma, que se desfez em questão de segundos. Holt levou as crianças para um espaço aberto e seguro entre as tendas e beijou o alto de suas cabeças. Depois, inspecionou a área — ainda havia pessoas correndo pelos portões, e a maioria dos guardas as conduzia para fora com as costas viradas para os Farriers... até agora. Vandevere, ao se aproximar dos homens, acabou avistando-os.

— Peguem-nos! — gritou Vandevere.

— Eles nos viram. Dumbo, você precisa ir — Holt incentivou. Mas Dumbo continuou lá, com as orelhas ainda pingando.

— A pena — Milly deu-se conta. — Ele perdeu a pena.

— É a pena que o faz voar — Joe explicou quando Holt pareceu confuso.

Holt balançou a cabeça.

— O quê? Aquela pena não serve para nada. Dumbo, você não precisa da pena para voar. A habilidade é sua!

Dumbo encolheu-se quando Holt tentou empurrá-lo em direção ao céu. A tromba dele se dobrava para dentro e para fora enquanto ele balançava a cabeça.

— Ah, não, lá vêm eles — disse Joe, apontando para os muitos guardas que estavam vindo em sua direção.

Holt tentou juntar as mãos, mas depois levou a única mão à sua perna. Como fazê-lo entender?

Milly tirou o seu colar e agachou ao pé de Dumbo, olhando nos seus olhos.

— Você se lembra disso? — ela perguntou, segurando a chave que a mãe lhe dera.

Era o seu objeto mais precioso. Era o que ela acreditava que a ligava à sua mãe, o que a tornava especial. Ela deu um passo para trás e atirou a corrente com a chave em direção ao Coliseu.

— Não, Milly! — Joe gritou.

— Eu posso abrir qualquer porta. Eu sei que posso. Eu — ela repetiu com firmeza. — Você também pode.

Dumbo animou-se, seus olhos questionando Milly e movendo-se entre o seu semblante sincero e a tenda em chamas na qual ela havia atirado o talismã. Ele endireitou os ombros e deixou escapar um pequeno sopro pela tromba.

Os guardas gritavam uns com os outros agora que corriam na direção da família. O rosto de Vandevere estava contorcido de raiva.

— É hora de ir, vamos — disse Holt colocando Joe no lombo de Dumbo. Depois levantou Milly e a colocou ao lado do irmão.

— Papai! — Milly gritou.

— O que você está fazendo? — perguntou Joe.

Holt acariciou os seus rostos, um por vez. — Nós três seríamos peso demais para ele. Levem-no para o porto marítimo. Vocês precisam mostrar o caminho para ele. Encontrarei com vocês lá.

— Aquele é o meu elefante! Parem aqueles três! — berrou Vandevere.

Ajoelhando-se diante de Dumbo, Holt olhou no fundo dos olhos do elefantinho. Ele lhe estava confiando os seus filhos porque tinha toda fé do mundo nele.

— Vamos, Dumbão, eu acredito em você — ele disse gentilmente, encostando a testa na de Dumbo.

Holt deu passos para trás quando Dumbo abanou as orelhas e começou a galopar bem na direção dos guardas. Milly e Joe agarraram-se à sela ao alçar voo.

— *lupiiii!!* — Joe gritou. — Estamos voando. Estamos mesmo voando!

O vento batia em seus rostos enquanto Dumbo passava pelos portões da Terra dos Sonhos e rodopiava pelo ar.

Dos bolsos de Joe, três ratinhos colocaram as carinhas para fora e deram um gritinho. Mas eles pareciam entusiasmados, não assustados.

Milly e Joe olharam-se, experimentando a sensação de estar voando alto. Os seus narizes e as suas bochechas ardiam de frio, mas, lá embaixo, as ruas e os prédios de Nova York pareciam uma maquete de miniaturas. E, percorrendo a estrada, estava o caminhão blindado que carregava a sra. Jumbo.

— Siga aquele caminhão! — Milly apontou.

— *liiiúúúú!* — Dumbo trombeteou alegremente.

A sua cauda girou quando ele deu um mergulho para a frente, com as orelhas abanando e o coração batendo de felicidade.



Em terra firme, Holt deu um suspiro de alívio — os seus filhos e Dumbo estavam salvos. Vendo um cavalo da polícia dando sopa, Holt logo montou nele.

— Seu doente! — rosnou Vandevere, indo em direção a Holt com olhos raivosos. — O que você foi fazer?

— O que sou pago para fazer, senhor. — Holt acenou com o chapéu. — Dar um belo de um show!

Com um assobio, Holt virou o cavalo e saiu galopando para o portão, passando por Vandevere. O dono do circo não podia fazer nada além de xingar.

A Terra dos Sonhos ruiu, o fogo passando de tenda em tenda como um acrobata no trapézio. Vandevere observou, incrédulo. Como tinha chegado a isso? Os bombeiros chegaram, assim como policiais montados em cavalos, mas até Vandevere, que acreditava no impossível, não acreditou que eles seriam capazes de salvar nada daquele parque.

Quando repórteres e policiais se aproximaram dele, Vandevere avistou Medici. Ele investiu para cima de Medici, metendo o dedo contra o seu peito.

— Ele roubou o meu elefante! Prendam este homem. Este homem aqui. — A cara de Vandevere estava vermelha. — Nós temos um contrato, Max Medici. Você é meu — Vandevere sussurrou.

— Sim. — Medici encolheu os ombros, totalmente despreocupado. — Você é dono de Max. E do irmão dele também. — Fazendo uma pausa, Medici abriu uma pasta e tirou uma pilha de papéis.

— Mas o meu nome real e legal é Gustavo Jakub Klosinski. O que faz com que o seu contrato com “Max Medici” não valha um centavo.

Medici rasgou a sua cópia do contrato com Vandevere, jogando os pedacinhos no ar como confete.

Em choque, Vandevere ficou ainda mais vermelho. Medici deu um sorrisinho.

— Um segredo do mundo do entretenimento, meu amigo: sempre tenha um macaco na sua gaveta.

— Isto é fraude — Vandevere gritou, finalmente se recuperando. — Vou processar você.

— Ah, vai? Bom, não que eu seja um especialista, mas acho que você tem outros problemas maiores por aqui. — Medici apontou com a cabeça para o circo pegando fogo no fundo.

Créc. Créc. Bum! O trilho da montanha-russa, fragilizado pelo fogo, despencou com um estrondo de metal e madeira. Vandevere sentiu um nó no estômago.

— Eu devia ter investido o meu dinheiro em você, Senhor Sortudo — disse Remington, que estava ali perto, para Medici. — Vamos, eu compro para você um cachorro-quente.

— Boa ideia, J.G. — Medici sorriu, levantou o chapéu para Vandevere e saiu caminhando com o banqueiro e seus sócios.

Deixado sozinho, Vandevere assistiu ao incêndio da Terra dos Sonhos. Os policiais finalmente o tiraram dali, levando-o para longe do fogo e ignorando a sua queixa de que havia sido roubado. Para os policiais, o elefante havia simplesmente pedido demissão.

CAPÍTULO

VINTE E QUATRO

Nova York desenrolou-se debaixo de Joe: ruas em xadrez, arranha-céus e espaços verdes aqui e ali. Ele mal podia acreditar que estivesse voando! Cabos de metal, andaimes de madeira e edifícios altos lotavam o horizonte conforme Dumbo e os seus passageiros se aproximavam das docas.

— Uau, vá mais devagar! — Milly gritou. — Não, acelere! — ela logo se corrigiu.

Joe deu risada com a confusão da irmã. Ela devia relaxar. Dumbo sabia o que estava fazendo.

Com um *flop*, o elefantinho passou por entre dois edifícios, mas um novo obstáculo surgiu à frente.

— Olhe por onde vai! Ponte. Ponte. Dumbo, uma PONTE! — Milly berrou.

— Sim! — Joe apertou os punhos conforme Dumbo foi subindo, subindo... na direção das nuvens, depois mergulhou sobre as torres da ponte.

Uma vez estabilizado o voo, Milly e Joe olharam para baixo e viram pequenas figuras — e um elefante não tão pequeno — no píer. Tomadas pela empolgação, as crianças apontaram, mas Dumbo não precisava ser guiado. Ele também avistou sua mãe.

— *liiiúú!* — Dumbo respondeu ao chamado de sua mãe. Mas ele não estava acostumado a carregar dois passageiros. Como o peso de Milly e Joe o desequilibraram, Dumbo tentou compensar abanando mais as orelhas na aterrissagem.

Bum, bum, bum. Plóc, plóc, plóc. O elefantinho foi pulando pelo pír até conseguir pousar os pés e sair deslizando até um monte de terra.

— *liiúúú!* — a sra. Jumbo o saudou erguendo a tromba.

Dumbo chacoalhou-se ao ficar em pé, deixando Milly e Joe descerem. Sem hesitação, Dumbo galopou até a mãe, e os dois trocaram carinhos e bramiram um para o outro, com os olhos brilhando.

Dois braços, enquanto isso, agarraram Milly e Joe.

— Graças a Deus! — exclamou Colette. — Tive tanto medo por vocês. — Ela beijou suas bochechas e os abraçou. Depois se afastou um pouco, e o seu rosto pareceu invadido por uma névoa de preocupação.

— Onde está o pai de vocês? — perguntou Colette.

— Não se preocupe, ele logo chega — disse Milly com confiança.

Bem nessa hora, um relincho soou, seguido pelo barulho da batida das ferraduras no paralelepípedo. Holt deu a volta na esquina sobre um lindo cavalo — o lugar que mais combinava com ele.

Alívio invadiu o peito de Holt, que desceu do cavalo e veio abraçar as crianças. Daí uma pontinha de travessura faiscou dos seus olhos. Ele fez um carinho no queixo de Milly e de Joe, um por vez.

— Viram só? O que eu disse? Eu sabia que vocês conseguiam montar. Vocês nasceram para a montaria — ele disse.

As crianças deram uma risadinha.

Pramesh deu um passo à frente com a coleira da sra. Jumbo em mãos. Ele pigarreou, constrangido por interromper o encontro familiar.

— Por favor, precisamos nos apressar. Quanto mais rápido alcançarmos águas internacionais, mais seguros eles ficarão.

Em um repentino tom solene, o grupo todo cercou Dumbo e a sua mãe. Colette inclinou-se e deu um beijo na testa de Dumbo.

— *Merci*, meu corajoso amiguinho, por me ensinar a voar de novo.

O próximo foi Holt.

— Obrigado. Por tudo — disse ele, simplesmente. Ele não conseguiria expressar em palavras o quanto Dumbo lhe havia

ensinado, e como ele era grato ao elefantinho por tê-lo unido aos filhos e os tornou uma verdadeira família de novo.

— Tchau, Dumbo — disse Joe, fazendo um carinho na orelha do elefantinho. — Não tenho amendoins aqui.

Joe fungou, segurando as lágrimas, depois abraçou Dumbo ao redor da tromba. Ele estava triste de ver os elefantes partirem; o jeitinho desajeitado, brincalhão e feliz de Dumbo tinha iluminado a sua vida. — Vou sentir muitas saudades!

Joe deu um passo para trás e pôs-se ao lado de Holt enquanto Milly ajoelhou perto de Dumbo com os olhos brilhando.

— Você sempre estará bem aqui — ela disse, tocando o seu coração.

Dumbo estendeu a tromba e pegou na mão dela, puxando-a para si. Ele balançou a cabeça afirmativamente.

Vuuuummm! O navio apitou alto.

— Última chamada para cargas. Todos a bordo! — o capitão chamou, acenando para o grupo sobre as docas.

Holt e os seus filhos andaram para trás, e Pramesh aproximou-se da sra. Jumbo com um sorriso doce, tirando uma folha de palmeira da bolsa e balançando-a em frente a ela.

— Por aqui, milagres gloriosos. Por este caminho, chega-se ao paraíso — disse ele, conduzindo a sra. Jumbo pela rampa.

Pegando impulso, Dumbo ergueu-se e foi abanando as orelhas ao lado de sua mãe, dando algumas voltas ao redor da rampa por pura diversão. Milly e Joe riram e juntaram-se ao restante da trupe do circo no píer, todos acenando para Pramesh, Arav e os espetaculares elefantes que haviam chegado ao deque. Membros da tripulação puxaram a rampa que ligava o navio às docas.

Vuuuummm! Vuuuummm! O navio Boa Esperança afastou-se do píer e virou-se para o mar aberto, e lentamente foi desaparecendo ao longe. Mas um animalzinho maravilhoso de orelhas grandes as abanava acima do deque, acenando com a tromba uma última vez antes de se juntar à sua mãe no compartimento de cargas.

Colette piscou os olhos, depois se voltou para Holt. — Bem, caubói, lá se vai o nosso número. Então imagino que esta seja a hora do adeus?

Holt a olhou intensamente, depois estendeu a mão para ela. — Posso?

Sorrindo para ele, ela pegou em sua mão. Ele então a puxou e a beijou. Interrompendo o beijo, Holt piscou para Colette. — Que tal esse adeus?

Ela riu.

— Na França, nós damos dois beijos — disse, puxando o rosto dele para o dela.

Um pouco confusos, Milly e Joe olharam-se e sorriram. Este seria o início de uma nova aventura não apenas para Dumbo e a mãe, mas para eles também. Ivan e Catherine juntaram-se a eles, depois vieram Miss Atlantis e Puck, Rongo, os acrobatas e os palhaços.

Por fim, para a surpresa de todos, viram Medici vindo pelo píer.

— Perdi a despedida? — ele perguntou, olhando ao redor em busca de Dumbo e da sra. Jumbo, embora fosse bem difícil esconder aqueles dois.

— Como você sabia? — perguntou Holt.

— Bom, eu segui a trilha de pessoas abismadas apontando para o céu.

— Eles já partiram. Pramesh os está levando para a Índia, que é a terra deles — disse Holt.

Medici assentiu.

— Bem, eu sinto por não conseguir lhes desejar boa viagem.

Então, ele juntou e esfregou as mãos, olhando para a sua trupe.

— Vamos lá, pessoal. É ótimo estar com vocês novamente. Peço desculpas por aquele rolo com Vandevere, mas ele não pode fazer nada contra nós, então podemos seguir em frente e cair na estrada de novo. O que acham? — Um murmurinho espalhou-se entre as pessoas, e muitos artistas cruzaram os braços. — Ah, não exagerem. Pensem na alegria que podemos trazer às pessoas de todos os lugares. Eu acabo de ficar sabendo de um sujeito que está vendendo um casal de tigres...

Rongo deu um passo à frente.

— Nã-não. Sem tigres. Sem ursos. Sem elefantes. Sem animais selvagens. Temos conversado sobre isso e chegamos à conclusão de que é a hora de apresentarmos um novo tipo de circo.

Medici olhou os rostos determinados diante dele.

— Tudo bem, então. — Ele encolheu os ombros. — Sem animais selvagens. Algo mais?

— Na verdade, sim — disse Milly.

Medici sorriu ao ouvi-la explicar a ideia, depois todos começaram a sugerir outras possíveis mudanças em seus números. Joe mordeu os lábios, tentando encontrar uma maneira de fazer a sua proposta — ele estava pronto para se juntar à sua família e aos seus amigos no picadeiro. O diretor do circo assentia, e a empolgação e o entusiasmo do grupo foram crescendo a cada nova sugestão. Seja lá o que estivesse por vir, seria o espetáculo deles, do jeito deles.

CAPÍTULO

VINTE E CINCO

Joplin, no estado de Missouri, não estava muito diferente de nove meses atrás. O inverno tinha ido e vindo, mas a estação de trem, as ruas e a campina vazia pareciam as mesmas. Medici sorriu ao ver a sua equipe — não, sua família, pois é isso que eles eram — começando a descarregar o seu novo circo, agora mais simples e mais caprichado. Não eram mais necessárias jaulas para animais, e havia apenas uma tenda principal. A princípio, ele ficara em dúvida sobre montar um circo sem animais, mas um só ensaio o convenceu de que era possível. Que outro lugar seria mais perfeito para inaugurar o novo espetáculo do que o local de nascimento de Dumbo? Medici esperava que houvesse ainda um pouco de sorte por ali, pois ele pressentia que a primeira noite ficaria lotada de repórteres esperando para ver que carta Medici tinha na manga. Logo eles descobririam.



Milly cuidadosamente encaixou a lata redonda no centro da roda que ela havia construído. Ao lado dela, Joe estava balançando as pernas de ansiedade. — Está quase pronto.

Milly inclinou-se e colou uma foto de seus pais cavalgando no interior estrelado da latinha.

— Ok, estamos prontos para decolar — disse Milly ao girar a roda.

Ela e Joe agacharam juntos para olhar por entre as frestas dentro da lata. Diante dos seus olhos e em todas as paredes da tenda, Annie e Holt estavam cavalgando por uma noite estrelada, para sempre juntos.

— Ela sempre fará parte do espetáculo — Holt falou da porta da tenda.

Milly e Joe deram espaço, e Holt juntou-se a eles. Então era isso que Milly vinha planejando com todas aquelas propagandas e folhetos que ela carregava na mochila. Ele desejou nunca os ter rasgado, mas ela havia conseguido colar tudo direitinho no lugar. E, o que é mais impressionante ainda, ela construía um zootropo sozinha — que dá a impressão de as fotos estarem em movimento!

— Milly, querida — disse Holt —, você é maravilhosa.

— Espere só para ver o braço que encomendamos para você! — exclamou Milly.

— O quê? Não deviam ter feito isso.

Os olhos de Holt se encheram de lágrimas quando Joe tirou a caixa que estava debaixo da sua cama e deu para ele.

— A Colette ajudou. Ela disse que gostaria que o dinheiro ganho no filme fosse destinado a uma boa causa. Depois murmurou algo sobre a partir de agora você não ter mais desculpa para não varrer o chão — Milly disse com doçura.

Ao abrir a caixa, Holt parou de respirar por um momento. O braço mecânico reluziu lá de dentro. Quando Milly e Joe o ajudaram a prendê-lo, ficou muito mais confortável do que aquele que Medici havia lhe dado. Com os dedos da sua nova mão, ele pegou um copo e o levou à boca. Depois o colocou de volta no lugar e puxou para si aqueles que ele mais gostaria de abraçar no mundo — Milly e Joe. A família permaneceu abraçada enquanto imagens de Annie e Holt passavam à sua frente.

Eles nunca poderiam voltar ao passado, mas o futuro estava chegando e, com ele, trazendo milagres fantásticos. Holt sabia que, de algum lugar lá em cima, Annie estava sorrindo para eles, e que eles sempre a carregariam em seus corações.

— Vocês estão prontos para amanhã? — perguntou Holt. — Pode apostar que sim! — Joe deu pulinhos.

— Você vai arrasar, moleque — o pai disse a ele. — E você, Milly, fez um excelente trabalho. Estou tão orgulhoso de vocês dois.



Algumas horas depois, uma multidão de curiosos começou a passar pelos portões e seguir pelo caminho central, no qual se viam atrações dos dois lados até se chegar à tenda principal. De fraque e cartola preta brilhando sob as luzes, Medici estava sobre um pequeno palanque para lhes dar as boas-vindas.

— Senhoras e senhores — entoou ele. — Apresentando-lhes o famoso elefante voador!

Buuuum! Um canhão lançou um palhaço fantasiado de elefante pelos ares. Ele aterrissou sobre um trampolim e deu uma cambalhota antes de sair correndo. Medici sorriu e acenou para a multidão à sua frente.

— Bem-vindos ao Circo da Família Medici, onde acreditamos que nenhum animal selvagem deveria ficar preso em cativeiro. — Conforme ia guiando a plateia para a tenda principal, Medici apresentou os números circenses.

— Encantem-se com Ivan, o Magnífico e Catherine, a Grande! — Com uma nuvem de fumaça, Ivan e Catherine soltaram no ar as suas pombas, que arrulharam em coro delicadamente.

— Vejam Rongo, o homem mais forte e mais versátil do mundo!

De cima do tablado, Rongo flexionou os bíceps e ergueu de uma só vez quatro acrobatas vestidas de zebra sentadas sobre uma tábua. Ele as fazia parecer leves como penas, coisa que elas não eram. Rongo havia se exercitado, treinado e aperfeiçoado as suas habilidades para que pudesse de fato deslumbrar a plateia — sem truques.

Conforme as pessoas iam passando por ele, Medici continuava. — Deixem-se enfeitiçar pela Miss Atlantis, que apresentará peças subaquáticas de Shakespeare com o seu parceiro, Puck!

Miss Atlantis e Puck acenaram de dentro do tanque, com a água presa no vidro duplo borbulhando à sua frente. Eles tinham feito adaptações próprias das peças de Shakespeare, discutindo longamente em seus ensaios noturnos sobre quem ficaria com as

melhores falas. Mas, juntos, chamaram o seu número de *Nadar ou não Nadar, Eis a Questão*. Miss Atlantis bateu de leve sua cauda na de Puck, que abriu um sorriso largo.

— E não deixem de visitar a nossa mais nova atração, o Mundo de Maravilhas de Milly Farrier. Lá vocês vão descobrir todas as invenções de hoje que definirão o amanhã — anunciou Medici, ao se aproximarem da tenda mais próxima da principal.

Milly acenou na porta, na esperança de que as pessoas viessem visitar a sua modesta tenda. Sua coleção científica não chegava nem perto da que era exibida na Terra dos Sonhos, mas ela havia conseguido juntar algumas novas invenções bem intrigantes e até criado algumas engenhocas sozinha para mostrar como as possibilidades eram infinitas. Ela mal podia esperar para compartilhar com todo mundo o poder e a beleza da ciência.

Atraindo a multidão para a tenda principal, Medici apontou, e logo um monte de palhaços escalou o picadeiro. Eles estavam amontoados uns sobre os outros, usando as mãos para andar pelo chão como um cavalo de muitas pernas. Joe montou sobre o último. Então balançou no ar o seu chapéu novinho de caubói, fingindo que os palhaços eram mesmo um cavalo.

— *lupiiii!* — gritou ele.

— Maravilhem-se com a habilidade do lendário Holt, o nosso caubói do futuro — anunciou Medici.

Os palhaços se separaram, caindo para todo lado, e Joe safou-se com uma cambalhota ao mesmo tempo em que um montador de verdade invadiu o picadeiro.

Com seu novo braço mecânico, Holt apareceu sobre um cavalo, guiando-o com confiança pelo tablado. Sacando uma pistola, ele atirou em uma porção de balões que estavam flutuando lá em cima, segurando no ar uma lira. Balançando-se na lira estava Colette, com seu rosto cintilando sob as luzes quando Medici a anunciou.

— E a pérola de Paris, Colette, Rainha dos Céus! — exclamou Medici.

Bang, bang, bang. Quando os balões explodiram e encheram o ar de confetes prateados, a lira desceu. Colette escorregou pelo arco até ficar dependurada por um só braço, colocando o outro graciosamente na cintura.

Ela pulou sobre a garupa do cavalo, atrás de Holt, assim que ele passou galopando por baixo dela. Em meio aos aplausos e aos gritos de “viva!”, Medici, com sua cartola e bengala, caminhou até o centro do picadeiro.

— Sim, vocês verão sereias, feras e monstros que chamam de aberrações, mas que nós chamamos de família. Jovens e velhos, ricos ou pobres, no circo vocês estão em casa. Aqui, tudo é possível e milagres acontecem! — Ele sorriu e piscou para o público. — Acontecem. Podem acreditar.

Quando o espetáculo começou, o público prendeu a respiração e gritou de empolgação; as vozes encheram o ar até lá em cima, onde flutuava o novo logotipo do Circo Família Medici — um elefantinho com asas.

EPÍLOGO



EM ALGUM LUGAR DA SELVA DO IMPÉRIO INDIANO

Estranhos barulhos cercavam Dumbo, e as suas orelhas captaram berros agudos que ele nunca ouvira antes, além de estrondos distantes que ele esperava serem de trovões. Ele não conseguia distinguir o som de um riacho, mas seu olfato lhe dizia que com certeza havia água doce por perto.

— Eeeee, eeee, eeee! — algo gritou lá de dentro da mata densa.

Dumbo encolheu-se perto de sua mãe. O que foi aquilo? Um grito de dor? Será que havia monstros por perto?

Dumbo espiou por cima das costas da sra. Jumbo, que estava irradiando calor e tranquilidade.

Tuc! Ao abanar as orelhas, a sra. Jumbo acabou derrubando Dumbo, que rolou para fora do caminho.

Ploft, pum! Dumbo caiu no chão e foi rolando até um arbusto cor de esmeralda, com raízes marrons e cascas espalhadas ao redor. Suas narinas estavam cheias de barro quando ele se levantou e se chacoalhou para se livrar dos galhos.

— lúúúú.

De tanto que ela achou divertido, os olhos da sra. Jumbo enrugaram-se; ela balançou a cabeça para ele.

— Pfft — respondeu Dumbo, cuspidos gravetos espinhosos.

Virando as orelhas para leste, a sra. Jumbo ergueu a tromba e soltou um alto bramido. Dumbo saltou para o lado dela enquanto esperavam. Nisso o chão começou a vibrar e ouviu-se a resposta de uma elefanta desconhecida. A voz dela era profunda e expressava idade e experiência, e o seu tom era uma mistura de curiosidade e precaução.

A cauda da sra. Jumbo abanou em sinal de aprovação — a voz parecia de uma líder que valeria a pena seguir. Assim que ela

caminhou de novo, Dumbo alçou voo, batendo as orelhas acima da mãe e das árvores com empolgação. Lá na frente, a selva se abria em uma clareira, e os elefantes depararam com uma visão maravilhosa ao saírem da mata.

Chegaram à beira de um pequeno penhasco, ao pé do qual havia uma grande poça d'água e uma campina forrada de plantinhas cheirosas. Ao lado da poça, uma manada de elefantes estava pastando, enquanto a sua matriarca encarava os recém-chegados. A matriarca e a sra. Jumbo cumprimentaram-se. Dumbo pairou no ar perto do chão, com medo de exhibir os seus talentos ou se aventurar longe demais da mãe.

Uma vez devidamente apresentados, a sra. Jumbo cutucou Dumbo com sua tromba. Eles se juntariam a esse grupo. “Vá dizer olá”, ela indicou.

Um friozinho de ansiedade arrepiou a pele de Dumbo. Olhando para baixo, ele viu dois elefantinhos, talvez da idade dele, brincando na água. O elefantinho estava com as duas patas nas costas da elefantinha, tentando empurrá-la na água, mas não conseguiu porque ela enrolou a tromba na pata traseira dele e o derrubou! Ele logo levantou e espirrou água nela. Eles pareciam estar se divertindo. Mas e se não gostassem dele? Ou tivessem medo dele, como o Golias e o Zepelim?

A sra. Jumbo fez um carinho no filho com a cabeça, como se soubesse o que ele estava pensando. O sorriso dela era confiante, e seu rosto estava relaxado. Se ela confiava neles, ele devia confiar também.

Com algumas abanadas fortes de orelha, Dumbo voou mais alto, depois desceu até a beirada do penhasco, na direção da poça lá embaixo.

Todos os elefantes ergueram as cabeças e olharam Dumbo lá em cima, depois ele voou mais baixo e mergulhou a tromba na água antes de subir de novo.

Os dois elefantinhos trotaram na direção dele, com as carinhas confusas e surpresas. Eles barriram alegremente, dizendo-lhe olá, depois correram em círculos balançando as caudas, convidando-o para brincar.

Borbulhando de alegria, Dumbo juntou-se a eles, mas em seguida saiu voando. Um dos elefantes se empenhou e tentou agarrar a cauda dele. Ha! Dumbo pensou um pouco, virou para trás e espirrou água bem na cara do outro elefantinho.

Depois, aproximou-se dele, perguntando-se se havia faltado com educação. Ele não teve a intenção de ser mal-educado. Mas a elefantinha estava rindo e chacoalhando a tromba de alegria enquanto o elefantinho resmungava e se sacudia para se secar. Ainda pingando, ele deu um salto e puxou Dumbo com força, fazendo-o cair todo desengonçado na poça d'água. Os outros elefantinhos logo se amontoaram em cima dele.

A sra. Jumbo, vindo pela trilha do penhasco, tocou a boca da matriarca com a sua tromba e depois foi se apresentando aos outros elefantes da manada, bramindo baixinho e entrelaçando as trombas em sinal de saudação. Ao chegar à poça d'água, seu coração se abriu como uma flor sob os raios de sol da manhã. Dumbo e seus novos amigos estavam cobertos de lama, e a alegria estampada na carinha do filho era tudo que ela desejava ver.

Eles tinham encontrado um lar.